

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PROSAS
E
POESIAS

ROMANCES
E
NOVELLAS

POR

J. Harberto de Souza Silva

J'en fais pour me Césennuyer.

GRESSET



NICTHEROY

TYPOGRAPHIA FLUMINENSE DE CANDIDO MANTINS LOPES

Largo Municipal n. 2.

—
1852.

AO

SEU DISTINCTO AMIGO

O ILLM. SR. TENENTE CORONEL

JOÃO NEPOMUCENO CASTRIOTO

COMMENDADOR DA ORDEM DE S. BENTO DE AVIZ

CAVALLEIRO DAS ORDENS DO CRUZEIRO E DA ROSA, CONDEGORADO COM A HONROSA

MEDALHA DA GUERRA DA INDEPENDENCIA

commandante do corpo policial da provincia

do Rio de Janeiro, e deputado á Assembléa legislativa

da mesma provincia



**como publica prova de gratidão e da mais sincera
e constante amizade**

O AUCTOR.

É o romance entre nós de tam moderna data que se não deve esperar por ora si não debeis ensaios (1), mormente d'aquelles que nem um interesse ou gloria colhem de suas locubrações, pois que toda a penna que entre nós se não prostitue ás paixões politicas tem de mendigar, como o desditoso Savage, um pedaço de papel em que eternise os pensamentos de uma imaginação, que Deus illuminou com os raios cheios de luz de sua intelligencia :

E a patria por quem tanto hão feito os filhos
Que digno premio lhes ha dado? A fome! (2)

(1) Seja-me licito transcrever o seguinte trecho de um escriptor que, sem que me conhecesse, me contemplou em o numero dos auctores d'esses ensaios; e ao mesmo tempo aproveitou o logar para lhe agradecer publicamente a sua bondade maior que o nem um merito de meus escriptos: « Os filhos de Sauta Cruz, diz o Sr. Victor de Canovaz, tiuham adquerido grande nomeada na poesia classica, e a litteratura romantica tambem lhes deve primorosas obras entre as quaes avultam os *Suspiros Poeticos* do Sr. Magalhães e os *Primeiros Cantos* do Sr. G. Dias. E si poucas são as novellas que as suas pennas tem escripto, ja n'esses mesmos traços de seu

(2) O Sr. V de Almeida Garret no seu poema *Canções*.

Emprehendendo a publicação de uma collecção de romances e novellas, contos e legendas (1), comecei por aquelles que, escriptos de ha muito, se achavam dispersos por varios jornaes de ephemera existencia e limitada circulaçãõ ; circumstancias, porê m, inopinadamente sobrevindas, obstem que por em quanto realise de todo em todo o meu desig-nio : satisfazer-me-hei sobre melhores auspicios ? — Deus o sabe !

So para esta pequena explicaçãõ, que não para outra cousa, lanço estas palavras ás primeiras paginas d'este livro, que lhe sirvam de prólogo ; não repetirei pois o hymno dos martyres da imprensa litteraria não subven-cionada pelos idolos da politica de hoje ou de hontem. Baldado é mostrar ainda uma vez o desapreço em que tem vegetado na nossa terra os que se dão ás lettras — voca-çãõ irrisoria ! De nossos antepassados não

pincel romantico, se reconhece a aptidãõ de seu ingenho para este genero de composições. Seu espirito melancholico e a sensibilidade de sua alma transluzem nos voos juvenis de sua imaginaçãõ. Aos Srs Norberto, Pereira da Silva, Porto-Alegre e Teixeira e Sousa, se devem alguns ensaios de verdadeiro merito. E n'esta casta de trabalhos litterarios ganhou o Sr. Macedo a corõa de romancista distincto, que orna a lyra do auctor da *Moreninha* e do *Moço louro* ».

(1) Os contos e legendas serãõ publicados ao depois.

so partilhamos a gloria e o genio, como ainda nos veio por herança a indifferença da patria. « Ninguem, diz um eloquente escriptor portuguez, joven de brilhante talento, (1) aprecia o que se consome de coragem e de esforço para resistir as lutas que assaltam qualquer vocação litteraria ; é um longo poema de soffrimento : o mundo so se lembra das agonias de um escriptor quando ellas se terminam por uma sanguinolenta catastrophe ».

Aqui, como la tambem, a posteridade admirará tanta resignação a par e passo de onerosos sacrificios, de arduas fadigas e de tanto tempo espedido em pura perda de interesses mais reaes si não menos honrosos.

Mostrava-se dom João de Castro tam desinteressado em todas as suas acções que até cortava na sua quinta de Cintra as arvores uteis para plantar e deixar vingar as de nem um prestimo (2);—quem o fizesse hoje dir-se-hia que offerecia uma satyra aos homens do tempo de agora ;—eu, si o não imitasse, não escreveria para a imprensa não politica.

Nictheroy, maio, 1852.

(1) O Sr. A. P. Lopes de Mendonça.

(2) Freire, *Vida de dom João de Castro*.

MARIA

OU

VINTE ANNOS DEPOIS

NOVELLA

Hélas ! tel fut ton sort, tel est ma destinée !

LAMARTINE.

I

O RAPTO

Where art thou, son of my love?

OSSIAN.

Aprazíveis são as montanhas da Gavia. E' de sobre suas pedras elevadas, esses rochedos enormes que sobejam ás suas encostas, e de emtorno as suas florestas, que se descobre a immensidade do oceano atlantico, que perde-se no infinito, la onde assenta-se a base azulada da abobada do céo e rara vela branca queja como o atyaty (1) que esvoaça, azas immoveis que nem trepidam, de sobre a superficie das agoas; la onde se perde o pensamento cançado de divagar...

O sol doura com seus raios animadores o fastigio das montanhas, que fumegam aqui e ali, com as covas dos carvoeiros, coroadas de penedos e restos de florestas, de matos e de capoeiras.

A briza matutina abana levemente a ramagem dos bosques engrinaldados, agita os verdejantes leques das palmeiras, desce pelas encostas das montanhas, sussurra nos valles profundos, e encres-

(1) A gaivota, assim chamada dos indianos.

pando brandamente a lisura das agoas maritimas, vae levar ao nauta, cançado de respirar a viração impregnado de sabor marinho, os perfumes das flores agrestes que convidam á vida.

Os passaros, com suas plumas variadas em cores, adejam pelos ares, como nuvem de flores, que as auras arrancam ás grinaldas das florestas e levam balouçando sobre suas azas.

O sabiá gorgeia placidamente, a paca percorre o abahulado do monte e o escamoso tatú vaga pela margem d'esses veios de crystalinas agoas que tao mesquinhos por ahi serpejam em tempos de verão, emquanto que o carvoeiro entoa suas endeixas de amor e de esperança.

De em quando a em quando ouve-se o trovão do arcabuz que os écos das montanhas repctem de maneira assombrosa, precedidos dos latidos dos cães; as aves espantam-se, ha uma pausa como se parasse a criação;—é o silencio da natureza!

Pouco depois tudo entrou em sua ordem. O sabiá prosegue em seus sonoros gorgeios. O carvoeiro entoa seus cantares. Ouvem-se de momento em momento sons compassados. Sao o ruido dos golpes do machado do lenhador que derriba o tronco das arvores annosas.

Ahi no meio das florestas elevava-se, como outras muitas, uma tosca choupana de varas tecidas e barreadas, e coberta de palhas; era a choupana de Maria, a filha do carvoeiro, que não tinha mais que tres repartimentos, uma sala acanhada, o aposento onde dormia e a cozinha; algumas gaiolas com passaros do local, alguns registos de santos da sua maior devoção, e rosarios, pendiam das paredes esbroadas; toscos trastes formavam toda a mobilia. No soalr d'essa choupana era que ella uma manlian, de olhos fitos na terra, pranteava, ao lado de uma menina que distrahidamente olhava para as arvores.

Ahi, sentada, com os cabellos esparsos pelos hombros, os olhos em lagrimas que serpejavam-lhe

pelas faces amorenadas, mas coradas como a tez delicada do jambo, um braço cruzado sobre o peito e a mão sustentando o outro em que apoiava a cabeça, ella soffria, que sua dor era grande, e de entre-vezes um suspiro, que se desenlaçava do coração, desprendia-se-lhe dos labios envolto em soluços; era um suspiro de saudade que perdia-se nos ares e que talvez so fosse respondido pelo vagido debil e fraco de um menino.

Um homem, cujo aspecto representava ter mais de sessenta annos de idade, trazendo uma vara na mão, na qual se apoiava quando tinha de vingar o escabroso da montanha, approximou-se. A menina correu para elle com um sorriso nos labios, pegou-lhe na dextra, levou a mão á boca e lhe imprimiu um beijo. Maria ergueu-se, foi ao seu encontro, tomou essa mesma mão, beijou-a, inundando-a de fios de lagrimas que desprenderam-se-lhe dos olhos.

— Minha filha! exclamou elle como que admirado.

— Ah, meu pae, roubaram-m'ò, roubaram-m'ò! dice ella na maior desesperação.

— O que, minha filha?

— Ah vós nem vêdes que elle aqui não vos espera para beijar a vossa mão, sorrindo-se pendente de meus braços?

— E' possível!

— Roubaram-m'ò, roubaram-m'ò.

— Quando?

— Esta noute passada.

— E como?

— Senti um ruido, e eram as portas da choupana que abatiam-se aos golpes dos machados! Vi vultos que approximavam-se de juncto de meu leito, e eram os roubadores que m'ò vinham buscar! Ouvi vagidos que me cortavam a alma, e era elle que chorava levado por elles! Desatinada, louca, furiosa, ergui-me, saltei, corri a elle. Eis que lançam-se dous

vultos sobre mim e me retém em seus braços de ferro, contra os quaes luctei em balde.

— E porque não gritaste?

— Suas mãos suffocaram-me as vozes na garganta.

— E depois?

— Fugiram, desappareceram, levando meu filho comsigo e deixando-me a sos com Clara, desconsolada, afflicta e sem saber de mim.

O velho entrou para a choupana, sentou-se e conservou-se pensativo por algum tempo; depois, sacudindo a cabeça, ergueu os olhos para Maria, que em pe, immovel, se conservava a seu lado.

— Não é hoje, perguntou elle, que deve chegar o teu marido?

— Hoje? balbuciou ella, olhando para a parede, onde havia traçado com carvão um risco horizontalmente, e cortado por outros perpendiculares e de differentes tamanhos; ah! ajuntou, eu perdi a conta!

— E' hoje; não ha duvida, e aqui não houve senão prevenção; José Feliciano bein t'ó havia pedido, não lli'ó entregaste, e elle pois lançou mão da violencia para havel-o; lembrou-se que hoje devia chegar o teu marido e não quiz que elle viesse achar-te com um menino que, segundo todas as probabilidades, não lhe podias apresentar como seu filho.

Um leve enrubecimento colloriu as faces de Maria, que levou o lenço aos olhos, mais para occultar seu rosto que para limpar as lagrimas, e cujo disfarce todavia procurou; o velho se callara, e por grande espaço reinou na choupana o silencio da solidão, onde tudo se ouve, excepto a voz humana, até que entrou um escravo, estendeu sobre a mesa um panno de algodão rústicamente trançado, porém alvo como o dia, e perfumado com o delicioso aroma da herva de S. João, e sobre elle espalhou alguma lousa grosseira:

pobre mesa,
Onde não tine a rica porcelana,
Nem cansa aos olhos tremulo reflexo
De burnida colher, de relulgente
Britannico saleiro (1) ;

mas onde fumegava o café, cujo aroma suave se expandia agradavelmente, emquanto que alguns beijús branqueavam sobre a toalha. O velho e a menina assentaram-se emtorno, e Maria conservou-se de pe.

Tocavam o fim do almoço quando sentiram o tropel de um cavallo, que mais se approximava.

— Alguem se avisinha, dice Pedro Rodrigues.

— E' um cavalleiro.

— E vem direito a nossa choupana.

— E' Gaetano, ajunctou o velho levantando-se e dirigindo-se para a porta.

— E' elle mesmo, murmurou ella.

— Quem, minha mãe ?

— Teu pae, minha filha.

Gaetano apeou-se, beijou a mão ao velho, beijou sua filhinha, apertou sua esposa em seus braços e entrou para a choupana.

— Descancemos por um pouco, dice elle se atirando sobre um tosco assento.

— E emquanto descanças, ajuntou Pedro Rodrigues, eu me vou por ali a lançar uma vista de olhos ás minhas carvoeiras.

— E não voltareis ?

— Depois, depois, para conversarmos.

Cobriu-se Pedro Rodrigues com o desabado chapéo e se foi arrimado ao seu bordão.

— Não vos quereis despir ? perguntou Maria a Gaetano.

— Não, respondeu elle, que tenho ainda que ir

(1) Garção, epistola.

dar contas a José Feliciano, de seus negócios e para nunca mais metter-me em outros.

— E então pelo que?

— Por motivos que depois saberás.

— Pois bem, contar-me-heis e eu vos escutarei quando quizerdes, no entanto podeis almoçar.

— Tomarei café, pouco, e comerei então na volta até mais fartar; mas tens um não sei que de triste em teu semblante, um não sei que de pesado em tuas palavras, que muito estranho.

— E eu sempre não fui assim?

— Não, Maria, não, dice elle se sorrindo, sem duvida saudades minhas...

E ella suspirou; serviu-o de café, e um momento depois Gaetano seguia caminho da Tijuca, montado em seu cavallo. Triste, afflicta e silenciosa conservava-se Maria; apenas la de vez em quando soltava um gemido, um gemido terrivel que se desprendia do peito;—era a lembrança cruel de seu filho que lh'o arrancava—, a lembrança cruel de seu filho que tanto a atormentava.

A' tarde veio o velho jantar com ella; depois caminharam pelo abahulado do monte e foram sentar-se na relva, sob a copa de uma lorangeira; o ar estava embalsamado de suas flores. Bella trepadeira se apoiando sobre seus galhos cingia-a de seus brandos liames, misturando seus rubros jasinins com as flores symbolicas da virginidade. Ahi n'um raminho, entre o enlace de verduras floridas, tinha o beija-flôr fabricado o seu ninho de fôfas painas, e guarnecido-o exteriormente com a casca da arvore, como que para não ser facilmente conhecido, e ahi mesmo, do casulo que tecêra a lagarta, se desprendia a borboleta como envolta em pintadas e longas roupas, de que pouco e pouco se foi desembaraçando; depois ergueu-as, como duas petalas de flôres agrestes, agitou-as, e, levada pelo vento, parecia uma flor aerea. La em cima de um galho que se debruçava de sobre a agoa, se embalançava o guará revestido de

negras pennas, contempla sua imagem no crystal da agoa estanque, como se recordando das bellas côres que já tivera. Outra avesinha não menos interessante, se acolhe á sua pousada de barro, similhante a esses edificios arabes, de abobadas, e com fôrmas circulares; entra a porta, e vae branda e suavemente pousar no seu colchão de molles palhinhas, e emquanto preside a incubação da nova prole, estende a garganta pela janella de sua pousada para escutar o amante, que empoleirado no raminho enche os ares de trinados (1). E ella contemplava em silencio, lembrando-se que cedo deshumana mão roubar-lhe-hia essa tão querida prole; lembrava-se e suspirava.

— Ah sempre a suspirar, dice Pedro Rodrigues, desde que o sol se eleva até que a noute cahe, desde que a noute cahe até que o sol se eleva!

— E' que meu peito, lhe voltou ella, é como essas carvoeiras, que ahi fumegam dia e noute, que pelo fumo dão a conhecer o fogo intenso que as devora.

— Sim, mas tu deves procurar a distracção.

— A distracção? E' o pezar, o pezar que como o fel da morte se me derramou no mais profundo do coração.

— Sim, que teus desgostos passados, e agora o roubo de teu filho, te devem motivar grande pezar, o que aproveita porêm choral-o assim tão continuamente? E não tens ahi no amago do coração, de envolta com esse fel, que te azeda os dias da existencia, presentimento que te diz que elle é feliz? Que alma haverá por mais maligna que seja, que ouse de fazer mal a uma criancinha? E quem rouba uma criança aos cuidados maternas senão para entregal-a a outros cuidados?

— A uma madrasta, não é assim?

(1) João de Barros,—assim chamado dos portuguezes.

— Embora. antes mil vezes uma madrastra, quando a mãe não pôde dizer sinceramente : « Este é meu filho ! » Mais alardeada vai a honra nas apparencias, que mesmo na propria honra ; é dissimulação, mas de que se compõe a vida ? E quantas madrastras não ha que dão boa educação ?

— Si ao menos eu tivesse exemplo ..

— Tu o tens em ti mesmo ; essa que cuidou de tua infancia, essa que mil vezes verteu lagrimas por ti, não era tua mãe, mas sim uma moça d'esses arrabaldes ; era por uma manhan ; senti chorar, e eras tu, minha filha, que jazias à minha porta.

— Coitada ! não era minha mãe, e morreu desgraçadamente por mim !

— O desgosto !

— Sim, o desgosto, occasionado por mim ! E minha mãe ?

— Silencio ! Seu nome e sua existencia são um segredo.

— E meu pae ?

— Tu és minha filha.

— Pobre de mim, que desde o berço que a desgraça me perseguio !

— E a mim ? Porventura nasci para consumir meus annos nos rusticos trabalhos e toseco trato de carvoeiro ? A demanda !... Maldicta hora da vida em que metti-me em tal !

— São peccados proprios ou herdados que nós pagamos com a existencia de miseraveis pobres.

— Emfim, minha filha, roguemos a Deos, ja que a sua misericordia é infinita, a sua protecção para Henrique.

Levantaram ambos os olhos para o céu, e pareciam que imploravam a protecção divina, no entanto a noite adiantava-se envolta em véos de trevas, e o céu se obscurecia com a agglomeração de negras nuvens ; a tempestade bramando, lá se erguia do infinito das agoas, medonha e ameaçadora ; apressaram-se pois em deixar esses logares, chamaram

por Clarita, que andava a formar ramalhetes de flôres agrestes, que soem crescer por essas montanhas enchendo os ares de seus perfumes esquisitos, e tomando-a pela mão caminharam ; seguiu Pedro Rodrigues via da sua choupana, e sua filha entrou com a sua neta na sua pobre e velha choça, silenciosa, atormentada, não já por um pensamento, mas por dous :—seu filho e sua mãe !

E a tempestade era terrivel ! Distinguia-se distinctamente uma linha que dividia o oceano ; era a chuva que cahia em catadupas, que se despenhava da Ponta-grossa com murmurio, e atravéz de seus véos de crystaes se descortinava a outra parte immensa das agoas maritimas limpidas e reflectindo o sereno azul da abobada celeste, e uma vela branqueava n'esse azul, como o alcyão pousado e immovel sobre as ondas. De momento em momento um clarão rapido refrangia-se nos chuveiros ; fitas de fogo avermelhadas, como cordões de sangue, desprendiam-se das nuvens, cruzavam-se nos ares, emmaranhavam-se nos bosques e desapareciam ; então troava o trovão, com som de voz horrendo, então rugia o mar funebremente em seus arquejos ; as arvores, tremulas de horror, com suas frentes desgrenhadas, pareciam gigantes que dançavam ao som do furacão que sibilava horripelmente ; os écos repetiam uns após outros, em cadencia infernal, o cantico da destruição ! So o gigante da Gavia, immovel no meio de suas montanhas, com seu distico mysterioso, parecia zombar da tempestade. Estreitada Maria com sua Clarita, orava, prostrada ante uma imagem de sua devoção ; palavras mysticas, cheias de unção, se desprendiam de sua boca, e a filhinha abraçada com o ramo de flôres, repetia palavra por palavra as suas orações.

Era noute e a tempestade ainda durava. Cansada de esperar por seu esposo, recolheu-se ella a seu leito, com sua filha, que já dormia com o ramo de flôres apertado ao peito. E ahi sobre o leito, em

joelhos, mãos postas e olhos erguidos para o céu, encommendou a alma ao senhor e pediu a sua protecção para seu filho, o seu innocentinho Henrique, e depois cahiu sobre as palhas de seu leito e adormeceu.

Dormia pesado somno; pesado como de um pesadello; pesado, que mais fadiga é que repousar o dormil-o, quando a despertaram repetidas pancadas na porta e latidos de cães, que depois se aquietaram; e a chuva cahia ainda saltitando sonoramente no sapè da palhoça.

— Quem bate ahi?

E o murmurio da chuva que se despenhava, e o sibillo do vento que passava.

— E' o vento, dice ella comsigo, voltando-se para o outro lado, como que para dormir de novo, mas as pancadas na porta se renovaram.

— Quem bate ahi? interrogou ella pela segunda vez.

— Gaetano; abre, Maria.

Levantou-se, feriu fogo, acendeu a torcida da candeia, abriu a porta, e Gaetano entrou se desenvolvendo do ponche humedecido da chuva, e o arremessou sobre uma tripeça, sacou a faca das botas e lançou-a sobre a mesa.

— Pensava que não vinheis hoje.

— E entretanto aqui estou.

— Apanhastes muita chuva?

— O ponche está ensopado.

— Recolhestes o cavallo á estribaria?

— Sim, mas não o desarreei, que talvez ainda sáia.

— Hoje?

— E porque não? Por agora estou fatigado, quero descansar algum tanto; tenho fome, quero comer alguma cousa.

— Temos um resto do jantar, dice ella estendendo um panno sobre a mesa; é um quarto de paca, alguma farinha e um pouco de vinho.

Sentou-se Gaetano á mesa e se pôz a comer como um faminto, a mais fartar, e a beber como um sequioso, a mais não poder, e sua consorte a seu lado, pouco distante, olhava para elle tristemente.

— Approxima-te dice elle, que tenho que dizer-te.

— Eis-me juncta de ti, respondeu ella, arrastando uma banca e sentando-se.

— E' uma historia que te quero contar.

— Ouvil-a-hei com prazer.

— Sim bom é que te distraias da melancolia que te pesa sobre as faces e do silencio que te prende oslabios.

— Começae.



II

UM CONTO

In vain, alas, in vain!
CAMPBELL.

« —Havia na Gavia, dice Gaetano, certo homem casado, a quem a esterilidade de sua mulher assegurava que não teria filho algum, de sorte que estavam isentos d'esses incommodos que tanta gente aprecia; ao menos sendo pobres, de tão ricos que eram, criam-se felizes, si bem que a mulher desejasse, lá um dia por outro, ter um filhinho com quem prodigalisasse os seus carinhos, como se o marido não pudesse servir algumas vezes de criança e divertil-a por alguns momentos; mas emfim, vamos ao que serve. Indo elle á caça com alguns companheiros, desencaminhou-se e perdeu-se lá por capoeiras da visinhança da cascata da Tijuca, e por ahí divagou horas inteiras em procura de uma picada que o conduzisse a descampado ou habitação; havia caminho andado dos trilhos embaraçados, quando descobriu um claro, por onde o sol vinha enfiando seus dourados raios, e sahindo e descobrindo campo, viu ao longe uma como choupana e mais

perto um regato que escoava-se tão agradavelmente, que em suas agoas espelhavam-se as flores, as arvores e penedos de suas margens, e lá n'um remanso ensombrado por mangueiras com suas frondosas copas, como zimborio, de verdura, junto de uma pedra que atravessava a torrente, descortinou que alguém se banhava e aproximou-se; distinguiu os cabellos espalhados e longos que debruçavam-se-lhe pelo collo que era d'um amorçado gracioso; não havia duvida, era uma moça, uma moça que ao vel-o soltou um grito de surpresa, saltou sobre a pedra, tomou as roupas que ali deixára, envolveu-se rapidamente n'ellas e procurou occultar-se por detraz de um dos troncos das mangueiras, ao pé do qual se elevavam algumas teriricas que mais e mais a favoreccram.

« O caçador não exitou nas tentações que suggeriu-lhe o inesperado encontro, e não respicando tanta timidez nascida do pondunor, dirigiu-se direito para ella como a setta disparada do arco; dir-se-hia que elle corria atrás de uma paca, e quanto mais elle se approximava, tanto mais a moça tiritava, como tabocas balançadas pela viração da tarde. Depois retumbou nas selvas um gemido doloroso! Oh a desgraçada estava perdida para todos os dias de sua vida, para todos!... Passados nove mezes, já quando esse homem se não lembrava d'essa moça, que o acaso tornou victima de um amor gerado n'um momento e n'outro momento extinto e talvez para sempre, e a quem elle havia arremeçado e com desdem um simples anel, como que para lembrança da desgraça que lhe motivara, eis que ouviu ao abrir certa manhã a sua porta, descompassados vagidos, e descobriu ha pouca distancia, sob uns cafezeiros, uma criancinha envolvida em baetas.

«—E' teu filho, bradou-lhe a mulher.

«— Não, não, dice elle, querendo affectar tranquillidade, e cu o juro por...

«— Não jures, atalhou ella; desde os pés até a cabeça que é todo teu retrato!

« — Não jures, que ha outras provas que o demonstram.

« — E que provas ?

« — Olha, dice ella, o que pende d'esta fita que elle traz atada ao pescoço ; — o anel, que tu perdeste na caçada !

Maria corou olhando para o anel que ella tinha n'um de seus dedos ; não desconheceu Gaetano a perturbação, disfarçou porêm, e lançando vinho ao copo, virou-o de golpe.

— Ou este ou o de Chypre !

— E depois ? interrogou Maria.

— Ouve-me e deixa-te de interrupção.

— Continuai, dice ella suspirando.

Gaetano proseguiu.

« — Esse anel, voltou-lhe o marido, poderia ter sido achado por alguém.

« — E depositaram-na aqui e com elle ! Que de coincidencias !... Pois bem, bradou ella com arrogancia, pois bem, uma faca ! Tu me negas a verdade e tua consciencia vae ser em breve dilacerada pelo remorso do homicidio ; mas se m'ò confessas que é teu filho, cuidarei eu d'elle, pois estimava mesmo ter uma criança com que me entretesse, uma so, sem mais exemplo... porêm, se não é teu filho, já a faca na garganta, que o degolo.

« — Perdão, dice elle, perdão, que te fui infiel uma hora ! N'uma hora, em que sacrifiquei uma donzella ao meu desvario ; e o acaso, o encontro, deu-me este filho...

« — Desgraçada ! Como chamava-se ella ?

« — Catharina.

« — A filha de Joaquim Antonio ? ! Desgraçado, desgraçada, desgraçados vós ambos ! Por um momento de loucura, por uma alienação de amor ! E entretanto as suspeitas recahiram na innocencia, em quem a dextra do pae presumiu, mas em vão, vingar a honra da filha ! Tres dias e tres noites, sem comer, velando a sós, á espera de sua victima, que

não era culpada, e uma noute o raio que parte de um punhado de arvores, o grito que resoa nos arcs, o vulto que foge, e lá mais distante, o cadaver que cahe...

« — Perdão, perdão, clamava elle em joelhos, e silencio! O mal não tem remedio, e eu farei penitencia, ouvirei tres capellas de missas pela alma do morto, assassinado por minha culpa, e pedirei remissão a Deus de meus peccados.

« — Pois bem, silencio !.: Ve, porém, e acautelate que não somos só nós que ignoramos essa fatalidade; quem lançou essa criança á nossa porta, sabe muito bem o que tu és d'ella.

« E ao curarem da criança, conheceram que era menina e baptisam-na com o nome de Maria. »

Suspirou Maria e Gaetano proseguiu.

« A uma escrava, que criava seu filho, deram-na para amamental-a, e enquanto ella crescia e desenvolvia-sc, o triste do pae passava os dias em orações, as noutes em penitencias, e ia á missa todas as segundas feiras pela alma do finado.

« Os annos eram idos, que rapido vae o tempo sem o sentirmos, contados um a um os segundos e marcados pela mão da morte, e em noute de natal, em que toda a choupana do carvoeiro retinia com os sacros hymnos entoados por diversas pessoas que ali concorriam para ver um presepio toscamente levantado no canto da sala, um malvado procurava todos os meios de seducção para illudir uma menina morena, tão bella e tao simples, como essas flôres sem nome de sua patria, que desubrocham rescendentes de perfumes. Conseguiu attrahil-a ao caramanchão, onde pendiam os rouxos martyrios e os pomos verdes e amarellos, e que ficava ha pouca distancia, mas seus esforços foram baldios, que essa menina em cujos olhos brillhava a vivacidade da mocidade, se bem que inexperiente, era ainda muito casta e candida para deixar-sc levar de suas promessas e vêr-se depois desamparada e infeliz sobre

a terra, sem arrimo, e sellada com o ferrete da deshonra, que a envergonhasse aos olhos do mundo.

« Rico e poderoso, temido entre os pequenos, como todos esses tyrannos e ambiciosos senhores que por ahi avultam, era elle muito altivo e sagaz para recuar ante a impossibilidade de levar com seus intentos por diante, por mais torpes que fossem, e pois jurou para logo sobre esse peito que palpitava de innocencia e singeleza, que dia viria em que teria por seu o triumpho.

« Elle o jurou, e assim havia de ser. Tinha elle por administrador de suas terras a um estrangeiro, natural de Cerenza, na Calabria, a quem prometteu a sua protecção, terras e dinheiro se quizesse fazer a felicidade de uma menina, que era filha de um carvoeiro, que elle estimava por sua honradez, pois era homem que ja tinha tido muito de seu, e que depois ficara em miseria, e cuja mulher era muito da affeição de sua consorte. Nascido em paiz de indigencia, viu o pobre calabrez pela primeira vez a felicidade sorrir-se-lhe benigna na terra estrangeira, lembou-se de seu pae, de sua mãe e irmãosinhos que deixava la tão longes, remotos, nas maiores pobrezaas, e chorou; chorou, porque o calabrez com a sua alma de bronze tem tambem seus sentimentos de homem; aceitou pois a sua protecção, recebeu uma velha choupana para a sua morada, algumas braças de terra para lavrar e a mão d'essa menina que se lhe promettêra por sua companhia.

« Por algum tempo viveu elle feliz, no seio de sua familia, vendo-se retractado nas feições da filha que lhe deu Deos, dez mezes depois do seu consorcio; cultivando suas terras, derrubando capoeiras e formando covas de carvão; vivia assim, quando uma manhan recebeu um recado d'aquelle de cujas terras fôra administrador e a quem era tão obrigado, que o chamava á sua presença para lhe communicar noticias de maior interesse.

« Elle o jurou e assim havia de ser, embora ti-

ressein-se passado tantos mezes! Coração damnado, dormia e despertava com a idéa de encher um juramento tão torpe em suas consequencias! Na boa fé dos homens de bem, eil-o que deixa a choupana, as terras, as carvoeiras, a esposa e a filhinha, e la se vae a longes terras a empregar-se no trafico de africanos buçaes.

« E durante a sua ausencia, essa depois que era sua companheira, essa que era mãe de sua filha, e que havia resistido aos intentos do malvado que pretendeu seduzil-a, deixava-se levar de suas persuasões, esquecia-se de seu esposo, como se elle já tivesse baixado á valla dos mortos ou não tivesse de voltar para pedir-lhe conta de seu procedimento, e tinha um anno depois um filho. Espalhou-se o boato por toda a parte, como o clarão da tempestade; aquella que a educára como sua filha, tamanha paixão concebeu que veio a succumbir dentro em tres dias á violenta febre; mas não a perseguiu o remorso do crime, o pae de seu filho continuou a ter entrada em casa, e um dia, eil-o que cessa de vir, porque os dias estavam contados, e uma manhã eis que essa mulher perfida acorda despertada pelo ruido de suas portas, que cahem aos golpes do machado e pelos gritos de seu filho que lhe roubam.

« E esse homem que sabia de tudo quanto se passava em sua choupana durante a demora por longinquas paragens da costa, pedia nas suas orações a maldição do céo para José Feliciano, e jurava morte a sua esposa. »

— E esse homem sou eu, Maria! dice elle concluindo a sua fatal historia, erguendo-se, precipitando-se sobre a sua faca e arrastando pelo braço a misera esposa.

— E esse homem sou eu!

— Perdão! exclamou ella.

— E essa mulher és tu!

— Perdão, em nome de Deos, perdão! Em vão,

em vão, ah, em vão luctei eu, mas fui vencida; gritei, mas a quem me soccorrer? Achei-me a sós com homem tam terrivel!... Tua vingança para elle que não para mim, Gaetano!

— Para elle a maldição do céo, a minha praga no furor de minha paixão; Deos vingar-me-ha! Para ti a minha desaffronta! — a desaffronta é — a morte!

— Perdão! perdão! bradou ella levantando os olhos para o céo e querendo ajoelhar-se, mas de repente, por um movimento rapido lançou-se, desembraçando-se de seu assassino, no aposento, sobre a cama da filhinha. Gaetano tomou a candêa, seguiu-a, ah, ella abraçava-se com Clarita, banhando-a de suas lagrimas; mas o implacavel calabrez tinha alçado o seu punhal e deixado cahir sobre o collo de sua esposa...

Um grito de horror que foi longe, um ai de morte que falleceu ao desprender-se dos labios, retumbaram por toda a choupana. Gaetano saccava o ferro tincto de sangue ainda fumante, quando a filha despertando, abriu os olhinhos, e um sorriso lhe roçou as faces; e estendeu o braço para elle como lhe offertando o ramallete de flores. Eriçaram-se-lhe os cabellos, gelou-se todo, e a candêa escapou-se-lhe da mão e apagou-se.

Ouviu-se pouco depois o trotar de um cavallo, o latido de cães e depois um trovão.

Era elle que se havia perdido entre as trevas da noute, como o relampago; era a tempestade que tinha soltado o ultimo bramido.



III

VINTE ANNOS DEPOIS

..... E para longe,
E bem longe de Clara, como um sonho,
Sumiu-se.....

A LOUCA.

Vinte annos!... Que longo espaço para rapidas e successivas mudanças do tempo! Como a esses guerreiros que moços e robustos partiam para a Palestina e quando voltavam vinham cançados e cobertos de cans, que perguntavam: —Onde está meu pae? — E lhes mostravam um tumulo. Que perguntavam: —Onde está minha mãe? — E lhes mostravam outro tumulo. Que perguntavam: —Onde está minha casa? — E lhes mostravam uma arvore. Assim, a quantos se não poderia responder da mesma fórma, se iguaes interrogações dirigissem aos habitantes da Gavia?

Vinte annos eram idos, vinte annos tinham se sepultado na eternidade do passado, e já nem vestigios existiam da choupana d'essa infeliz Maria, a filha do carvoeiro; se alguem, que tinha ouvido pronunciar seu nome, narrar suas desgraças e der-

ramado uma lagrima por ella, perguntava pela sua choupana, uma mão apontava para uma capoeira.

Subsistia todavia a choupana do velho Pedro Rodrigues, vinte vezes deteriorada pela mão do tempo, outras tantas reparada pela mão do homem, até que se anniquilasse de toda, e, ou outra se levantasse em seu logar, ou uma capoeira. Ahi, sobre o solar do albergue, foi que vinte annos depois da catastrophe de Maria, viu Clarita rebentar sobre a costa o medonho furacão, cujo sopro submergiu diversas embarcações e desarvorou outras: foi ahi que viu um navio impellido pelo furacao, varar-se pela terra e fazer-se em pedaços que os vagalhões arrebataram como presas que lhes pertenciam; cahindo em joelhos, seus olhos se ergueram para o céu e ella subiu sua alma a Deus pedindo pelos naufragos; breve, porém, a noite inundou os ares de trevas, e nada mais pôde ver; consolou-se com orar, ao lado de seu velho avô e Catharina sua esposa. O dia seguinte ainda não bruxuleava no horizonte e já os habitantes da Gavia corriam á praia, lá onde esse ribeiro que se revolve em seu leito de lodo entra no mar, em que se perde, para vêr um moço que dava signaes de vida e que fôra pelas ondas regeitado; leme... mastro... cabos... taboas... juncavam a praia... Dizia-se que toda a tripulação e passageiros, de que esse moço fazia parte, haviam perecido.

Tres dias, quatro dias, cinco dias se passaram e ainda o naufragio era o assumpto das conversações entre todos os habitantes e em todas as choupanas. Cada qual apressava-se em contar aos hospedes as promiscuidades de tam deploravel acontecimento, e ao viandante se perguntava:

— Já sabeis do naufragio?

Era a novidade do tempo que corria de boca em boca adornada dos atavios das imaginações por que passava.

Havia o moço tornado á vida e se restabelecia, quando uma tarde, Pedro Rodrigues encostado a

seu bastão, conduzido por sua esposa, e acompanhado por Clarita, que caminhava descalça, e cuja physionomia tinha um não sei que de belleza e de simplicidade que encantava, desceram os ingremes trilhos da montanha com o maior cuidado, e foram bater á porta da choupana a visitar o naufrago.

Offereceram-lhe assento e elle assentou-se com a sua esposa e a sua neta ao lado do moço.

— Vinde visitar-me ? perguntou elle.

— E' verdade, meu filho, sou humano e compeço-me dos naufragos ; a todos fecharia a porta de minha palhoça, menos ao naufragado.

— E já naufragaste ?

— Nunca sahi do Rio de Janeiro.

— Feliz homem ! Nunca entregou-se ao edificio errante, fabricado pelas mãos dos homens e arremessado ás ondas, que rege o acceno de Deos e que em vão o espirito humano intenta encadeal-as ao jugo de seus dominios, dando leis á terra e pondo freio aos mares. E' a tempestade o acceno de Deos, e contra ella o que aproveita oppôr barreiras ?

— E' assim, meu filho, dice o velho, e calou-se ; vendo porém que o moço nada mais dizia, proseguiu : E d'onde vindes ?

— Da Bahia, d'onde partimos n'uma sexta feira.

— N'uma sexta feira ! Dia aziago para os marittimos.

— Bem aziago ! Ainda não havíamos perdido a terra de vista, que já o sangue do homicida inundava o convez do bergantim.

— Alguma desordem ?

— Dous marinheiros, que insultando-se mutuamente, puxaram das facas e atiraram-se um contra o outro ; foi em vão que buscou-se apartal-os ; lucta renhida, não havia ahí mais que a destruição de um para decidir d'ella ; emfim, um d'elles cahiu sem vida, ferido a toda a faca, perto da clavicula do lado direito, entre a primeira e a segunda costella verdadeira, e o outro precipitou-se ás ondas, que o sub-

verteram. A' essa scena de horror, bradou o mestre com som de voz terrivel :

— Agouro! Agouro!

— Perdemos a Bahia de vista, e quando começavamos a enxergar o *Gigante que dorme*, o tufao que rebenta e nos impelle sobre a costa!

— E sois natural da Bahia?

— Não : que nasci eu n'estas montanhas, a cujas faldas me regeitaram as ondas como morto.

— E vosso pae?

— Ah! seu nome é um segredo!

— E vossa mãe?

— Nunca m'ò souberam dizer quem era ou nao quizeram.

— Tanto mysterio envolve o vosso nascimento!

— Sei apenas que vi o dia n'estas montanhas; ouvi dizer o nome de meu pae, mas jurei não divulgá-lo; nem eu mesmo nunca vi-o, e vel-o ou não vel-o, é o mesmo, que não o conhecerei; sei que é rico, pois que d'elle recebi uma educação que nao é lá das piores, e ainda continuo a perceber me-zadas por sua conta; e quanto a minha mae... ha um mysterio, um mysterio profundo que em vao tenho sondado... Sem duvida sou filho de alguma personagem illustre pelo seu nascimento, mas não sei porque me desdenharam de manciara que nao conheço meus ascendentes, pois que fui roubado em tenra idade a minha mãe.

— E como vos chamaes?

— Henrique.

— Henrique? repetiu o velho apoiando-se no castiço e querendo ergner-se. Henrique!

— Por ventura me conheceis?

— Um momento, meu filho, um momento a sós convosco e sabereis tudo.

— De vós?

— Sim, de mim, que para estes logares vim em minha mocidade, e ha que tempos vae isso! Olhae :

oitenta e cinco annos hão passado sobre a minha cabeça !

— Que longa idade !

— Vós sabeis o nome de vosso pae, pois bem, por elle sabereis que não vos direi senão verdades ; mas antes de começarmos a nossa pratica a sós, convém que me digaes se tendes noticia de um cordãozinho de ouro com um signo de Salomão, com que fostes roubado.

— Basta ! dice Henrique abrindo a camisa e deixando ver o cordão com o signo, que lhe pendia do pescoco : vós sabeis de tudo !

Abragou Henrique o velho octagenario e pediu a todos quantos o rodeavam que lhe concedessem vagar para a conferencia que desejava ter com elle ; o que annuiram e retiraram-se todos para o terreiro, onde conversavam alguns roceiros assentados ou em pé.

— Ora, e esta ? dizia um d'elles, quer este homem, minhas senhoras donas, fazer-nos acreditar cousas impossiveis e até hoje ainda não vistas.

— Não vistas ? Dou-vos minha palavra que vi eu, e vos prometto trazer uma para destruir tanta incredulidade.

— Diz elle que a lagarta fabrica o casulo, que do casulo sahe a borboleta, que é a propria lagarta que ahi se desenvolve.

— Até ahi não ha novidade, accrescentou um d'entre elles, cujas brancas lhe alvejavam a cabeça.

— Não ha, exclamaram todos a um tempo.

— Pois sim, continuava o outro, não ha, porém o que eu não creio é que essa borboleta torne-se dias depois em beija-flôr !

— Que ! dice o velho, será possivel que eu ainda não visse similhante phenomeno ! pois olhae que não é de hontem que datam as minhas caminhadas pelos matos ; que me digaes que vistes galhos de cafeseiros transformados em bichos, creio, que vi-o

eu, mas borboletas em beija-flôr, bofé que não, meu amigo. E poz-se a rir.

— Aposto eu que tambem negareis que o cambotá anda em terra tão senhor de si como n'agoa, não é assim?

— Acreditamos, voltou-lhe o outro, e porque não? Ora, depois da borboleta-beija-flôr, que ha mais que admirar...

Rizadas estrondosas cobriram a voz do ultimo que fallava; o outro desconfiando pegou em seu chapéo e retirou-se.

— Vamos ao café! dice um.

— Ao café! bradaram todos correndo para a menina, que trazia algumas vasilhas com café, que se apressaram em tomar.

Emfim, havia o tempo corrido e já approxima-va-se a noute, quando Pedro Rodrigues dando por finda a entrevista pediu ás pessoas que se haviam retirado que entrassem.

Apertou Henrique a ingenua Clarita em seus braços imprimindo-lhe ternamente um beijo n'aquellas faces moreninhas.

— Teu irmão, minha filha, dice o velho.

— Ah, é este, meu avô, voltou ella apertando-o mais e mais em seus braços, aquelle de quem tantas vezes me fallastes? Oh, meu irmão! Quantas e quantas vezes não repeti teu nome com as lagrimas nos olhos e a dôr no coração!

— E talvez esses instantes, ajuntou elle, fossem aquelles em que meu coração cahia de subito em abatimento de tristeza e soltava um suspiro involuntario; era um éco que repetia, era uma corda que ferida após outra dava o mesmo som!

Lançou o velho a sua benção à Henrique, e retirou-se; um moleque caminhava ante Pedro Rodrigues, Catharina e Clarita, com una vela acceza levando a mão com os dedos cerrados adiante para que não a apagasse o bafo da noute, e viu-se por algum tempo essa luz ora desapparecer, ora appa-

recer por entre a folhagem dos arvoredos, como a estrella que some-se, que surge entre o véo das nuvens, e que depois desaparece de toda. E assim iam todas as tardes a visitar o joven Henrique, e assim voltavam todas as noutes para a choupana, até que restabelecendo-se o moço, os veio visitar, protestando que todas as vezes que podesse viria à Gavia para vel-os.

Abençoou-o o velho e montando elle n'um luzido cavallo seguiu caminho da côrte; Clarita na janella, que descobria longe, com a cabeça apoiada no braço, alongava os olhos pelos trilhos e via de quando em quando, lá entre a ramagem das arvores que rumorjava o vento, o vulto que balançando ausentava-se mais e mais, e depois sumiu-se; seus olhos alçaram-se-lhe para o céo, e ella suspirou.

Era um suspiro de amor e de sandade!

— Se elle nao fosse meu irmao! murmurou ella.

E o cavallo de Henrique caminhava, ora descendo esses trilhos arripiados de soltos penedos, ora subindo, e em breve achou-se na Boa-Vista.

Ahi sobre esse alto, d'onde tudo é bello e grande, rico e magestoso, divisou a cidade do Rio de Janeiro, com suas torres, com seus edificios de diferentes fórmas, mas mesquinha e pequena no meio do grandioso espectaculo da natureza que se desdobra com tanta pompa; aqui o rochedo enorme, coroadado de nuvens coloridas pelos ultimos raios do astro do dia, lá uma cadêa prodigiosa de montanhas de pinaros mais ou menos elevados que a orgãos se assemelham e que se estendem como uma phalange de gigantes, sob esse pavilhão immenso, essa aboboda de saphyra, cujas nuvens se ensanefam e se tingem de rubro com a luz do sol do occidente, tendo a seus pés essas ondas azuladas de um mar de ouro, que como uma campina se dilata, surrindo-se ao beijar da brisa vespertina; divisou, mas seus olhos se voltaram para

.....o eimo da Gavia alcantilada,
 Só de vento, de raios e de chuva
 Habitado!.

(1)

que elle ia perder de vista ; se voltaram, e duas lagrimas de saudade e de amor lhe desceram pelas faces.

— Se ella nao fosse minha irmã ! murmurou elle.

E perdeu a Gavia de vista.

Tinham decorrido alguns mezes, havia-se Pedro Rodrigues separado de sua neta, que elle tanto estimava, e que entretanto era preciso resignar se a ajuntar mais este desgosto aos que já soffrêra, vivia pois na companhia d'essa Catharina, cuja affronta reparara, e que era sua inseparavel amiga ; no accaso da vida, a fortuna lhe fez deparar com essa alma caritativa que o ajudava a supportar o peso de oitenta e cinco annos de existencia tao cheia de desgostos e dissabores; alguns mezes se haviam decorrido e ainda Henrique nao havia voltado para vil-o visitar que desde o dia de sua partida nao houve saber mais d'elle ; apenas Clarita o vinha ver quando lhe era dado, e distrahir-o de suas meditações que ja não eram d'este mundo, e interromper o fio de suas orações ; e suas palavras eram de consolação para o octagenario, que lhe retribuia com conselhos cheios da experiencia de longa vida, e das virtudes praticadas em emenda de erros que a idade fogosa da mocidade lhe originara.

Uma noite, a sós com sua esposa e um velho negro que ainda o servia, ou, para melhor dizer, ambos se prestavam mutuos soccorros, orava Pedro Rodrigues, todo compenetrado de idéas sublimes, que ainda rolavam na sua fria imaginação ; sua alma divagando pelo infinito se infundia em mysticas e melancolicas meditações, quando de repente ouviu fóra da choupana e ha pouca distancia, vozes confusas que se trocavam, ruido de armas que no embate re-

(1) M. de Araujo Porto Alegre.

tiniam; tremulo, chegou-se á porta, apoiando-se no bastão e distinguui na diaphana escuridão da noute grupos cujos vultos se moviam como que se lutassem renhidamente; depois sentiu trotar de cavallo e d'ahi ha pouco viu que um cavalleiro que mettia o cavallo sobre elles, entrava na luta. Era em vão que elle os pretendia apasiguar apartando-os; um já estava por terra e quatro ainda sobre elle procuravam suffocal-o.

— Quatro contra um? bradou o cavalleiro sacando uma pistola dos coldres e engatilhando-a ligeiramente; quatro contra um é a mais infame de todas as cobardias! Ou morrer pela bala ou separar-vos!

E o raio partiu sobre o grupo; ao estampido do trovão se ergue o cavallo, joga com o cavalleiro e desaparece; e um gemido se desprende do meio dos vultos que se dispersam ficando um prostrado.

Pedro Rodrigues, sua esposa e o velho negro, em pé na porta da choupana, tiritavam de medo, se persignavam e resavam.

— Quem és tu? interrogou o cavalleiro se aproximando d'aquelle que tinha salvado e que tao denodadamente lutava braço a braço contra quatro? nunca homem tão só entrou em luta tao desigual;

— Ah! respondeu elle com voz de quem agonizava, estou todo coberto de feridas, que me esfaquearam a faltar! Chegastes tarde, cavalleiro, para salvar-me a vida, chegastes cedo, porém, para salvar-me a alma e ouvir minha confissão, e communical-a depois a algum sacerdote que me absolva. Metei a mão na minha algibeira aqui do lado esquerdo e tirae alguns patacões para mandardes dizer missas para minha salvação.

Ajoelhou-se o cavalleiro junto do ferido, que começou a sua confissão:

— Eu sou, dice elle, Gaetano o calabrez....

— Gaetano! Gaetano o calabrez! exclamou o cavalleiro, que cu salvasse similhante homem! Tu és Gaetano, ah, e eu sou aquelle menino que fui

roubado da tua choupana ! Tu és Gaetano, o assassino da filha do carvoeiro, oh! minha pobre mãe!..

— Que ! vós sois de veras Henrique ?

— Sim, Henrique, Henrique Feliciano, que jurou vingança pela morte de sua mãe.

— Desgraçado, assassinastes a vosso proprio pae!

— A meu pae ? interrogou elle atterrado.

— Sim, vêde aquelle cadaver prostrado pelo tiro de pistola que sobre elle disparastes, é José Feliciano !

— Meu pae ! meu pae !

E Gaetano revolvia-se, voltando-se sobre si mesmo, rolando pela terra, agarrando-se ás hervas, debatendo-se com as ancias da morte.

— O crime punia o criminoso ! Estou vingado ! bradou elle soltando o ultimo arranco.

— Meu pae ! meu pae ! Assassinei meu pae ! clamava o misero filho sobraçando o cadaver de José Feliciano, inundado de sangue, e com tal accento de dôr e de desespero que commovia.

— Sim, teu pae, gritou com voz tremula e ronca um vulto que trazia uma candêa, cujo pallido claro bruxuleava augmentando o horror d'essas scenas de sangue ; sim, teu pae, que se tinha casado ha dous mezes com tua irman !

— Justiça de Deos grande ! exclamou Henrique, cahindo desmaiado a seus pés.



IV

CONCLUSÃO

No dia 2 de julho d'esse anno, certa senhora, acompanhando um velho que arrastava-se a cada passo que movia, e seguida de outra mais moça e coberta de dó, paravam ante um cubiculo da Santa Casa da Misericórdia e contemplavam tristemente um joven que ahi estava encarcerado.

— Ah! exclamou elle, eu matei meu pae!

E terrivel gargalhada desprendia-se-lhe dos labios.

— Pobre Henrique, dice a moça enxugando os olhos, está doudo!

— Doudo! doudo sem mais esperança de salv-o, ajuntava o velho com magoa, e para sempre doudo!...

Gavia, 1842.



JANUARIO GARCIA

OU

AS SETE ORELHAS

ROMANCE

Yo contra todos y todos contra yo !

VIRJO ARIAS.

I

ONDE ESTARA' ELLE ?

Onde?— Na eternidade!.....

MAGALHÃES.

... Malheur á vous, malheur, ames damnées !

ANT. DESCAMPS.

Era noite ;— e em casa de Januario Garcia tudo estava mudo e melancolico ; ali, na rica sala apainhada e trastejada á antiga portugueza, tudo respirava silencio como em velho templo esbroado e decaído... Apenas escaça e tremula luz do candieiro, que bruxuleava já á mingoa de oleo, pallidejava nas empoeiradas paredes.... Apenas lá, de quando em quando, suspiro doido ou languido gemido, quebrava o silencio da tristeza, em que tudo parecia repou-sar....

Era elle ; era Januario Garcia que suspirava, que genia de dôr, de saudade e de incerteza !

Pobre pae ! Havia tres dias, que o illustre sorocabano, sentado n'uma cadeira, reclinado nos negros braços de jacarandá, com a cabeça esquecida entre as mãos, e todo recolhido dentro em si, meditava profundamente, mergulhado nos mais tristes e torvos

pensamentos. Si quer, lá de vez em quando, como que despertando de profunda lethargia, voltava os olhos para a filha, que a seu lado acompanhava-o na tristeza e melancolia, e suspirava. Olhava ella ternamente, e respondia-lhe ao suspiro com ai ainda mais pungente; que ai era esse despegado do coração angustiado com o repassar de tristes amarguras; ai, que ia longe, lá onde o pensamento se perdia, baldado conjecturar; e após, deixava que languidamente dobrasse ella a cabeça contra o collo, como que para chorar; que nem lyrio, que debruçando-se de sobre a haste, inclina o caliy, entornando as gottas do orvalha da madrugada!

O relógio soou por doze vezes.

— Meia noite, dice Januario Garcia, erguendo-se com impaciencia. Meia noite, e elle ainda não veio, e ainda esperal-o-hei, e não virá! Ha tres dias, ha tres noites a esperal-o aqui, a contar uma por uma as horas que me vibram n'alma a desesperação; a olhar a porta, e parecer-me vel-o entrar! Mas em vão, minha Paulina, o tenho esperado, e em vão esperal-o-hei talvez para todo o sempre! Ah! que ancisar de vel-o! E no entanto, tu, minha filha, nada contar-me-has? E' possível que nada por ti conjectures, que nada desconfes?

E abundantes lagrimas desciam dos olhos da donzella, serpeando-lhe pelas bellas faces, que eram de carmesim, apagado e perdido no alvorecer da delicada tez.

— Sempre a chorar e a gemer, Paulina! Ah! por vida minha, que isso me constrange ainda mais!

— E o que hei de eu fazer? Que direi, que conjecturarei, que desconfiarei, no meio de tantas incertezas, que qual mysterio nos cingem? Fui eu por ventura algum dia a depositaria dos seus segredos? Não; e pois, nada mais sei que meu pae. Não lhe ignoro as aventuras das caçadas, e as apostas nas corridas com os companheiros, que tudo era narrar-me elle os seus triumphos.

— Porém, acaso nada te confiou na vespera d'essa madrugada em que desapareceu? Algum tanto reservado comigo, muito mais que franco para contigo, talvez que por uma ou outra palavra se dêsse a perceber?....

— Nada absolutamente.

— Durante esse dia, conservou-se triste e pensativo, com a cabeça elevada para o céu, como que preocupado por pensamentos que não eram da terra, e sem ousar de dar uma palavra, como extasiado com o que lhe passava na imaginação.

— Assim também o vi eu, e tanto que lhe perguntei: «— Porque estás triste? Qual é o teu pensamento?—» E elle nem si quer me respondeu; porém, suspirou; e percebi que soffria, que um não sei que de cuidadoso o atormentava. Interoguei-o de novo; esperava pela resposta, mas nem palavra, nem suspiro... Mudo era, e mudo ficou, como se a alma lhe não habitasse mais n'aquelle corpo. Assentei-me junto d'elle, instei, mas em balde, que nada consegui. Esó alguns minutos depois, me dice tristemente que seu mal era grande, grande como eu o não supunha; muito grande, porque lhe vinha do peito, e que eu não podia mitigal-o. Então me tomando a mão, collocou-a de sobre o coração, que batia, e batia muito.

— E porque?

— Não sei; mas quiz sabel-o, e por isso observei-o por todo esse dia. Mas elle conservou-se ou sempre melancolico, silencioso, pensativo, ou dando de momento em momento mostras de impaciencia. A' noite, porém, ceiou comnosco, e mostrou-se menos contristado e insoffrido. Não foi assim?

— Conversou, porém pouco, e parece-me e tenho cá para mim, que procurava occultar-me o pezar, ou o quer que era, que lhe calava pela alma, pelo coração, por todo elle.

— Sim, esteve pezaroso, e acabada que foi a cêa, retirou-se direito para o seu aposento. Eu fui assen-

tar-me junta de mamãe a lèr para ella as *Horas*, e depois, dirigimo-nos á capellinha para ali rezar o terço; mamãe mandou chamal-o...

— Elle respondeu que estava indisposto, que não podia vir, não?

— Assim dice. Mas quando me fui deitar, soavam dez horas, e ouvi-lhe a voz, que docemente acompanhava com sons de guitarra, ao melhor tanger; abri manso e mauso a minha janella, de modo que não fizesse estrepito, porque não perdesse uma so palavra e porque não me dêsse a conhecer na minha curiosidade. A noite, que estava linda e clara com a luz da lua que brilhava no ceo entre as estrellas, fez-me que assim pudesse vê-lo distinctamente, sentado n'um dos bancos de pedra do caramanchão de maracujá; era elle que cantava e tangia.

— E o que cantava?

— Uma xacara.

— Mas que xacara?

— A do *Bernal Francez*, aquella que mamãe nos ensinou quando nos acalentava; não a dizia, porém, do principio ao fim, mas tão somente aquella parte:

— Quem bate á minha porta?

Quem bate, quem está ahí?

— Sou Bernal Francez, senhora,
Vossa porta a amor abri.

Como o ouvi por muito tempo, suspirei afinal, quasi que involuntariamente; elle ouviu-me, deu fé de mim á janella d'onde eu o enxergava por entre as folhas das arvores, e calou-se. Depois, ergueu-se e seguiu não sei para onde. E eu, como estivesse cansada e a bocejar, quasi cahia por fim de somno, pelo que fechei a janella e recostei-me no leito, tendo encommendado a mim e a elle ao Anjo da Guarda. Adormecida, passava por ligeira modorra, sonhava com palacios e fadas, e via-me, no meio de tanta grandeza, casada com um principe encantado, quan-

do de repente, despertando, ouvi-lhe ainda a sua voz e os mesmos versos da cantiga, vindos porêem de mais longe.

— E depois ?

— Depois so ouvi o canto dos gallos, e arredo, muito arredo, os latidos dos cães, e para logo dormi.

— E onde estará elle ainda agora ?

— Deos o sabe e Deos nol-o trará, respondeu a velha Anna que vinha a entrar.

— Nada desconfias por ti ? perguntou-lhe Garcia.

— E de que ? Tem-se-me feito essa pergunta uma, vinte, cem e mil vezes ! Deixal-o, deixal-o que Deus nol-o trará a seu bom tempo. Sem duvida alguns amores o retêem por ahi, que isso de rapazes dos vinte até os trinta é nunca cançar de correr. Lembras-te d'aquella formosa moçazinha ?...

— Qual moça ?

— Pois não conheces D. Leonor

— Não.

— Conheces, conheces muito bem, que ja a viste ; é porque não te queres lembrar ; assim te não lembrassem tristes cousas !

-- Póde ser. Mas por onde irá aquelle rapaz ?

— Deixal-o la andar. Olha, o nome do pae da moça é um nome que quasi nunca me esquece e entretanto agora olha, chama-se chama-se elle chama-se Antonio Simões da villa de Ytu.

— O nosso hospede ! Ha dous para tres mezes que o pae e a filha aqui estiveram, que foram nossos hospedes, e desde então talvez ?

— Sim, eu por mim não duvido da existencia de alguns amores entre elles.

-- E nem tens razão para o duvidar, que se a creança sair ao pae, temos muito que se lhe diga e que ver.

— Mas essa menina estava promettida a um sobrinho de Antonio Simões, que a esta hora em que fallamos talvez ja a tenha por mulher.

— E o que tinha elle com isso para deixar de

amal-a? Cego, que tens olhos e não vês; surdo que tens ouvidos e não ouves, vê que te descubro tudo; nosso fillio nma, delira, enlouquece por D. Leonor!

Dizia bem a discreta mãe, que na pupilla dos olhos do mancebo, não queria elle mais outra imagem que o alvo semblante de Leonor; no coração não lhe existia outro sentimento mais que o d'esse amor que elle lhe votava tão abundante; dos labios não lhe pendia outro nome que não fosse o de Leonor, nem na imaginação trazia outro pensamento que o consorcio d'essas duas almas que verdadeiramente se amavam.

— E como sei de tudo, proseguiu Anna, porventura me communicou elle o quer que seja? Não, mas meus olhos viram gestos que exprimiam esse amor, e meus ouvidos escutaram palavras que o explicavam.

E depois tudo isso confirmará uma d'essas insignificancias que passam desapercibidas para nós, e que entretanto são muitas vezes assaz entendidas de dous corações atormentados pela necessidade de se abraçarem em segredo, de suffocarem em si mesmo a explosão de delirio, de encanto, de prazer, de angustia, de saudade, por tudo isso que ahí se diz com uma unica palavra — amor!—¹

Na manhan em que Antonio Simões partiu para Ytu com a filha, entrou Anna, casualmente, no aposento onde essa dormia, e notou que ali tinha deixado uma bella rosa. Poucos instantes depois ja la não a viu, e passando pelo aposento do filho, encontrou-a em um lance de olhos; tinha-a elle entre as mãos, junta dos labios, sob os olhos, d'onde lhe cahiam algumas lagrimas que lhe rolavam pelas faces.

Isto tudo ponderava Anna.

— E de que serve isso? replicou Garcia. Muito longe vamos da verdade, pois que todas essas conjecturas e desconfianças mal nos podem instruir para a decifração d'este enigma.

Sentou-se Garcia entregue de novo á tristeza, ás conjecturas e desconfianças que tanto o confrangiam.

Anna recostou-se sobre um velho canapé, e em breve tudo tornou-se silencioso como no templo que se fecha ás orações dos fieis, apoz esses canticos mysticos e religiosos dos sacerdotes ; apoz esses sons melancolicos e melodiosos do órgão, impregnados do insenso sagrado, que espiram tão branda e socegradamente pelas curvadas abobadas. Dormia tudo, e apenas la de espaço em espaço

..... Murmurar se ouvia
Ao longe o rio, e menear-se o vento, (*)

e repetia-se o ruido do oscillar compassado da pendula do relógio, que ficava na sala immediata, quando subitamente soou a campa do portão : Januario, Anna e Paulina ergueram-se rapidamente. Abri-ram-se janellas, escancararam-se portas, que tudo era querer ver quem batia tão de rijo a taes deshoras, com aquelles corações palpitando de esperança e tambem de incerteza ; mas a esperança não foi longa, nem tambem a incerteza durou, que um momento depois entrou um tropeiro, que descobrindo-se respeitosa-mente, saudou a todos, tirou de uma carta, que beijou e entregou-a a Januario Garcia.

— D'onde vindes ? perguntou-lhe Anna.

— De Ytu, respondeu-lhe o tropeiro.

E o sorriso da esperança passou então ligeiramente por sobre aquellas faces que iam a enrugarse, com não sei que de triumphante, como um lampejo de tempestade que lavra rapido pelo céu ; ella via n'essas palavras do tropeiro alguma cousa que confirmava as suas predições ; para ella não havia duvida, Leonor pertencia para sempre a seu filho.

No entretanto Januario Garcia apressando-se em ler a carta, dirigiu-se ao candieiro, cuja luz conseguiu avivar, Anna e Paulina o rodearam ; e o tropeiro, que os viu assim attentos, pondo o chapéo de

(*) Basilio da Gama, o *Uruguay*.

palha sobre a cabeça e procurando evitar que o *poncho* lhe roçasse pelos umbraes, retirou-se furtivamente.

— Ah ! dice Januario Garcia, que ma nova traz-me aqui este homem !

E a carta lhe cahiu das mãos, que lhe tremiam convulsivas, as arterias pulsavam-lhe, os olhos revolviavam-se-lhe com violencia em duas orbitas de fogo, como a pupilla da sucuriuba quando avista a sua preza.

Paulina inclinando-se, levantou a carta, leu-a em voz alta :

Snr. e am.º

« Ho vosso Filho, ho vosso querido Antonio, acaba de ser atroz e barbaramente assassinado, hoje em Ygtu. Resignae-vos.

Vosso amigo ec.º

Anonymo. »

E essa mãe, que presava o filho como particula do coração, e essa irman, que estimava o irmão como porção da alma, abraçaram-se penetradas da mais angustiosa e acerba dor, para misturarem seus gemidos e soluços e suas lagrimas !

— Resignar-me ? Resignar-me ? Nunca ! Ao menos emquanto não vingar-lhe a morte ! E voltando-se para o logar em que deixára o tropeiro e olhando em torno desi : o que é d'esse homem, o que é do tropeiro ? perguntou Januario Garcia.

— Escuta ; não ouviste o retinir da campã ?

— Sim.

— Não ouves o latido dos cães ?

— Sim.

— Não ouves o trotar do cavallo ?

— Sim, e então ?

— Ja partiu.

— Ah ja partiu ! Pois bem, vou-me la, que não hei que temer de Sorocaba a Ytu é so um passeio vae-se com facilidade e embora

fosse longe, mesmo no fim do mundo.... Oh lá de dentro, gritou elle para o seu pagem. O' Anselmo! Vamos depressa n'um pulo á estribaria, e o meu cavallo aqui prompto e sellado.... vamos; quero tudo em um-abrir e fechar de olhos, tudo....

E o pagem que tinha apparecido como por encanto, desapareceu como um relampago no adelgaçar das trevas.

Então voltou-se elle para a cara filha, que soluçando, chorava repassada de angustias, trespassada de dor, chorava estreitada nos braços de sua mãe, que parecia dizer:

— Ah! so esta me resta, não m'a roubem que o outro perdi-o, perdi-o para todo o sempre!

— Não chores, minha Paulina; não chores; a morte de teu irmão impõe vingança, mas vingança que nem o céu approva, nem no inferno vae vibrar de prazer as almas forçadas aos castigos eternos! Deixa que eu o vingue, e então choraremos sem opprobrio, como David chorava o seu Absalon! Recordar-nos-ha aquelle quadro com pungente saudade a nossa antiga alegria, mostrar-nos-ha elle eu e tua mãe, gosando da frescura da tarde sob o carramanchão do maracujaeiro, alastrado de rouxos martyrios, contemplando-te com as *Horas* sobre um dos nossos joelhos, toda penetrada da sua leitura, e mais distante, lá onde o sol vae a descambar entre nuvens purpuras do occidente, o teu irmão, o meu Antonio montado em fogoso cavallo, tangendo a bosina e seguido de cães veadeiros, e uma lagrima descer-nos-ha pelas faces todás as vezes que levantarmos os olhos para vel-o!

— Ah! que lembranças tão crueis!

— Consolemos-nos, minha filha, com a vontade de Deus.

— De Deus, repetiu Garcia, de Deus!

E olhar de colera cahiu sobre a esposa, que estremeceu de terror.

— Dize antes, ajunctava elle, vontade de assassi-

nos, vontade de sicarios que me roubaram o tão caro filho, e dos quaes jamais poderei havel-o ! O morrer de um filho abre longo futuro ; futuro de desesperação, de dor e de saudade, que so tem termo na lousa do sepulcho, que franqueia o caminho para a eternidade ; o morrer de um filho é um vacuo que fica no coração ; esse vacuo que occupava o amor de gosá-lo, vacuo que a saudade dilata antes que o encha, mas que far-me-ha desaparecer a consolação da vingança ! E pois, consolar nos-hemos ; não com a vontade de Deus, mas com a sua vingança.

Bradou Garcia, e entrando no seu aposento, pôz o chapéo de palha na cabeça, cujas largas abas se lhe debruçaram pelos hombros, envolveu-se em seu *poncho* e pegando de uma faca, que era de tempera fina e cujo cabo e bainha de prata tinham por lavrado a firma de seu pae, enfiou-a no cinto de couro que o cingia, e sahiu para a sala.

— O meu cavallo ? perguntou elle.

— Prompto, respondeu o capanga.

— Adeus, dice Garcia, precipitando-se para fóra da sala.

— E aonde vaes, Januariô, aonde e a estas horas ? murmurou Anna.

— A Ytu, e cedo nos tornaremos a ver.

E partiu.

E ouviu-se o retinir da campainha, depois o estrepito da cancella do portão, depois o trotar do cavallo, depois soluços, soluços ; tudo era soluços !



II

SETE CONTRA UM

Alone he must march to the terrible fight.

MISS HANNAH.

Paulista infatigavel, conhecia Januario Garcia não so os arredores de Sorocaba, mas toda a provincia de S. Paulo, e ainda mais, que não ignorava elle o trilho impresso nas campinas, aberto nas brenhas e assombrosas florestas, e deixado nas serras pelas formidaveis e terriveis excursões d'aquelles paulistas, que armando bandeiras e prevenidos dos aprestos necessarios á mineração, partiram do Taubaté, foram *faiscar* terrenos onde vislumbravam granitos de ouro escapados aos principaes minadores, andaram em descobrimento de pedras preciosas; travaram combate de morte juncto ao *Rio*, que desde então ficara intitulado *das Mortes*, e aonde ainda hoje a tradição honra a memoria de Domingos da Silva Monteiro Rodrigues, cognominado *Maioral dos Paulistas*; que percorreram os sertões do Rio Grande do Sul, de Goyaz e de Matto-Grosso, dobraram a cerviz até ali indomada do Guaycurú e conduzi-

ram-no escravo á sua habitação. Fizeram ainda mais de admirar; que lá se foram a pugnar com hespanhoes e arrazaram esses estabelecimentos do *Poquery* e do *Ytutu*, captivaram indios e recolheram-se afinal triumphantes a seus lares, não tendo por guia mais que os pinaros altissimos das cordilheiras!...

Paulista infatigavel, a alma grande e generosa gostava-lhe altas empresas, e aprazia-se no refrescar a memoria com o recordar d'esses feitos da fama de seus antepassados que a tradição e a historia nos transmittiram. O coração terno mas vingativo, rigozijava-se com o espectáculo sanguinolento de batalhas que lhe enchiam a mente de imagens de sangue, e de scenas dantescas.

Sosinho, descalço, que era esse o andar d'aquelles tempos á maneira dos que se prezavam de não poder ser tomados logo á um simples volver de olhos por *forasteiros* ou *emboabas*, embuçado no *poncho* que era de grosso pano pardo, forrado de outro escarlate, com chapéu desabado, a *balluda* a tiracol e a faca á cinta, caminhava sequioso de obter novol de seu filho, finado ás mãos de assassinos. Alquebrado porém de fadiga, que havia ja tres dias e tres noutes que não repousava, e não podendo proseguir na marcha, tomou pouso n'uma venda em Cajúru, que se lhe offerecia em caminho, junto de uma capella.

Mal havia penetrado na pobre e tosca pousada, que logo se lhe apresentaram á vista sete viajantes que sentados á mesa esgotavam algumas garrafas de vinho, pessimo como era de esperar por esses logares tão apartados, e outras de *patricia*, de não melhor palladar. A admiração de Garcia cresceu de ponto, tanto que reconheceu n'esse grupo de sete viajantes, sete conhecidos.

— Oh! por aqui? gritou um de entre elles.

— E' verdade, meu amigo.

— Grande negocio vos traz a algures, murmurou outro.

— Por certo que sim, meu amigo.

— Creio que poucas vezes deixas Sorocaba, ajuntou o terceiro.

— Algumas, meu amigo.

— Logras presentemente grande fortuna? perguntou o quarto.

— Modesta, meu amigo.

— Gozas de grande reputação entre teus visinhos? dice o quinto.

— De alguma, meu amigo.

— Ouvi dizer que tinhas uma filha, cuja formosura ia a crescer com os annos; se isso assim é

— Bonita, meu amigo.

— Não sei que insipidez acho n'essas tuas respostas! exclamou o setimo empunhando o copo, que transbordava de vinho.

— Não ouviste fallar da morte que tivera logar em Ytu, não ha muitos dias?

— Não.

— De

— Pois que

— E então

— Talvez fosse diceram todos a um tempo e olharam-se entre si, e o semblante de cada um d'elles era o semblante de todos os sete.

Januario Garcia levou o lenço aos olhos que se arrazavam de lagrimas, pelo que não pôde dar fé de tal perturbação.

Pela primeira vez pois as lagrimas lhe rebentavam dos olhos, reprezadas ha tanto tempo; quiz ainda contel-as, mas em vão; tentou fallar, mas balbuciou apenas imperceptiveis palavras que foram para logo suffocadas por soluços! O estalajadeiro chegando-se a elle, contemplava a sós com sua alma o que ali se passava Recolhia afinal as garrafas esgotadas e se retirava com ellas, quando um dos bebedores acenando para os outros, pagou-lhe o que beberam e murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido. Despediram-se todos de Januario Gar-

cia, tomaram os cavallos e retiraram-se apressadamente.

— Que almas do inferno! exclamou o tal estalajadeiro.

— Beberam todo o vinho, não? E' que vinham com sede, dice Garcia; e oxalá pudesse eu imital-os!

— Sede?... Deus me defenda de simillhante sede!.... Oh se soubesseis o que elles me contaram....

— Está bem, dir-me-has logo tudo quanto quizes, dormirei mesmo ao narrar de teus contos, mas por agora dá-me ahi um leito que anhele descansar; estou fatigado e sinto-me alguma cousa adoentado.

— Isso é que é mau, que não temos por aqui cirurgião nem curandeiro que seja: se a doença porêr não é mais do que somno, entrac e repousae no primeiro quarto á mão direita.

— Tem-me cuidado no cavallo, que suou e sua a fatar, dá-lhe milho, manda que o esfreguem com aguardente e chama-me d'aqui a uma hora.

— Farei como recommendaes, respondeu o vendilhão entregando-lhe um rolo de cêra acceso.

Entrou Januario no quarto indicado, desembaraçou-se do poncho, desatou a cinta, metteu a faca de sob o travesseiro, e apagando a luz, arremessou-se ao leito, cujo enxergão de palha de milho xocalhando em cada movimento, revolvía-se contra o incommodado bem vindo que almejava conciliar o somno que soe tão bem restituir o alento ao alquebrado viajante.

— Não, eu não quero nem devo ficar com este dinheiro; quem deve a Deus paga ao diabo, e elle que o guarde! dizia á porta o bom do estalajadeiro, e o dinheiro retinia nas pedras da calçada á entrada do pouso.

No entanto que Januario Garcia procurava, mas em vão, entregar-se ao somno; a imagem ensanguentada do filho, do seu tão caro Antonio, apresentava-se-lhe á imaginação a bradar vingança, e

todo compenetrado de idéas vingativas, ambicionava elle adiantar-se no caminho para chegar a Ytu e vir no prompto conhecimento da sua morte. Arrependia-se já de ter pousado, por isso que não lhe era dado fazer-se, e estava no proposito de levantar-se para repartir, quando as vozes do estalajadeiro vieram distrahir-lhe a attenção, attraíndo para um ponto que entretanto nada tinha de differente quanto ao pensamento que o prendia e o preocupava ha tantas horas.

— Sete, sete phariseus mal encarados, dizia o estalajadeiro á mulher, e que fizeram pacto com o diabo para pagarem a Deus!

— E como assim? lhe perguntava a mulher.

— Entraram-me por aqui e foram logo pedindo uns após outros, tantas e tantas cousas que não havia ahi nem mãos a medir, nem tempo a perder; um ja querendo vinho do Porto, outro ja desejando o de Lisboa, o terceiro ja perguntando se tinhamos *congonha*, o quarto ja gritando por cana, o quinto ja exigindo cigarros, o sexto ja instando por comer alguma cousa, o setimo apeteendo peixe, caça, tudo, para por fim contentar-se com um copo de *temperada*. Sentaram-se após muita zambaia e cumprimentos, e eu que os servia sem saber a qual primeiro acudisse, e que os tomava por sete folgazões, fiquei pouco depois tão arripiado, que as pernas se me estremeriam como se fossem varas verdes, e eu cambaleava como se estivesse embriagado! Ah! ao ouvir os tremerias de horror, Catharina, procurarias persignar-te ás escondidas, que não dessem elles por isso, e farias de boa vontade promessas aos teus santos milagrosos, que te livrassem de tão ruíns presenças!

— Em que, porém, fallaram elles? Dize, homem de Deus.

— Em que? Ah! si os ouvisses!... Fallaram no que eu, bem a meu bom grado pagar-lhes-hia ainda em cima para não ouvir e saber, e embora me enxugassem o vinho do Porto, o de Lisboa, a cana e a *temperada*, embora tomassem toda a *congo-*

nha e fumassem todos os cigarros, que tudo isto nem valeria a pena de arriscar, comtanto que me deixassem elles com o espirito tranquillo e socegado, como até aqui tenho vivido! Foram sete demouios que aqui me entraram, sete e cada qual mais formidavel, mais temivel. . . . Escuta e vê se o caso é para menos, ainda mesmo quando se tenha o coração traquejado de um não acabar de horrores que vae por todo esse mundo de Christo. Relataram-me elles, como o fariam mouros, e cada qual querendo ser o narrador, que um moço de Sorocaba se havia enamorado de uma menina muito rica, muito linda de Ytu, e que por arte de namoros, que tudo é facilitar ainda os mais invenciveis passos, conseguira introduzir-se em casa d'ella, mas com tanta infelicidade, que foi para logo colhido ás mãos do pae. . . .

— De Antonio Simões! dice comsigo Januario que o escutava e sentando-se na cama.

— Pobre moço, ajuntou a mulher em tom de verdadeira compaixão.

— E que pensas tu que faria elle?

— Deu-lhe de chicote?

— Bofé que não, minha Catharina, e antes mil vezes isso, que a infamia apenas nos indigna, mas a maldade e a fereza horrorisam-nos a todos e deixam-nos o coração sangrando de dor.

— E então o que fez?

— Manietaram-n'o, continuou elle, como se houvessem capturado algum indio ou negro fugido, e entregaram-no o esses algozes que ahi estiveram a beber, a comer, a fumar. . . . e tão senhores de si!

— E elles?

— Elles, segundo a recommendação feita pela familia da menina, deveriam leval-o ao pae, contar-lhe o que se havia passado, e exigir que, como delinquente, fosse castigado, a fim de se emendar para o futuro.

— E nada d'isso fizeram?

— Nada ! Pegaram do misero mancebo, ligaram-no a duas estacas e afiaram as suas navalhas....

— E depois, José ?

— Esfolaram-no vivo !....

— Vivo ! Senhor Deus ! exclamou a mulher.

— Vivo ! vivo !.... replicou o estalajadeiro.

— Que horror, meu Deus ! que horror....

— Depois cortaram lhe perna por perna... coxa por coxa.... braço por braço.... orelha por orelha.... que tudo enviaram ao pae da menina ; acabaram-no decependo-lhe emfim a cabeça e arrancando-lhe as entranhas.

— Ah ! Jesus ! que barbaridade !

— Assim foi ; e como aquelles cannibaes que devoraram o bispo da Bahia, no monte que tornou-se para sempre esteril e com as fontes seccas, elles não so se regozijavam de reproduzir por palavras o que haviam obrado sobre o misero Antonio, mas até bebiam, comiam e fumavam tão senhores de si, que era abominavel furia vel-os tão criminosos e tão sem remorsos !.... Assim estavam quando entrou Garcia, esse homem que ahí dorme....

— Ah ! falla baixo que te não ouça elle.... dice Catharina.

— Sim, mas eu sempre heide dizer-lhe alguma cousa ; coitado ! é sem duvida algum parente.... talvez o pae do moço !....

— Desgraçado !....

— Malo viram que se deram por conhecidos ; não sei, porém, o que dice elle, que todos perturbaram-se ; era a consciencia que os atraçoava. Mas o pobre do homem nem si quer deu por isso ; enxugava os olhos que se lhe desfaziam em lagrimas, suffocava os soluços ; quando elles aproveitando-se da occasião, communicaram-se por acenos, ergueram-se a um tempo e vieram pagar-me. Maldito dinheiro, que regeitei arremessando-o á estrada ; la está, e os pobres que d'elle se utilisem ; Deus lhe pouha a virtude.

« — Toma, resmungou-me um dos taes, em voz

sumida, ao ouvido, e dando-me algumas moedas; toma, e caluda! Para lingua comprida, sete facas, snr. José!

— E saíram.

— E tu o que fizeste?

— Eu, mal que os vi pela porta fóra, tratei do viajante.

— Oh! meu Deus! E' elle! E' o desgraçado pae! dice a mulher do estalajadeiro, apontando para Januario Garcia.

— E' elle!!... acrescentou o estalajadeiro voltando-se e tornando-se pallido e immovel.

Transido de horror, com os cabellos eriçados como a coma de javali, appareceu Januario Garcia, cuja figura infundia terror a quantos a viam; em pé, com a sua sombra estendida ante si, estava todo convulsivo, que os dentes lhe rangiam de raiva, os musculos estremeciam, e os trajos balançavam com elle; como quando palpita a terra, que tremem os troncos, e que se agita a folhagem, parecendo convulsas as arvores. Quiz fallar, mas as fauces seccas, mas a lingua presa, não lhe permittiram; e assim se conservou embargado por algum tempo ante o estalajadeiro e a mulher, mudo e immovel como os troncos robustos do ermo.

— Precisaes de alguma cousa, senhor? perguntou-lhe emfim o estalajadeiro.

— Fallai, ajunctou a mulher.

— Nada, respondeu Garcia; e mettendo a mão na algibeira, tirou de algumas moedas, que arremesrou á banca; ahí tens o que eu te devo; é-me necessario que parta antes mesmo que amanheça; já não vou a Itú, como tencionava; meu rumo varia. Sim varia... Que a ponta de minha faca se volta para os assassinos de meu filho, que é o seu norte! Morte e vingança a esses sicaños sequiosos de sangue, a essas onças famintas de carne humana! Morte e vingança aos assassinos de meu caro Antonio! O meu cavallo, que quero partir, e lá saciar a sêde de

vingança que me devora ; eu os seguirei, e elles tremarão de mim, e vingado que tenha tão barbaro martyrio, levar-lhes-hei as orelhas a esse homem vil, que d'elles recebeu as de meu filho. Vamos, estalajadeiro, vamos ! Aviai-me !

Era elle, era Januario Garcia que pedia, ou antes que mandava, e força era obedecer-lhe, que essa figura incutia respeito, que essa voz que soava como um trovão, impunha obediencia. O estalajadeiro cumpriu-a, e arreiado e posto o cavallo immediatamente á sua disposição, saltou Januario Garcia sobre elle, bateu-lhe as redeas, enterrou-lhe as esporas nos ilhaes, e desapareceu entre nuvens de po que toldavam os ares.

Por todo o caminho tomava e exigia informações mais ou menos acertadas, e por todo o caminho, os viajantes lhe davam, e lhe confirmavam a um tempo, a noticia de haverem encontrado sete cavalleiros que galopavam a bom galopar com direcção á Sorocaba.

— Vão levar-me a pelle de meu filho, repetia elle consigo ; vão . . . e eu la estarei para recebê-la !

E o cavallo voava ; e o paulista percorria esses campos alastrados de *bossorocas*, por entre feiras de bestas, e cavallos vindos da Coritiba, e do Rio Grande do Sul, apinhadas de traficantes, de commerciantes, e compradores, deixando após si esse gigante famoso do Ypanema, com suas entranhas de ferro.

Atravessou o rio que dá nome á villa, avistou a igreja de Nossa Senhora da Ponte, padroeira da sua matriz, esclarecida já pelos primeiros raios do sol, que se elevava saudado pelo hymno da terra, rompendo os nevoeiros, e como que incensado por essas florestas, d'onde se erguem, ao bafo da manhan, nuvens do aroma, que convidam á vida ; e pouco depois apeava-se á sua porta.

Sahiram-lhe ao encontro Anna e Paulina, receberam-no nos braços, e depois ouviram, entre brados de vingança, e arripiadas de horror, a terrivel narração

que elle, a espaços lhes fez do que, não havia muitas horas, tinha escutado do estalajadeiro do pouso de Cajurú.

Ah! ja não era a morte de Antonio que deploravam, era esse martyrio, o horrivel morticínio, as atrocidades sobre atrocidades que elle soffrera antes de dar o espirito a quem lh'o tinha dado.

Era, porém, Januario Garcia, por uma d'essas vontades de ferro, impassivel; contera alguma cousa; e tranquillo sobre sua sorte, firme em realisar seus fundos pensamentos, mudou de trajos, preparando-se para mais dilatada viagem; dilatada, em quanto não enchesse seus votos, em quanto o prazer da vingança não se convertesse em riso de triumpho e de satisfação derramando-se-lhe de sobre as faces.

— Eil-a aqui a minha faca! bradou elle; o unico presente que de meu pai recebi, e em que, por lembrança, gravei-lhe a firma sobre o cabo de prata; com ella atravessou elle sertões, subiu e desceu essas serras altissimas, entranhou-se por brenhas, vagou pelas solidões das feras, e entretanto transmittiu-a ao filho, pura e brilhante, sem pinta de sangue, limpa como sahira das mãos do fabricante. Tambem esforcei-me até aqui por não manchal-a; era a melhor herança que deixaria ao meu Antonio; e no entanto, sete vezes o sangue de sete homens perversos, imprimir-lhe-hão inapagaveis manchas!... Eil-a aqui! Com ella rasgarei os peitos d'esses mais perversos, mais indignos monstros; sim, arrancar-lhes-hei a vida, como elles arrancaram a de meu filho, e para provar a minha vingança, para mostrar que todos elles pagaram ao pai a dívida do filho, trazer-te-hei, mulher, uma orelha de cada um; trazer te-hei pois sete orelhas!

« Cobardes! Sete contra um! Sete contra meu filho! Pois bem, agora tudo se vos mudou; agora será um contra sete! Eu so contra todos, eu so, que so eu devo marchar ao terrivel combate!... E elles não vieram? Receiaram o encontro do leão, a luta da

vingança? Pois bem! Se preciso fôr, ir-me-hei ao fim do mundo a encontral-os! Proteja Deus a minha vingança, tenha elle piedade de mim, armando o meu braço do raio de sua justiça eterna, para desaffronta de tantas atrocidades! Si os ceos desaprovam esta minha vingança, que me deixem primêiramente encher meus votos, cumprir esta minha promessa ca na face da terra, e depois que me rejeitem la para os seios do inferno!...

— Misericordia, meu Deos! murmurou Anna, levantando as mãos e os olhos em lagrimas para o céo; perdão para elle que blasfema na sua tribulação!...

O paulista pegou na sua balluda, e disfarçado, partiu sem se despedir da esposa, e da filha.

Determinou-se assim para não condoer-se com as lagrimas de saudade, com os ais da dor da separação e com os abraços da despedida, esses laços tam curtos que aperta a partida, esses laços tam ternos que afrouxa e desata a ausencia!

E depois, a inconsolavel esposa, e a chorosa filha, voltadas ambas para o lado para onde elle seguira, levavam saudosamente os olhos, e com elles buscavam-no aavez dos veos das lagrimas, que tudo envolviam....

Buscavam-no; mas em vão!



III

FUMO E CACHAÇA

**Il le porte á sa bouche. O douleur! ô surprise!
Il voit..... ciel! ,.....**

F. J. Ducis.

Alta ia a noite ; e no ceo como que dormia a tempestade envolta em negro manto, com o seu respirar roufenho e prolongado, e la de quando em quando como que despertava e vibrava terrivel olhar, que amedrontava a terra ; rugia o vento emmaranhado nas folhas da espessura, e ouvia-se ao longe o bramir feroz das sucuriubas e das sussuruanas.

So a pe, caminhava Januario Garcia, de noite como de dia, em cata dos assassinos do chorado filho, que o juramento que fizera em face de sua mulher e sua filha havia elle cumpril-o, pois não ha ahi voltar a traz para a palavra do paulista.

Errante, vagava em busca de asylo em que lhe déssem gasalhado, afim de repousar de tantas fadigas que começavam de acabrunhal-o, quando avisitou la mui retirada e em solidão, uma luz que bruxuleava funebremente por entre a ramagem de alguns troncos do valle, e que lhe indicava a existencia

de o quer que era de habitação humana ; e para ella se encaminhou.

Era tosca e humilde choupana que se elevava sobre um combro do valle ; tinha a porta fechada, porém distinguia-se perfeitamente por entre as carcomidas grades que lhe guarneciam a janella, as prateleiras empoeiradas da taberna, que outra cousa não era ella. Haviam botijas de cachaça, rolos de fumo, cabaças com melago, rapaduras, queijos . . . e sobre a banca que estava posta no meio da saleta, garrafas, copos, canecas e cangirões. Pendia do pilar uma ennegrecida candêa, cuja luz alimentada de pinhões, derramava-se pelas esbroadas e encardidas paredes, cobertas de armas enferrujadas, e ensian-do-se pelas grades da janella ia perder-se de reflexo em reflexo pela amplidão do valle. O coração de Januario exultou, que ainda bem não ia incommodar a algum pobre particular, cuja delicadeza se esforçasse por lhe fazer aceitar o seu leite ; e sem mais hesitar bateu com força.

— Quem está ahi ? perguntou uma voz aspera e dura.

— Quem pede um pouso para si, respondeu Januario Garcia procurando ver com quem fallava.

— A taes deshoras ! . . . os quartos estão occupados por viajantes que vieram mais cedo, que quem primeiro canja, primeiro manja.

— Que desaforo ! Então os que primeiro chegam usurpam aos mais o direito da hospitalidade ?

— La d'isso nada entendo.

— E não haverá qualquer commodo que seja ?

— Tudo está occupado.

— Negras e pejudas nuvens annunciam proxima tormenta, o trovão ronca aproximando-se mais e mais, o frio tolhe-me os membros, e além d'isso estou mais que muito affrontado de affan e cansaço. Não ha commodos, mas si entanto me deixas, dormirei sobre essa banca.

— Não pôde ser.

— Maldito! bradou elle com energia; e a voz retumbou na choupana.

— E' o que lhe digo, retorquiu-se-lhe com voz aspera e dura.

— Ou heide entrar, dice Januario Garcia consigo experimentando a porta, ou as grades ou a porta; me franquearão passagem.

— E' tempo perdido teimar, que não abro a porta em tão adiantadas horas.

— E o que temos para comer?

— Fumo e cachaça.

— O que temos para comer? interrogou de novo o paulista pensando não ter sido ouvido.

— Fumo e cachaça, repetiu o da choupana.

— Para comer?

— Fumo e cachaça.

— Fumo e cachaça! Pois bem, abre-me, abre-me a tua porta; quando não abril-a-hei eu á coronhadas.

E aberta que foi a porta, entrou Januario Garcia e para logo achou-se frente a frente com um homem claro e corado, de pouca barba, e que a tel-o visto tão corpolento, por certo não fallaria com tanta franqueza e audacia.

— Uma vara de fumo e um quartilho de cachaça, gritou elle fitando os olhos no individuo da choupana, que ficou immovel sem que nada ouzasse de fazer.

— Venha fumo e cachaça, replicou o paulista.

O taberneiro resolvendo-se a servir-o apresentou-lhe uma botija de cachaça, cuja poeira teve o cuidado de espanar, e uma vara de fumo que cortou do rôlo.

Garcia que o não perdia de vista, levou a mão á cinta, sacou da faca e poz-se a picar a vara de fumo.

— Dobrava-me eu de cansaço e negaste-me a tua choupana; temia-me da chuva e não me quizeste abrir a tua porta; tiritava de frio que todo me gelava e entorpecia, e não me valeste com o agasalho que

rogava; ardia de sede, esalfava-me de fome, e perguntando se tinhas alguma cousa de comer, respondeste-me que havia fumo e cachaça!

— Mas, senhor . . .

— Tu bem me conheceste a voz: o tom pausado denunciou-te que ouvias a um paulista, a um d'esses papudos, a quem saúdas com o riso do sarcasmo nos lábios, que ouves com a irrisão da ironia no coração . . .

— Não ha tal. eu so quiz . . .

— Sim, acreditam geralmente por esse mundo de Christo, que vive o paulista de mascar fumo e beber cachaça, e que cumprido que seja esse preceito, pôde elle fazer o juramento que bem lhe parecer, que não o fará em vão. E' essa uma zombaria provinciana e bem ridicula, mas tudo por mais sagrado que seja se ridicularisa, e como a palavra do paulista vae-se tornando proverbial, tu e os da tua laia deram na hebia de ridicularisal-a.

— Sim, senhor; tudo isso, porém . . .

— Tudo isso porém que aqui está n'este copo por certo que não será para mim, que sim para ti . . .

— Para mim?

— Aqui tens, que já misturei tudo, agora resta que o bebas e sem resistencia.

— Senhor, pelo amor de Deus, que essa bebida não se accomodará muito com o meu estomago.

— Olha! Vês essas orelhas?

— Ah sois vós! exclamou o taberneiro horrificado.

— E' verdade, sou eu, Januario Garcia, que com este nome deixo na terra o trilho da minha vingança e levo ante mim o temor a meus inimigos; que jurei não voltar ao seio da familia, sem sete orelhas . . . Ainda me faltam quatro . . . Olha a faca que talvez jaz ainda tinta de sangue da ultima victima . . . Bento Pinto, Gongalo e José Gomes, ja se consomem para todo o sempre nas chammas do inferno . . . Vê pois o que fazes!

— Esperae, eu volto ja.

— Não, tu não me has de escapar assim tam facilmente que estás seguro, e seguro pelo meu braço. Quizeste te divertir comigo; e eu sou agora quem me divirto comtigo. E o que é d'esse teu fallar tam ousado e arrogante? Temerario, que tanto te acobardas agora, que mais me pêza do teu atrevimento do que d'elle me offendo.

— Por piedade!

— Pois bebe!

Ameaçava Januario Garcia ao pobre taberneiro segurando-o com um braço e com o outro empunhando a faca e apontando-lhe para o peito, quando dous individuos, cujos rostos occultavam para não ser facilmente conhecidos, o investem, cahindo de de improviso sobre elle.

— O numero é desigual, exclamou elle com accento de Stentor; o numero é desigual, que tendes do vosso lado tres contra um; mas como o valor de um é para tres, não ha desigualdade alguma; aceito o combate; e ai d'aquelle em quem so roçar a ponta d'esta faca, que eguala á lingua da *maracaboya* (*) cujo veneno é para logo morrer.

E a essas palavras ja um dos individuos baqueava por terra e ensanguentava o chão, ferido no peito... Subito o outro salvava a vida com a fuga, e o taberneiro prostrado de joelhos, implorava perdão e misericordia....

— Miseraveis, tanto arrojo para tam pouca façanha, para tam vergonhosa fuga! Quero ver, quero conhecer quem é este que mui depressa rendeu-se á morte.

E o taberneiro que tudo era servir para bem merecer o perdão, que não esperava por suas culpas, deuse pressa, tremulo como estava, em arrancar ao exangue a mascara que lhe occultava as feições, que não os olhos. Era elle, Thomé Lourenço, uma das vic-

(*) A cobra cascavel, assim chamada dos indigenas, cujo veneno violentissimo se desenvolve rapidamente.

timas de Garcia, que mais tarde ou mais cedo tinha que pagar-lhe com a vida a grande divida.

Cheio de alegria satanica, com os olhos fuzilando de colera, com as faces contrahidas pelo sorriso maligno da vingança, precipitou-se Garcia sobre o cadaver no delirio da sua furia e cortou-lhe uma das orelhas e a uniu ás outras que pendiam do terrivel colar que trazia comsigo.

— Agora, dice elle dirigindo-se para o taberneiro, agora é todo meu empenho saber de ti uma unica cousa, e perdôo-te o beber essa nauseabunda mistura ; o nome do outro ? Vamos, responde ! O nome do outro que escapou ?

— João Gomes, murmurou o pobre vendilhão.

— João Gomes ! Esse é um, cujo cadaver tambem necessito para cortar-lhe uma das tres orelhas que ainda me faltam.

— Pois segui-o, segui-o sem perder tempo.

— Sim, dizes bem, seguil-o-hei ; quer vivo, quer morto, tem elle de pagar-me essa divida que contrahiu com meu filho ; por agora cumpre ainda que me digas para onde partiu.

— Por vida minha que o ignoro.

— Tu vês que um braço invisivel me protege, vês que sei de tudo, e entretanto procuras illudir-me ! Que faziam esses dous homens aqui ? Porque tanto receio era o teu em me abrir a porta ?

— Ah elles contaram-me tudo. Viram-vos atravessar de tarde a estrada, e vieram occultar-se n'esta choupana, e pediram-me que negasse a entrada a quem quer que fosse ; mas que conservasse a janella aberta na fórma do costume, para não dar azo a desconfianças ; tres dias depois, quando ja tivesseis tempo de caminhar longe, deveriam partir, protegidos pela escuridão da noite.

— Para onde segue o que fugiu ?

— Encontral-o-heis na estrada que vae para Ouro Preto, que é esse o seu destino.

— Pois bem, respondeu Januario Garcia prepa-

rando-se para sahir da choupana, amanha ouvirá dizer que pela estrada que vae de S. João d'El-Rei para Ouro preto, foi achado um cadaver; pergunta se lhe faltava uma orelha: dir-te-hão que sim, e tu acrescentarás:

— Foi Januario Garcia quem matou esse homem; faltam-lhe agora so duas!

E poz-se a caminho.

A porta da choupana fechou-se desde então para sempre, e la a pouca distancia, duas cruzes alçadas, e algumas pedras que as rodeavam, indicavam que ali jaziam dous corpos.

E o viajante que passava, apeava-se para lançar-lhe uma pedra; e depois proseguia em seu caminho orando pelas almas dos finados.



IV

A SETIMA E ULTIMA.

Un auge ou un démon?.....

A. DE VIGNY.

..... Il tombe.....

La virité se montre ! Tout est fini !..

MADAME DU DEVANT.

O longo decorrer de tantos dias, qual o que encerra o espaço de dez annos, não pôde abrandar a colera do infatigavel paulista, nem fazer-lhe esquecer os votos de vingança pronunciados havia tanto tempo !..

Dez annos tinham decorrido ; e ainda o inflexivel Januario Garcia corria planices, subia montanhas, descia valles, e se entranhava pelas brenhas, em procura da sua ultima victima.

Embuçado no poncho, com o chapéo de largas abas, com a cinta onde prendia a faca, a terrivel faca seis vezes banhada em sangue, e com a sua *balluda de coronha de pé de cabra* a tiracol, jazia uma noite recostado a uma sapocaeira, esperando o alvorecer da madrugada, para conhecer aonde estava. O dia que não tardou em mostrar-se no horisonte rodeado de toda a pompa e magestade, fez-lhe ver que se achava ante uma povoação.—Foi como o grito de

terra soltado a bordo que veio inundar-lhe o peito de jubilo ; que esse corpo fatigado de tantos erros e desvios se enlanguecia, e necessario lhe era o repouso.

Caminhou Januario vagorosamente para essa nascente Villa Boa de Goyaz, que parecia surgir do meio das flores e folhagem dos bosques que a contornam, e sorrir-lhe benigna, como si fosse elle o seu bem vindo. O painel mais pomposo e mais bello da natureza, cheio de encanto, de vida, de harmonia e da poezia, desdobrava-se-lhe aos olhos, avezados á contemplação d'essas scenas, e sempre n'ellas embevecidos !

Casa de aspecto menos rustico era essa que abi entre outras se elevava no principio da villa ; e Januario Garcia parou á porta e pediu que o deixassem descansar. Abriu-se a porta e immediatamente achou-se elle na sala onde certo homem, cujos cabellos negros rarefaziam-se entre as brancas da idade madura apresentou-se-lhe, e ambos se cumprimentaram.

— Este semblante, murmurou a um tempo cada qual consigo, no mutuo entre-olhar, não me é desconhecido !

— Senhor, dice o hospede, vou mandar preparar o almoço : comereis do que ha por estas alturas da nossa Villa Boa de Goyaz, e no entanto descansareis ; podereis mesmo vos deitar se isso vos aprou ver, pois que aqui não deveis fazer cerimonia de qualidade alguma.

— Obrigado, respondeu friamente Januario.

— E voltarei para conversarmos ; que sem duvida haveis de saber muitas cousas antigas que serão novidades para mim, e eu estarei no mesmo caso para com vosco.

— Sim, senhor, voltou-lhe Januario.

— Esquecia-me perguntar si não quereis mudar de trajos.

— Agradecido.

Retirou-se o hospede ; e Januario poz-se a passear

pela sala, na qual tudo lhe attrahia a attenção. — A mobilia simples e rustica, o sitio, as arvores apinhadas pelas planices em graciosos grupos, as palmeiras com seus leques abanados pela aragem, os penedos, as agoas que serpejavam sonoramente retratando o azul do céo, tudo lhe trazia á memoria doces e vivas lembranças, que lhe eram tam caras ! Parando ante um espelho, reflectiu attentamente na mudança de suas feições ; e seus cabellos negros outr'ora, começavam agora de alvejar ; suspirou ! Sentou-se ; e gotas de lagrimas escoaram-lhe pelas faces que iam a enrugar ! — Depois ergueu-se, voltou os olhos em torno de si, e como que admirado do que via, fitou com attenção o olhar n'um painel que pendia da parede, e cuja scena tocante lhe offerecia um espectáculo que lhe partia o coração. — Era um paulista que juncto da sua consorte gozava da frescura da tarde sob uma latada de passiflora coberta de rosas da Paixão e de fructos : escutava elle cheio de recolhimento a leitura das *Horas*, a que procedia uma linda menina ; e voltava da caça um joven, montado a cavallo, tocando a bozina, e precedido de cães veadeiros. — Declinava o sol entre as nuvens do horizonte e os derradeiros raios douravam os cumes dos montanhas e dilatavam a sombra das arvores nas planices.

Era elle, sua esposa e seus filhos ! — Não havia duvida, esse quadro era seu ; conhecia-o por esses rasgos de pintura que pertenciam ao pincel de uma donzella da sua villa, que qual a celebre pernambucana, D. Rita Joanna de Souza, entregava-se a esse passatempo para quebrar o tedio do vagar do tempo ; e que lh'o deixára em Sorocaba, na sala da casa, la pendente da parede !

De Sorocaba a Goyaz ! A Goyaz !... Tão longe ! E porventura não estava elle ahi ? Mas que coincidência ! que encontro ! Como viria parar elle ali, como ?

E mil pensamentos burbulhavam na mente de Janeiro, que sentou-se e começou de reflectir mais seriamente.

— Talvez, dice elle consigo, conjecturando, talvez que minha esposa se visse em grande necessidade e que o vendesse !

E pensava que a miseria, a miseria com todo o seu sequito terrivel, onde figuram todas as necessidades da vida com seus semblantes mirrados e lividos, e com os olhos de sangue, ja fartos de chorarem, agoitasse o seio da sua familia, e assentava em si que necessario era volver-se a abraçal-a !

— Ha tanto tempo ! repetiu elle. Como os não verei eu, esquecendo pezares de tantos annos por um momento de satisfação ! Doce momento, que tanto tarda, pois falta-me a setima e ultima ! E em vão a busco, em vão : e eu jurei apresentar todas ellas ! Aonde se esconderá esse homem que deve á terra um cadaver e a mim uma orelha ? — O dono d'esta casa, continuava elle, explicar-me-ha tudo isto ! Mas dissimulemos, que não me é elle desconhecido. Já o vi, não sei aonde, e elle conhece-me, pois mirou-me desde os pés até a cabeça, trajo por trajo, feição por feição ! Quem será elle ? Um anjo ou um demonio ? — Um anjo, que salvou por ventura minha familia da miseria, e a quem ella, agradecida, mimozeou com este quadro — ou um demonio que o roubou, e que hoje o possue ?

E a esse tempo, sem ter repousado, a fadiga tinha-lhe desaparecido ; e so almejava saber como viera ter aquelle quadro á Goyaz, como se chamava o hospede, e depois partir ; — ou com o seu collar de orelhas completo, — ou em busca de mais uma, uma so !

Pensando assim, agitava-se todo com taes reflexões, tremia com tantas incertezas ; quando um menino tão galante, quanto póde ser um menino ; tão vivo, tão espartinho, quanto se póde ser na tenra idade, a pular, a saltar, a rir-se de innocencia e de alegria, ganhava a sala.

— Meu Deus ! exclamou Januario encarando a criancinha, como que para reconhecer-lhe um a um

os contornos da physionomia, é o retrato de minha mulher. . . . De minha mulher !. . . . E' seu filho, talvez. . . . Oh !. . . . As coincidencias se multiplicam !. . . . A physionomia d'esse homem que não me é inteiramente desconhecida e a physionomia d'este menino tão semelhante á de Anna. . . . e o meu quadro !. . . . Oh ! que o coração se me despedaça em cem partes !. . . .

E o inferno com todo o seu oceano de chammas se lhe entornava dentro no peito ! E os dentes rangiam, e os musculos contraíam-se, e os olhos revolviam-se em orbitas de fogo, e as arterias pulsavam com vehemencia, e elle todo agitava-se, commovia-se. . . . até que pouco e pouco, como procurando tranquillisar-se, aproximou-se do menino, que ria como o anjo da alegria e innocencia ; buscou affagal-o, e o menino sempre e rir poz-se a brincar-lhe com os cabellos da longa barba embranquecida. Tomou-o elle afinal nos braços, sentou-o sobre a perna, e amimando-o, perguntou-lhe como se chamava.

É uma voz tocante, harmoniosa, sensível, respondeu ternamente :

— Januario.

— Januario. . . . repetiu Garcia, erguendo-se e largando o menino sobre o pavimento. — Que ultraje !. . . . Que escarnecer de mim !. . . . Não resta mais que duvidar nem conjecturas a tirar ; é seu filho !. . . . O tempo e os trabalhos me augmentaram os annos, branquearam esta barba, que me cresceu até o peito ; o sol amorenou-me a tez e mudou-me as feições ; o brilho dos meus olhos extinguiu-se no meio da aluvião das lagrimas, e a voz enrouqueceu-se. . . . A noticia de minha morte espalhou-se talvez de boca em boca, e de ha muito que me acreditam de envolta com a poeira dos mortos. . . . Desfigurado, não tido por entre os vivos, quem mais me hade conhecer ? Ao verem-me os visinhos, tomar-me-hão por novo hospede, perguntarão por meu nome, e admirar-se-hão quando me ouvirem dizer :—Eu sou Januario Gar-

cia !— Não me conhecerão, mas eu conhecer-te-hei, mulher! . . . Observada continuamente por mim, não deixarei escapar uma palavra . . . não deixarei perder o minimo gesto, não deixarei fugir o menor movimento, e depois . . . Ah e depois que tremas ! Anna, Anna, tu não saberás que os ultrajes de uma mulher a seu marido custam a vida ? Que o sangue, que tão somente o sangue, póde lavar a nodoa da deshonra que o deffama entre os mais homens ? Tu não o saberás ? Eu pois te ensinarei ! . . .

E o menino, sempre a rir-se, o olhava ternamente; porém Garcia aproximando-se da janella, conservou-se pensativo sem dar fe do que se passava em torno de si ; porque a inspiração do inferno borbulhava-lhe na mente e reflectia-lhe do coração.

De repente sentiu passos, voltou-se e deu com o dono da casa que participava-lhe estar prompto o almoço.

— Sinto-me incommodado ; e por esse motivo desculpar-me-heis que não me utilise do vosso obzequo.

— E não quereis alguma cousa ?

— Nada absolutamente; desculpai-me, que quando estou incommodado não costumo empregar meio algum para aliviar-me.

— Fazei o que quizerdes.

— Eja que sois tão franco comigo, quizera antes de retirar-me, saber com quem aqui me acho.

— Era essa, amigo, dice o hospede, justamente a pergunta que tinha que fazer-vos, pois que por certo não me sois inteiramente desconhecido, e ja vos vi não sei aonde. Porém, quanto ao que me diz respeito, dir-vos-hei em poucas palavras, o que basta. Procurei por algum tempo occultar o meu nome e a minha pessoa, povoei a solidão, mas hoje, isempto de todo o perigo com a morte do mais terrivel dos homens, o qual por indisposição e antipathias me jurara odio implacavel, posso sem temor dizer quem fui e quem sou, pois que, assaz conhecido n'esta terra,

sou estimado de todos, e gozo de reputação como homem honrado.

— Sois filho do Brasil, não é assim ?

— E nasci em Ytu.

— E esse homem que já não existe, cuja morte vos fez exultar por vos ver livre do mais terrível dos homens, era de Sorocaba ?

— Justamente ; e acaso o conhecestes ?

— Januarío Garcia !

— E ainda hoje me horroriso ao ouvir-lhe o nome !....

— E pois não vos horrorisaes de vel-o !

— Como ?.... O que dizeis ?....

— Sim, elle chámava-se Januarío Garcia, e vós sois Pedro Luiz....

— Ah ! sabeis meu nome ?

— E eu sou de Sorocaba !....

— E ahí me vistes talvez, não ?

— E eu sou Januarío Garcia !....

— Januarío Garcia Vós ?.... Que perdição para mim !....

— Pedro Luiz !.... Pedro Luiz, não me falta mais nem uma !....

— Januarío Garcia, ha dez annos que....

— Que assassinastes meu filho....

— Os outros foram....

— Aqui estão suas orelhas !.... Seis orelhas !....

Mas os assassinos foram sete, falta-me pois uma.... e essa, dar-m'a-heis vós !.... Meu corpe ao inferno, minha alma ao demonio, si vol-o perdoar !.... Pedro Luiz, resta-vos um instante, e esse instante é para encommendar a Deos a vossa alma.... A oração symbolica dos apóstolos !.... Dizei-a de joelhos.... É o meu juramento ha de cumprir-se em toda a sua extensão....

— Perdão, Januarío, que vos cega a ira !...

— Nem em nome de Deos ; pedis em vão !

— A hospitalidade, Januarío... E vossa filha... Ah esperai !

— Não me escapareis . . . Meu filho também implorava em nome de Deos, e vós, cannibaes, o ligaveis a um tronco; elle chorava, e vós, abutres de carne humana, lhe arrancaveis a pelle; elle gemia, e vós, onças esfaimadas e carniceiras, lhe decepaveis membro por membro; e elle dava o ultimo arranco, e vós, algozes da barbaridade, lhe tiraveis as entranhas ainda palpitantes! Ah! vós não sabeis por certo em que mãos horriveis cahistes!

— Perdão por piedade!

— Não!

— Eu sou vosso

E Januario Garcia sacava a faca, a terrivel faca do seio da sua victima, que estrebuchava inundada de sangue, quando uma mulher pallida, vestida de branco, com os cabellos soltos, e arquejando horriavelmente precipitou-se sobre elle.

— Que fizeste?

— Paulina, minha filha!

— Meu pae Elle era meu marido!

E caiu desfallecida em seus braços.



V

EIL-AS AQUI

.....L'infenable compagne
Trembla si fortement.....

ANT. DESCHAMPS.

Elle tomba froide et mourante.

VICTOR HUGO.

— E jurando trazer-me uma orelha de cada um dos sete, partiu. . . . E ha ja dez annos que o espero ; ha ja dez annos que ninguem me dá noticia d'elle . . . — antes propagam o boato de sua morte . . . , mas não o posso acreditar porque o coração não m'o diz assim .

D'esta sorte fallava na pobre sala da sua casa de Sorocaba, a misera mulher do implacavel paulista, conversando com Manuela, senhora de rico fazendeiro, ha pouco estabelecido na visinhança :— n'essa sala que tão rica fôra, e cujas paredes, com as pinturas envelhecidas, conservavam alguns logares mais avivados, que apontavam á memoria os lindos paineis de que se achavam despojadas.

— Fallastes-me de uma filha que tinheis? dice Manuela.

— Paulina era o seu nome, respondeu Anna. Ha

oito annos que um homem que aqui chegou, que me pediu hospitalidade, dizendo que seguia para o interior; não lh'a pude negar, pois que no tempo de meu marido era esta casa uma como osteria de peregrinos, que procuravam-n'o pela probidade e honradez de seu character, si bem que propenso á uma taciturnidade mysteriosa, talvez gerada da meditação em que se engolfava de ordinario e da perseverança e energia com que concebia, planejava e executava os seus mais subidos projectos.

« Conversando expuz-lhe sem reboço e com sin-geleza, continuou Anna, a miseria em que me via com a ausencia de meu marido, a necessidade que tive de vender as mulatas, minhas mucamas, e de desfazer-me das minhas crias. Elle ouviu-me com magua, e consolou-me; e querendo de alguma fórma beneficiar-me, mostrou-se agradado de um quadro que pendia d'aquella parede, o qual representava scenas de nossa familia, e era composição de uma moça d'estes arrabaldes; e offercendo-lh'o eu, não o quiz aceitar sem que me retribuísse generosidade por generosidade.

— Mas Paulina? Não fallaes de Paulina, de vossa filha, cuja sorte tanto me interessa como si a conhecesse? replicou Manuela.

— Tudo vos direi. Demorou-se esse homem em minha casa por alguns dias, e com varios pretextos mezes inteiros; e como tivesse tempo para observá-o, notei em seus olhares certa inclinação amorosa, n'esse dizer symbolico de amor, que se não pôde encubrir, e que elle deixava entrever a seu mau grado, para com Paulina. Rodeada de necessidades, ante-endo que breve a miseria vir-me-hia bater á porta, e talvez para evitar que um futuro de angustias pe-zasse sobre mim, propuz-lhe um casamento em bre-ves termos. Afinal elle annuiu de muito boa von-tade. Passaram-se então alguns dias em preparativos; e tudo n'elle era apressar o momento do consorcio, e comquanto essas instancias me fizessem recear al-

gum tanto de um não sei que de mysterioso, comtudo encontrava desculpas, quando mais calma e tranquillamente meditando, via que era esse todo o desejo dos noivos. Mas no entanto ha certos saltos inopinados do coração, certas idéas inesperadas que acommettem a imaginação de improviso e que as mais das vezes deixamos passar desapercibidamente.

— E promptos que foram os preparativos, seguiu-se algum incidente talvez, não ?

— Algum incidente ! . . . Seguiu-se o casamento. Não é, porém, D. Manuela, sob o aspecto de calamidades que o infortunio se nos antolha. Esse homem, que sacudindo o poncho orvalhado da chuva, bateu á minha porta, pediu-me hospitalidade, sentou-se á minha mesa, e dormiu sob meu tecto, mal sabia eu quem era elle. Ha certas impressões bem extraordinarias !

— Continuae que ha muito que me tendes suspensa.

— Sempre que me voltava para elle, com o que primeiramente deparava era com a *bicha* que lhe pendia da orelha, e que imprimia em mim um não sei que de desconfiança

— E bem extravagante era essa circumstancia !

— Extravagante ! Era um reflexo revelador do futuro !

— Emfim, proseguiu Anna, tudo se preparou da melhor maneira que me foi possivel; dirigimo-nos uma tardinha á casa do vigario, e ahí no seu oratorio se receberam os noivos, ouviram as bençãos do ceo, e eu de joelhos rezava para que o Senhor fadasse em bem a sua união quando senti espargir-se-me pela alma frio estremecimento, como que uma mão de ferro me apertasse o coração no peito e m'ó esmagasse ; as trevas escureceram-me os olhos ; e era a dor, era o desgosto, era o pesar, era o horror, era tudo isso em uma so cousa, que não ha nome que a exprima . . .

E ao recordar essa agonia as lagrimas cahiam-lhe

em fio, e os soluços desprendiam-se-lhe dos lábios ; mas proseguiu.

— Uma voz terrível que partiu sem que soubesse d'onde e como, e que soára no oratorio me lançou em uma alluvião de malles privando me do socego de tantos dias e noites como o brado da vingança :

« Esse homem, gritaram, deve uma orelha a Januario Garcia ! »

— Era um dos sete !

— E' verdade, era um dos sete. O menos criminoso, porêm o mais affeito de todos, que vinha á minha casa colher noticias de meu marido, e que con-^{tra}traindo essa união sagrada com nossa filha, se suppunha isempto da sua vingança !

— E Paulina ?

— Que havia de fazer ? Habituar-se a olhar para um dos sete assassinos de seu irmão e pedir ao céu que desviasse a fatal faca do peito de seu marido. Não estava elle, porêm, muito seguro da sua sorte, pelo menos não o affiançava eu, que sei até quanto um paulista se esforça para cumprir sua palavra ; partiu pois, e partiu para tão longe que nunca mais ouvi noticias suas.

— E vossa filha, D. Anna ?

— Partiu com elle ; e como era sensivel á sua partida, não quiz despedir-me d'ella ; quando vieram pela manhan communicar-me que desejava abraçar-me, mandei-lhe dizer que seguisse o seu destino, que eu ficava a rezar para que se não perdesse de toda sobre a terra, ja que não podia ser venturosa ; nunca, oh nunca mais !

— Talvez que o ceo vos ouvisse e ella seja feliz.

— Não. Meu marido jurou, e o seu juramento... Ah ! praza a Deus que ao menos, quando a sineta do portão retinir e annunciar a sua chegada, eu ja não exista !

Não acabava quando a sineta do portão soou fortemente.

— Quem será ? perguntou Manuela.

— Deus de misericórdia, ha dez annos que a sineta não retine tão fortemente !

— E não ouvis o trotar de cavallo ?

— E quem, quem será, minha Santa Virgem da Ponte ?

Na maior anciedade procuravam ellas, atravez dos vidros da janella, ver se descobriam alguém ; mas a noite era em extremo escura, e portanto impossivel distinguir qualquer vulto que fosse, quando por um relampago que se abriu nas trevas, viram que um cavalleiro se apejava junto á porta.

— Batem e os cães latem :

— E tão violentamente !

— Quem está ahí ? perguntaram de dentro.

— Abre, Anna, respondeu uma voz aspera e rouca.

E a porta gemeu sobre os gonzos ; e um individuo embuçado em um poncho desbotado, poido como o manto de um mendigo que ahí vae de porta em porta chorando suas lamurias, trazendo sobre a cabeça ja velho e roto chapeo de largas abas que lhe roçavam os hombros, descalço e enlameado até ás curvas, com a baluda pendente a tiracol, entrou, cunprimmentou a Manuela e apertou Anna em seus braços contra o coração.

Era elle, era Januario Garcia, o infatigavel paulista, que voltava á sua casa, respirando de afan, contente do seu triumpho, satisfeito de sua vingança, e rico de despojos de suas victimas.

— Anna ! bradou elle a sorrir de prazer e com os olhos ondeados de lagrimas.

— Januario ! exclamou a mulher estreitando-o nos braços, não sem alguma repugnancia.

— Ha tanto tempo.

— Ha dez annos !

— E o que fizeste durante tão longo espago ?

— O que havia jurado.

— Que ? E será possivel, meu Deus !

— Eil-as aqui !

Um brado de terror partiu de todos os labios, re-tumbou por toda a sala, e Manuela escondendo os olhos com as mãos, recuou espavorida como se a mão de um phantasma a repellisse, e eahiu sobre uma cadeira, que estalou, quebrando-se. Anna, não obstante estar ja de ha muito preparanda ao golpe fatal, á terrivel appareição, não pôde comtudo deixar de olhal-o com gesto de terror.

— Eil-as aqui, bradava elle, eil-as aqui para substituirem o quadro que tão de eoração estimava, e que tu vendeste ! Sim, Anna, aquelle quadro que fiz pintar com tanto trabalho, que não havia ahi quem m'o preparasse, recordava a innocencia, os gozos pacíficos e a tranquillidade domestica de nossa familia, e estas orelhas myrrhadas e seccas depois que as colheu a mão da morte, estas orelhas recordar-nos-hão cousas muito terriveis, ahi suspensas no mesmo logar que ainda nos mostra o vivo das tintas tanto tempo resguardadas por elle ! Recordar-nos-hão a morte de um filho, o casamento de uma filha, e dez annos de fadigas, de trabalhos, de erros e desvios. Eil-as aqui !

— Ah tira-m'as da vista, dice Anna toda contaminada de horrorosa repugnancia.

— Tiral-as da tua vista ! Como differe nosso sentir ! Ah lembrem-te ellas o filho, lembrem-te ellas que sete reprobos o esfolaram vivo, e depois cortaram-lhe membro por membro, que nada os fartava do nosso sangue, como se a sêde da febre de assassinos os devorasse ; lembrem-te ellas que são despojos de suas victimas, e regosijar-te-has comigo.

— Por Deus, pelo deseão eterno de teu filho, eu te peço, poupa-me a esse espectaculo. Depois da ausencia de dez annos, não haverá mais em que fallar !..

— Durante dez annos de nada mais quiz saber que não fosse noticias dos assassinos ; e porventura não nos darão estas orelhas d'ora avante eterno assumpto para nossas conversas ? Não serão ellas d'aqui em diante o melhor ornamento de minha casa ? Aos prodigios do painel de uma mulher, substituem as valen-

tias da faca de um homem, que não do assassino. A riqueza maior que possuo adquirida com o suor das fadigas e das vigílias de dez annos! Assassinos! Oh! Elles bem sabiam quem eu era quando o amaniata-vam ao jambeiro, e entretanto quizeram desafiar-me as iras! Viram a prudencia em que eu vivia, e pensaram que era fraqueza; tomaram o somno do leão por debilidade de forças; acordaram-no com arremesso furioso, e hoje dormem no leito da morte o eterno somno! Muitos d'elles sem uma cruz, que lhes lucre um ai por seu morrer, uma oração por sua alma! Nem sempre seria o pacifico Januario Garcia sorocabano, o amigo de seus parochianos, tam respeitado por elles, e o amante de sua familia, tam amado por ella.

Assim dizendo, largou o chapeo, pendurou a sua balluda á parede, desembalhou-se de seu poncho, e arrastando uma cadeira, sentou-se juncto de Anna. Manuela que tornára a si, que mais a incommodára a queda, com o quebrar da cadeira, estava recostada ao velho canapé, e algum tanto alentada; si bem que o frio do susto lhe coasse ainda nas veias, e a palidez lhe desbotasse as faces.

— Olha, Anna, dice Januario apresentando o terrivel collar, e escuta a historia das sete orelhas.

— Oh não, por piedade, supplicou ella pondo as mãos e levantando-as para o ceo; oh não; deixa-me na incerteza; não ouves? não percebes?... Na incerteza, sim... que ao menos ignore tudo... Na incerteza, Garcia!...

— Sim, na incerteza, na incerteza, quando eu jurei não voltar ao seio da familia sem sete orelhas; quando tórno depois de dez annos, e quando tu não ignoras que o paulista perde bens, deixa a herdade, e sacrifica todas as commodidades, affronta um a um todos os perigos, arrisca a vida, mas cumpre o que promette! Entretanto queres ficar na incerteza!

— Ah, Januario Garcia, é a unica cousa que te peço n'esta vida.

— Pobre mulher! E ainda a instar, sem que se regosije comigo! Emfim, não conhecerás d'entre estas orelhas aquella que....

— Não... não... **Januario**.

— Aquella que tem uma *bicha* pendente com uma figa...

— Ah!.... Não é verdade!...

— Depois de dez annos e de tanto procural-o, fui emfim enconral-o tão longe, em villa tão remota.... Vingui a minha affronta: eil-a aqui; é de **Pedro Luiz**, do assassino de teu filho e do marido de tua filha!...

E um ai, um ai de morte partiu dos labios de **Anna** que cabiu inanimada e fria, nos pes de **Januario**.

Forcejando por erguer-se, tomou **Manuela**, tremula, como estava, o candieiro, e approximou-se; **Januario**, inclinando-se, tentou alevantal-a, mas ella abriu os olhos, volveu o rosto, suspirou languidamente e tornou a cerrar as palpebras; **Januario**, recebendo o candieiro, chegou-se a ella...

— **Anna!**... **Anna!**... exclamou elle.

— Ah está morta! murmurou a amiga apertando-a em seus braços e chorando.

— Morta! Morta! repetiu **Januario** ternamente e olhando-a com a mais viva penetração de amor e compaixão.

— Desgraçada familia!.... balbuciou **Manuela**.

— Desgraçada, sim! repetiu elle.

E de repente largando o candieiro suspendeu a enfiada de orelhas e bradou horriavelmente:

— Mas que importa? Agora póde soar a trombeta do dia de juizo; eu me apresentarei a **Deus** com esta orelhas — **Deus** me julgará!



VI.

CONCLUSÃO.

Alguns annos depois uma mulher cujas feições denotavam ainda a belleza da mocidade, e um moço trajando pezado dô, de joelhos e mãos postas, olhos em lagrimas, oravam tristemente ante a eça que sustentava um feretro.

Os sinos da villa dobravam funebremente.

Era Januario Garcia que se tinha finado, deixando ao mundo a sua tremenda e horrorosa memoria, e o terrivel cognome :— *O sete orelhas*.



AS

DUAS ORPHAS

ROMANCE.

O horrible! horrible! most horrible!

SHAKSPEARE.

I

A' GUERRA !...

Toda, toda eres perfecta
Toda eres donaire e gracia ;
El amor vive en tus ojos ;
Y la gloria está en tu cara.
La lebertad me has robado ;
Y lo doy por bien robado ;
Mas recibe el don benigna
Que mi humildad te consagra.

MELLENDEZ.

Alta ia a tarde ; — o sol desaparecia por entre as nuvens de rosas do poente, e as ondas do *Una*, reflectindo a côr avermelhada do horizonte, se antolhavam como vagas de sangue ao conde de Nassau, que, á frente de um exercito de 10,000 homens, approximava-se de Porto-Calvo. O seu tenente Henrique Vagamol o seguia, costeando, com algumas tropas, a bordo de pequenas embarcações, e a divisão de Christovão Archichofle, desembarcando na Barra Grande, acabava de se lhe reunir.

As Provincias Unidas, atemorizadas com as incursões de Henrique Dias, de Rabello, Camarão e Souto, e da energia que havia desenvolvido o grande Mathias de Albuquerque ; e, querendo conservar sob o seu jugo as capitánias brasileiras que a tanto

custo conquistáram, resolveram mandar um general em chefe com reforços e poderes illimitados que, conservando as ja conquistadas, (1) passasse a subjugar o resto do Brasil! João Mauricio de Nassau, (2) joven ardente de gloria e avido de assignalar-se em grandes emprezas, foi encarregado de tão honrosa quão ardua missão.

Partiu, pois, Nassau de Amsterdam com uma frota de doze navios de guerra guarnecida de 720 soldados, e chegou tres mezes depois ao Recife, (3) trazendo por conselheiros a tres dos principaes ministros da companhia das Indias Occidentaes (4).

Desenvolver toda a actividade, toda a energia possivel a pôr termo ás devastações dos brasileiros e submeter o Brasil ao dominio da Hollanda, foi todo o seu empenho. Bem que tivessem os hollandezes sido felizes no ultimo successo, comtudo começavam a sentir o revez da sorte; Archichofre tinha sido obrigado a arrazar o forte de Peripoeira, a retirar-se ao Recife; graças ás correrias destruidoras de Camarão, Souto e Rabello, seus armazens achavam-se esgotados; a fome, esse cancro que roe e consome, e a miseria lavravam pelo exercito hollandez, que, composto de mercenarios de quasi todas as nações, diminuía a olhos vistos, ao mesmo tempo que o nosso exercito se engrossava com as suas deserções, e os destacamentos batiam ás portas de seus estabelecimentos.

Distribuiu Nassau dous mil e seiscentos homens pelas guarnições, e com outros tres mil formou um exercito prompto á primeira voz; organisou um cor-

(1) Pernambuco, Tamaraka, Parahiba e Rio Grande do Norte.

(2) Segundo Stathonder da Hollanda, filho do conde de Nassau e Diremburgo e de Margarida, princeza de Alcaria.

(3) Sahiu em 25 de outubro de 1636 e chegou em 23 de janeiro do anno seguinte.

(4) Martins Ceulico e João Gesselim, que voltavam ao Brasil, representando um Amsterdam e outro Midelburgo; e Adrião Ducio, as cidades de Rotterdam e Groningua.

po de cerca de seiscentos indianos e negros, tirados das aldêas ou pedidos aos senhores, destinado á guerra de devastação e pilhagem, e convidou por uma proclamação aos colonos das capitaniassubmettidas a virem vender as suas mercadorias ao campo hollandez.

Fortificado Bagnuolo em Porto-Calvo com a artilheria, decidiu, pois, de accordo com os conselheiros, que as operações começariam pelo ataque da nascente villa; e ordenando preces geraes, como que implorando o arrimo dos ceos, poz-se em marcha para Porto-Calvo.

Informado Bagnuolo da marcha do exercito invasor, tímido e acobardado como quasi sempre o foi, dispoz os meios para a sua fuga, mandando para Magdalena sua bagagem, escoltada por uma manga de italianos, quando ao mesmo tempo — contraste singular! — ameaçava com pena de morte e confiscação de bens aos colonos que se retirassem ou fizessem transportar as suas familias e objectos para o interior! Desprezando os pareceres que lhe deram em conselho os generaes Francisco Dias de Andrada e Duarte de Albuquerque, para que fizesse occupar todas as passagens, afim de fatigar o inimigo em sua marcha, tanto mais que elle havia a vingar cinco legoas de caminho em algures montanhoso e alhures alagadiço, com passos aqui estreitos e ali perigosos, resolveu-se a esperar Nassau em Porto-Calvo; e, reconcentrando todas as suas forças, chamou as tropas capitaneadas por Martim Soares, que guardavam o Una, por onde Nassau havia de passar, para guarnecer dous reductos que erigira no outeiro de Amador Araes, para cobrir a villasinha, e que — ainda em mal! — mais uteis foram aos contrarios. De um dos reductos até o Mangoaba fez elevar encoberta vereda que mais facilitasse-lhe a fuga!

Ao aspecto ameaçador de exercito tam numeroso, como o qual ainda não tinha apparecido no Brasil, o pavor e o espanto tornaram-se geraes. Bagnuolo,

que regosijara-se com a nomeação de general das tropas luso-hespano-brasilicas, lastimando-se então de sua posição, possuido de terror, ordenou ao governador de Porto-Calvo o general Miguel Giberton, que se fortificasse no forte da igreja com trezentos soldados, minadores, artilheiros, officiaes e munições para tres mezes; encarregou o commando da mor parte de suas tropas ao tenente-general D. Alonso Ximenes de Almiron e foi encerrar-se no reducto, cuja vereda o protegesse na premeditada fuga, acompanhado dos generaes Andrada e Albuquerque e de muitos officiaes brasileiros, portuguezes, hespanhoes e italianos.

A indignação apoderou-se de todos os corações que palpitam pelo amor da patria, da gloria e da honra. A' vista da inacção do general, as mulheres com lagrimas nos olhos, apertando seus innocentes filhinhos contra o peito, enchiam os ares de gritos de desesperação, julgavam-se ja victimas da brutalidade dos soldados hollandezes. Os habitantes, o exercito, pediam a altos brados que os deixassem ir ao encontro dos invasores; e Bagnuolo, receioso, acobardado, ordenou-lhes, ja tarde, que marchassem.

Accendeu-se então o enthusiasmo em todos os peitos, como uma explosão que desabrocha por cem partes; e vivas a milhares á fe, á patria e ao rei, ecoaram de boca em boca por espaço longo. E viu-se um guerreiro, esporeando o ginete que montava, correndo a bradar com voz pausada e sonora:

— A' guerra! A' guerra, senhoras brasileiras!

Quem seria?

As feições eram bellas, o perfil e contornos indianos; vivos, negros e expressivos os olhos; e os cabellos pretos e corredios, espargidos pelos hombros.

Quem seria?

Era uma brasileira, illustre pelo seu nome e coragem; (1) — era a esposa de um bravo indio, do Sci-

(1) Veja-se o artigo biographico que escrevi sobre ella e que vem na *Revista Trimensal do Instituto Historico*.

pião brasiliense ; —era a intrepida D. Clara Felippa Camarão !

Assenhoras e donzellas de Porto-Calvo, incitadas com o seu exemplo, trajando como se guerreiros fossem, correram ás armas ; voaram aos braços de seus consortes e paes, ávidas de partilharem dos perigos da guerra, da defensão da patria e liberdade.

Existia entre ellas uma que mais que todas sentia o amor da gloria, o amor da patria chammejar-lhe dentro no coração ; seus cabellos, mais negros do que as azas do patrio jaku, debruçavam-se-lhe pelos hombros brincando em ondas ; suas faces eram mais coradas que as rosas dos bosques brasilienses n'uma d'essas bellas tardes de verão, e os olhos pretos brilhavam como as estrellas nos ceos annilados dos tropicos, cheios de vivacidade e amor. A elegante postura, o gracioso andar, o compassivo, terno e amoroso olhar sos, bastavam para reduzir, para captivar o mais duro coração !

Formosa como Mariana, Isabel, sua prima, achava-se a seu lado.

Não mimoseado pela fortuna, curvado ao peso de annos, vivia em Porto-Calvo certo homem, cuja magnanimidade e philantropia eram cabalmente conhecidas de seus compatriotas. Tinha elle um filho a quem prestava todos os cuidados ; e, não obstante seus acanhados recursos, havia se encarregado da educação de duas orphãs, Marianna e Isabel. Avesado desde a infancia a entreter-se com as lindas meninas, affeiçoára-se o filho do velho Affonso Gonçalves a Mariana, e sua paixão augmentou-se com os annos. E

Que peito ha tam isempto de brandura,
 Que não conheça o dom de uma belleza !
 Quem póde resistir a um doce e brando
 Quebrar de olhos que as almas vae ganhando !

Que forte foi no mundo conhecido
 Que fôro á formosura não pagasse,
 Tendo que por cobarde fosse tido
 Si contra ella valente se mostrasse? (1)

Entretanto, Isabel era tambem amada pelo joven Diniz Gonçalves; assentada juncto d'elle, nos rochedos que banha o Pedras-brancas, ensombrada pelas frondosas mangabeiras, vendo as limpidas agoas do rio resvalar-se mansamente com doce murmurio por entre alvas pedras; ouvindo os ternos gorgeios dos gatoramos que adejam em torno ás bananeiras; as melodias dos sabiás, pousados nos raminhos das laranjeiras; os trilos dos pardos coleirinhos que pulam pelos galhos da aroeira; as saudosas canções das patatibas; e aqui e ali os beija-flores atravessando os ares, brilhando como raios de luz; prolongando a vista por esses floridos jardins da primavera, dourados pelos ultimos clarões do sol, em que, roçando a brisa suave da tarde, vinha-lhe trazer os gratos effluvios que se elevam das flores;—ah! muitas vezes escutou estas palavras, que muitas vezes se deslisaram de seus labios:

« — Si Marianna não existisse, dizia elle, se ella não tivesse ganho o meu coração, quanto não te amaria eu! Fizera mais ainda, minha cara Isabel, adorar-te-hia como se fosses um anjo do ceo sobre a terra!

Sincera e pura confissão de candida alma, motora de tam sinistro projecto e desgraça!

Não desconhecia Affonso que o fogo da mais ardente paixão abrasava o peito de Diniz, conhecia, — ainda em bem! — o amor em que Marianna ardia por seu filho; via que era necessario que quanto antes se ligassem pelo consorcio; mas, em extremo pobres, era antes de seu desejo unil-as a ricos filhos de lavradores de Porto-calvo, e esperava conseguil-o

(1) Mosinho de Quevedo, *Affonso africano*.

logo que os inimigos fossem expulsos das férteis terras americanas. Van esperança ! . . . Separar dous corações

Ardentes, onde amor ergueu seu throno,
Por seu proprio adoptando o par mimoso, (1)

ligados por affeições da infancia, é derramar n'elles o fel da morte.

Diniz ambicionando esposar Marianna não occultava o seu designio á presumida Isabel: tanta candidez borbuhlava em seu peito !

Ignorante !

Não previa que essa franca confissão ateava o facho do ciume no coração da vaidosa donzella ; facho que de ha muito o obrasava e consumia. E Marianna beijava e afagava sua rival !

Inexperiente !

Ignorava que as florestas engrinaldadas com os cheirosos festões da primavera occultam em seu seio os ninhos das terriveis sucuriubas, e que a agoa que pura e crystalina se nos antolha, muitas vezes se acha corrompida pelo halito da peste !

Amava muito Isabel a Diniz para cedel-o á Marianna ; e a idéa de que cedo ou tarde — mau grado seu — seria esposo de sua rival, perturbava-lhe as esperanças ; e o ciume, chamma infernal que abrasava-lhe o coração, que incendiava-lhe a mente, inspirou-lhe horroroso projecto . . .

Em breve medirão os dous exercitos as suas forças ; e n'esse ensejo, n'esse duello horrendo, em que as leis da humanidade serão calcadas aos pés dos batalhadores, em que o retintim das armas, os trovões do canhões e o sibilo das armas, cadenciando a orchestra infernal da guerra, n'essa dança de sangue e de mor-

(1) W. Jones, na traducção do poema persico de Hafiz — *Os amores de Laili e Majnun* :

Love rais'din their ardent bosoms his throne
Adopting the blooming pair as his own.

ticinio, imporão silencio a seus ais, Marianna O ferro de Isabel estava destinado, não para encravar-se no peito dos invasores, mas no de uma das defensoras da patria, no de sua amiga da infancia !

Quem o saberá ?

A confusão, o horror da guerra serão propicios ao seu designio.

O tenente-general Ximenes de Almiron, com o sargento-mor Martim Ferreira da Camara ; os bravos capitães Francisco Rabello, João Lopes Barbalho, Assenso da Silva e Manuel de Sousa e Abreu, e oitocentos soldados ; D. Antonio Filippe Camarão com os seus trezentos brasileiros ; Henrique Dias com os seus oitenta negros, e D. Clara Filippe Camarão capitaneando as valorosas guerreiras, pozeram-se em marcha ; e chegando ja sol posto á vista do inimigo, fizeram alto.

Assenhoreando-se o invasor de uma eminencia, aquartelou-se nas casas do proprietario Domingos Vaz Barcellos.

Medonha e carregada, como o aspecto da guerra, differia a noite o combate para o dia seguinte ; os hollandezes, porém, com quatro peças de campanha, não cessaram de fazer fogo contra os nossos.

II

A BATALHA

**Arma! Arma! Tudo soa, tudo guerra!
Guerra o mar soa, soa guerra a terra!
Dos valles repulsando nos outeiros
Respondem guerra os écos derradeiros!**

MOSINHO DE QUEVEDO.

**O quente sangue espuma!
Qual belga foge, qual brasilio fere!
Quem evita o *Mavorte*
Na espada feminil encontra a morte!**

J. DA N. SALDANHA.

O dia começava a despontar quando annunciou-se a marcha do exercito inimigo, que desceu em tres linhas até a falda do monte.

A primeira linha era commandada por Archichofle.

A segunda por Sigismundo Escup.

A terceira por Nassan; sua guarda compunha-se de cinquenta arcabuzeiros.

Menos de dous mil brasileiros, portuguezes e hespanhoes acharam-se para logo frente a frente da linha dirigida por Sigismundo Escup, e immediatamente seguiu-se horrendo combate.

O choque foi terrível.

Tudo tornou-se confusão e horror.

D. Clara, no seu animoso palafrem corria de fileira em fileira, exhortando os seus guerreiros e brandando-lhes continuamente :

— Victoria ou morte !

O Scevola africano, o intrepido Henrique Dias, precedido de seus valentes soldados, pelejava denodadamente.

Camarão com os seus indios não era menos fatal aos hollandezes.

Lanças, espadas, chuças, settas, o fogo contra o fogo, o ferro contra o ferro, se cruzavam e retiniam horivelmente, como uma orchestra de raios ! e continuas descargas de mosquetaria, brados, gemidos e soluços mortaes se mesclavam mais e mais, realçando o horror da guerra ! Por toda a parte balas, flechas, sangue, fumo, po, ruina, e em toda a parte a morte ! a morte ! a morte !

La se destaca do grupo negro dos pelejadores o terrível Henrique Dias ; uma bala varou-lhe o punho, a amputação é o mais prompto remedio, e eil-o que de novo se abalança ao conflicto.

— Basta-me uma mão para servir a Deus, exclama elle, ao rei e á patria ! A' fé de soldado em como cada dedo d'esta que me fica fornecer-me-ha meio para a vingança ! Não affrouchar, que Deus peleja por nós contra esses hereges. Animo, que a victoria é nossa !

E seus soldados se reanimavam por modo tal, que Segismundo Escup começou de recuar ; porém veio o general Archichofle com a primeira linha a reforçal-o, e a batalha pareceu começar de novo.

Arrojou-se Ximenes de Almiron com a reserva a refazer o exercito real ; mas em crescido numero eram as tropas de Nassou ; e desacorçoados os nossos deram de rosto aos contrarios e á victoria, e seguiram em boa ordem, sempre perseguidos pelos invasores, para o Comendaituba. Ahi um punhado de bravos

portuguezes guardava a passagem : decididos a resistir novamente, eil-os encarniçados tigrés de sobre os hollaudezes, que grandes estragos soffreram. Era de ver dous mil homens pleiteando contra um exercito numeroso e guerreiro, sempre valentes, sempre grandes, ainda mesmo prestes a serem vencidos !

O invicto general portuguez Andrada, despresando as ordens do inerte Bagnuolo, abalou se do reducte a sos com poucos soldados da guarnição ao meio dos hollaudezes ; alentados os nossos com este exemplo de bravura e intrepidez, conseguiram rechazar os vencedores.

— Victoria ! victoria ! bradaram os soldados entusiasmados.

— Avante, que ella é nossa ! gritava Ximenes de Almiron.

— Meus amigos, tres de vossos capitães ja não existem, morreram como eu desejo de morrer, combatendo como intrepidos que eram ! Vosso sargento-mór la jaz cahido entre o tropel de mortos e feridos, sem que desmentisse de seu valor ; vingae-os pois ! Nada de desacoroçoamento ! Não affrouchar, que Deus pelega por nós contra esses hereges ! Animo que a victoria é nossa ! dizia o atrevido e bizarro Henrique Dias aos seus valentissimos negros.

— Victoria ou morte ! repetia D. Clara, espo-reando seu fогoso palafren, que respirando enxofre e morte e tascando o freio envolto em espuma, em fogo e em sangue, se inflammava com o espectaculo da batalha, relinchava pulsando a terra com as patas.

D. Antonio Filippe Camarão acoroçava os robustos, esforçados indios, que governava com o exemplo de impavidez e denodo. Era mais amigo de obras que de palavras, e quando recuava não era como Ajax ameaçando, mas sempre pelejando. Um crucifixo lhe pendia de sobre o peito, bem como o habito de Christo com que o acabava de galardoar o tyranno Philippe IV, honra que então a raros se concedia ; mas

hoje Ufano, elle offerecia o peito á torrente de sibilantes pelouros, e parecia dizer a cada passo :

— Não temo a morte quando combato pela patria e pela fe !

E avançavam os nossos pelejando com enthusiasmo.

Morria pela bala Pedro da Cruz, que bravamente havia guerreado durante o conflicto ; e ahi a seu lado eusanguentado, esterigado o animoso Cosme Vianna sustentava ainda a sua espada.

— Ah ! meu amigo, tu tambem foste martyr da patria ! Somos companheiros na gloria de morrer com ella ! dice Pedro da Cruz.

— Eu antes quizera, voltou-lhe o joven Cosme Vianna, ser companheiro d'esses que pleiteam por ella e que com ella hão de vencer ! Oh ! então, como cheio de prazer não voaria aos braços de minha mãe, levando-lhe a noticia da restauração da patria ! Infeliz ! De cinco filhos que mandára á guerra so lhe restava eu . . . so eu ! . . . E agora ? . . . Ah !

Torceu o moço o rosto, calou-se, e seu silencio foi de morte ! Pedro da Cruz abraçou-o e seguiu-o.

D. Antonio Coutinho e o alferes Gaspar Cabral, João de Uchoa e outros tiveram a mesma sorte, foram abraçar-se á eternidade.

Não cessavam os soldados de energicamente carregar sobre os contrarios ; acções brilhantes, feitos de heroicidade se succediam uns aos outros ; scenas pungentes arrancariam lagrimas de quantos n'este spectaculo terrivel si achavam, se a guerra as não tivesse estancado. Uma brasileira, fatigada de combater, cahiu sem alento ; immediatamente um hollandez varou-lhe o seio com a espada ; sua filha, desesperada investe-o com o ferro em punho, rasga-lhe o peito, penetra os esquadrões inimigos, prostrando a quantos se lhe ousavam de antepôr, causando estragos, derramando sangue ; soltos os cabellos, scintillantes os olhos de raiva, parecia o genio da vingança, anhelante de sangue e de *carnagem*, regozijando-se com

es estragos que deixava apos si ; e quando ferida e prostrada exhalou o seu ultimo suspiro, suas palavras exprimiram a alegria e o contentamento de sua alma.

— Morro, mas depois de vingar-te, ó minha mãe, depois de dar a morte áquelles que te privaram da vida ; morro, mas satisfeita !

Surriu-se então, e pouco depois, cumulo de mortos e feridos a esconderam aos olhos do inimigo.

Isabel, que anciosa buscava a sua rival, descobriu-a pouco distante, batalhando como uma Amasonas, ao lado do joven Gonçalves, de quem jámais se apartára, e seu coração palpitou, e frio estremecimento percorreu-lhe fibra por fibra todo o corpo. Tremula como a taboca com o rumorejar da viração, armou o mosquete, e na desditosa amiga, na infeliz rival, que odeava mais que aos contumazes hollandezes, disparou a arma.

Eil-a no mesmo instante a braços com um hollandez ; a bala do mosquete apenas beijára levemente a face de Marianna, que n'um volver de olhos viu-a ameaçada de ser victima do furor do fero soldado ; correu pois a seu soccorro, e quando este lhe ia a desfecar um golpe mortal, o prostrou por terra. Todavia Isabel estava ferida ; Marianna so pôde impedir que o golpe lhe fosse menos funesto. Vendo-a pois quasi a perder a vida, a arrastou para fóra do logar da acção, procurando minorar os soffrimentos d'aquella que pouco antes lhe dispunha a morte !

Observando Nassau o desanimo que principiava a apoderar-se de seu exercito, envergonhádo ao ver seis mil homens disputando tam obstinadamente a victoria a um exercito cinco vezes mais numeroso, esqueceu-se de que era general para obrar como simples soldado ; arrojou-se pois ao seio da batalha, arrostrou perigos, incitou os seus a imital-o.

Estava a batalha quasi a decidir-se, pendente a victoria aos destimidos defensores do Brasil ; tornou-se o Comendaituba em ondas de sangue, quando

Nassau, admirado de tanta intrepidez, e tam heroica, de tanta valentia e tam homerica da parte de seus inimigos, ordenou que se tocasse a retirar.

E o grito — Victoria! — retumbou pelas campinas de Porto-Calvo como um so brado.

A noite veio subitamente estender a mortalha da morte sobre o campo qualhado de sangue, juncado de mortos, e os exercitos acharam-se divididos pelo Comendaituba.

Aproveitando-se das trevas da noite, tratou Nassau de enterrar os mortos e de curar dos feridos.

Lastimoso lhe era em extremo esses ais de dor que continuos se desenlaçavam de seus corações, e esses corpos aqui e ali arquejando nas vascas da morte, sequiosos de vida.

Na opposta margem jaziam os nossos.

Um borburinho reinava por todo o exercito.

Bagnuolo era o objecto de serias reflexões.

Poucos soldados fallavam das proesas que haviam obrado durante o conflicto, e a mor parte ardia no desejo de ver de novo o dia para de novo dar provas de valor e expurgar as terras do Brasil d'essa peste invasora, e Ximenes de Almiron conversava tristemente o seu amigo Martim Ferreira da Camara, quando lhe vieram trazer uma ordem de Bagnuolo; e pouco depois esse nome ecoava pelo campo coberto de maldições.

— Vamos depressa, bradou Ximenes de Almiron.

— Para onde? interrogaram todos a um tempo.

— Para a Magdalena, nas Alagoas, respondeu o general.

— Para a Magdalena? perguntou Francisco Rabello.

— Sim, foi a ordem que recebi do general Bagnuolo.

— E elle?

— Acaba de partir para la com uma companhia de soldados, acompanhado de Duarte de Albuquerque Coelho.

— Covardia ! diceram uns.

— Infamia ! replicaram outros.

— Viva a fé, viva a liberdade, viva a patria, que havemos de defender emquanto tivermos vida ! gritou Rabello ; e parte do exercito respondeu a seus vivas.

— Vamos ! O general Bagnuolo é . . .

— Traidor !

— O general Bagnuolo é quem o ordena. Ninguem pois se opponha á sua ordem !

— Para Magdalena !

O exercito, escoltando os habitantes de Porto-Calvo, seguiu o caminho das Alagoas.

Avisado Nassau da fuga, e não podendo comprehender como soldados victoriosos dessem de rosto aos vencidos, mandou que o seu sargento-mor com seiscentas praças, os perseguisse ; mas este recolheu-se logo sem que diligenciasse encontrar-se com elles, o que por certo não era muito de seu gosto.

O outro dia, ao romper da alva, admirado o general Miguel Gilberton do silencio que reinava na villa, mandou um official ao reducto de Bagnuolo pedir-lhe ordens ; mas nem ordens nem avisos tinha Bagnuolo deixado : com tanta precipitação abandonou elle a villa que devêra defender ! Restava um expediente, e Miguel Gilberton não hesitou. As casas e os armazens foram entregues ao fogo, e as peças das trincheiras encravadas.

O exercito hollandez atravessou o rio sem a menor opposição, e veio pôr cerco ao forte.

Os sitiados, não obstante a pequenez de seu numero, corresponderam denodadamente ao fogo do inimigo, accometteram-no com coragem e inquietaram-no diversas vezes em animadas e bem dirigidas sortidas. Quinze dias haviam-se passado, e ainda durava o cerco ! Um punhado de heroes, capitaneado por um valente que soube cumprir as ordens que lhe prescrevera tam perfido general, mostrou aos estrangeiros como defendia-se a patria com dignidade

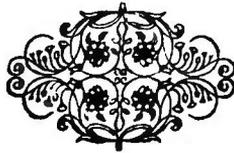
e honra. Tanta intrepidez, tanta coragem não deixaram de incitar a admiração e o respeito do honrado Nassau, que mandou-lhes offerecer capitulação, recusada ao principio, mas que por fim foi aceita, quando ja toda a resistencia era-lhe inutil; que os parapeitos estavam demolidos e entulhados os fossos. Sahuu pois em frente da guarnição com arinas e bagagens, mecha accesa, bala em boca e bandeiras despregadas.

Fortificado Porto-Calvo e entregue ao capitão Peter Vanderverre, poz-se Nassau em marcha com todas as suas as forças de terra e mar em seguimento do exercito fugidio.

Tam cuidadosa se esforçara por restabelecer a sua amiga e prima a boa Marianna, como alegre a viu salva do perigo que ameaçara leval-a á sepultura; e com ella e Diniz acompanhou o exercito que, mal parando em Magdalena, marchou precipitadamente para S. Francisco, deixando em seu transito desfallecidas mães em os braços da miseria, e criancinhas, velhos e donzellas que cahiam fatigados de longas marchas e devorados péla fome, que cobriam de maldições os nomes de Nassau e Bagnuolo, motores de todas as suas desgraças.

Chegados a S. Francisco, foram guerreados e vencidos pelos hollandezes.

Bagnuolo, esse desvalente general italiano que a Hespanha nomeára para commandar corajosos brasileiros e esforçados portuguezes, tinha fugido para Sergipe!



III.

O BILHETE.

Salut, dit-elle en soupirant, beau soleil
du Brésil ! Salut pour la dernière fois !

JAKARE'-OUSSOU.

Dans un billet.....

Je lis son crime et je lis mon malheur!...

Um coup de foudre eut été moins terrible!...

PARNY.

Vencedor, permittiu Nassau, tomando posse do villa de S. Francisco do Penedo, que seus contrarios se estabelecsem na margem septentrional do rio do mesmo nome. Ahi encontrou Marianna o seu velho bemfeitor ; e Isabel, despindo-se de seu orgulho, confessou o horrendo projecto de assassinato, não mais a tendo por sua rival, não mais sendo Diniz o idolo de seu coração, o enlevo de seus olhos, e o unico pensamento que n'alma lhe morava. Porém, as douradas esperanças que a lisongeavam emmurcheceram como as flôres da primavera ao enregelado sopro do inverno. Isabel enamorando-se de um joven amigo de

Diniz, muito mais gentil do que elle, mas não dotado de tam brilhantes qualidades, deslembrou-se de seu primeiro amante, e deixou-se embalar no berço da esperança por sonhos encantadores que mentiam felicidades, mas a morte veio asinha despertá-la! . . .

Jeronymo, o desditoso amador de Isabel, succumbiu á rapida enfermidade que o accommettêra, e a vida da vaidosa donzella esteve por mais de um momento a extinguir se, semelhante á moribunda luz de uma candêa ao sôpro riço dos ventos. Os cuidados que Diniz lhe prodigalisára fizeram-na acreditar que era amada por elle, que seu coração se voltára para ella; — breve consolação a que deveu a vida; — consolação que o tempo destruiu, como a aragem dissipa as nuvens de aroma que se elevam de entorno dos mangueirões.

Conhecia o velho Gonçalves o como progredia a paixão de seu filho; sabia que era necessario evitar alguma desastrosa consequencia, e decidiu-se a dar-lhe Marianna por esposa, certo de que, ainda mesmo pobres como eram, seriam felizes amando-se mutuamente.

Scientè Isabel das intenções de seu bemfeitor, sentiu-se de novo abriçada pelo ciúme, por essa chamma atçada pelo amor e pela inveja; e, para impedir a felicidade de sua rival, lançou mão de perfido enredo.

Ditosa seria ella a não lhe serem inuteis os cuidados de Affonso e a educação que tam sabia e cuidadosamente lhe havia dado.

Fingiu, pois, a letra de Diniz, traçou algumas linhas, como a ella dirigidas, em que o amante de Marianna confessava amar-lhe e ajunctou outras expressões bem faceis de despedaçarem o coração; não sabendo, porém, como pudesse fazer com que esse bilhete dictado pela mais vil intriga cahisse nas mãos de sua rival, passaram-se dias até que opportuna occasião veio coroar-lhe o intento.

A tarde ia alta; transmontava o sol desaparecen-

do por entre os bellos damascos de purpura que dobravã-m-se pelo horizonte; seus raios derramavam-se sobre as arvores e sumidades dos montes, emprestando-lhes por momentos veos de ouro; as soberbas vagas de S. Francisco deslisavam-se magestosamente com arfuido; os passarinhos descantavam tam saudosos que parecia que celebravam as exequias do dia, que pouco e pouco la se esvaecia no occidente, e branda e suave viração, embalsamada do odor dos floridos bosques, percorria as campinas coroadas de coqueiros, agitando seus verdes leques. Marianna passeava gozando das pictorescas scenas que em quadros tam animados offerciam aquelles sitios, e ante ella, não distante, caminhava Isabel, que tirando do seio um papelinho, deixou-o cahir e continuou como si o não tivesse presentido, na esperança de que Marianna o apanharia. Não enganou-se; e o fogo do ciume que devora, aniquila e consome, inflammou pela primeira vez esse coração tam terno!

Buscou Isabel perder-se pelos labyrinthos de verdura das planices de S. Francisco, e Marianna dirigiu-se para a margem do rio: ahí, sentada sobre um rochedo, olhos demissos e afogados em lagrimas, o peito opprimido de dor, poz-se a cantar tristemente ao sussurro das ondas e dos coqueiros, que placida e fagueiramente abanava a viração, estes versos que outr'ora do saudoso Bernardim Ribeiro, do poeta enamorado da bella luzitana, escutaram as montanhas apraziveis de Cintra, e que ella muitas vezes repetia ao seu amador, n'esse mesmo logar, reclinado n'esse mesmo rochedo:

« Ao longe de uma ribeira
 Que vae pelo pe da serra,
 Onde me a mi fez a guerra
 Muito tempo o grande amor,
 Me levou a minha dor.

« Já era tarde do dia,
E a agoa d'ella corria
Por entre um alto arvoredó,
Onde ás vezes ia quedo
O rio e outras vezes não.

« Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso ;
Ao rugido saudoso
Das agoas cantavam ellas.

« Todas as minhas querelas
Se me pozeram diante ;
Alli morrer quizera ante
Que ver por onde passei ;
Mas eu que digo ? Passei
Antes ainda hei de passar
Emquanto hi houver pesar,
Que sempre o hi ha de haver.

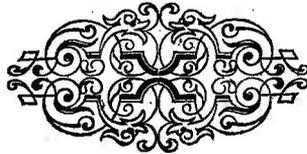
« As agoas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ao pensamento
Que assi eram minhas magoas,
D'onde sempre correm agoas
Por estes olhos mesquinhos
Que tem abertos caminhos
Pelo meio de meu rosto ;
E ja não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha ;
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como ;
D'onde eu certa crença tomo
Que para me deixar veio

As lágrimas que se lhe desataram dos olhos, os soluços que se lhe desenlaçaram do coração, lhe tolheram a voz ; os versos do trovador de Cintra pareciam tecidos para ella ! Crendo ter perdido para sempre o

objecto de seu amor que ella pensava idolatrar-lhe, recordava-se saudosamente dos dias risonhos de seus passados annos; lembrava-se do sitio onde vira pela vez primeira a luz do astro que agora se escondia no occidente; e para elle volvendo os olhos, suspirando, o saudou pela derradeira vez. O sol brilhou ainda por alguns momentos e desapareceu . . . Ergueu-se então e foi caminho da choupana do velho Affonso; e, torcendo o rosto, lançou um olhar de saudades sobre as rochas que deixava, e magoado suspiro escapou-se-lhe dos labios.

Era o último adeus que ella enviava aos logares testemunhas de seus amores!

Cedo desceu a noite, e o ceo dos tropicos patenteou-se em toda a sua pompa, como um aceanio de luminosas estrellas. Assentados á porta da choupana, desfructavam Affonso, Diniz Gonçalves e Isabel a fresca aragem da noite, e Marianna, reclinada á janella, meditava tristemente; tinha ella na mente um pensamento terrivel! Terrivel, como uma inspiração do inferno! Terrivel —o suicidio!



IV

DESESPERAÇÃO INFERNAL

CLEONICE.

... Cediamo al destino. Da me lontano,
Vive felice, il tuo dolor consola.

Poco avrai da dolerti

Ch'io ti viva infidèle, anima mia.

Giá de questo momento

Io comincio a morir. Qu'esto ch'io verso
Fors'è l'ultimo pianto. Adio! Non dirme
Mai piú che infida e che sperjura in sono.

ALCESTE.

Perdono, anima bella! Oh Dio, perdono!

METASTASIO.

O astro dos mortos ia placidamente pelo ceo, deramando frouxos e amarellados raios, desaparecendo de momento em momento para tornar a apparecer d'entre brancas nuvens que ensanefavam a abobada celeste. O rumorejar da viração, enfiada pela basta folhagem dos bosques, os bramidos das ferozes onças e sucuriubas, o ruido que faziam os tamanduás correndo pelas campinas em busca de formigueiros, e as capivaras atravessando o rio, os sibilos dos mochos pousados nas cumieiras das cabanas,

.....o grito agudo e triste
 Nos velhos sapezaes dos verdes grillos, (1)
 o som repetido que espargiam de si rompendo os ares

Do agoureiro morcego as tenues azas (2)
 e de quando em quando, la tam longe, remoto,

A voz do cão, que rosna e vela em torno,
 Do humilde tecto, que a innocencia habita (3),
 a misturar-se com o cantar dos vigilantes gallos, har-
 monisavam o hymno da noite.

Era meia noite ! Affonso, ouvindo bradar por seu nome, ergueu-se ; Marianna o chamava ; Marianna, que languia nas ancias da morte . . .

O velho embuçado em pardo capote, chegou vngaiosamente ao leito ; beijou-lhe ella as rugosas mãos, e soluçando regou-as com copiosa torrente de lagrimas de fogo.

— Chamae, meu querido pae, que pae m'õ ha-veis sido, chamae Diniz e Isabel ; quero d'elles me despedir ; quero vel-os pela vez extrema, e morrer amada por elles

— Morrer ! Morrer ! exclamou o velho cheio de admiração.

— Sim, morrer ! Meu Deos, todo poderoso, perdoae-me tamanho crime a voluntaria morte que bebi na taça da desesperação e do crime !

Affonso, tremulo, repassado de susto e de pavor, como si estivera ante alguma visão, ante algum phantasma, interrogou-a por vezes ; instado, porém, fortemente, foi chamar Diniz e Isabel. Então ajoe-

(1) J. B. de Andrada e Silva, *Uma tarde no sitio de S. Amaro*.

(2) Idem, idem.

(3) J'entends au loin, vers ce riant séjour.
 La voix du chien qui gronde et veille autour
 De l'humble toit qu'habite l'innocence.

CHATEAUBRIAND, *Nuit de printemps*.

Ihando-se ella ante o crucifixo que pendia da parede esbroada da cabeceira do seu leito, e alagada de lagrimas, poz-se a murmurar o symbolo dos apóstolos. Sentindo passos, persignou-se e deitou-se. Chegára Affonso seguido de Diniz e Isabel, e ao vel-os, novas lagrimas desprenderam-se d'esses olhos outr'ora tam bellos, tam cheios de vida, tam repassados de amor e de ledice, e nos quaes agora

Um não sei que de magoado e triste
Os corações mais duros entenece, (1)

e serpejaram em fio pelas fuces

Que descoradas estavam como rosas
Que hão sido fóra da estação cortades, (2)

pois que iam perdendo

A rubra e branca côr co'a doce vida. (3)

Tomou as mãos de ambos, cobriu-as de beijos, ligou-as; e depaís suspirou tristemente.

— E' teu, Isabel! Eu t'ó cedo! exclamou ella. Sê feliz com elle por toda a vida, que eu generosamente morro para seres ditosa, para que o possas lograr sem que o ciume te mortifique, te exacerbe, te enfureça, e sem que tambem arme teu braço contra meu peito!

« E tu, meu caro Diniz, unica consolação que eras de minha alma! Ah, tu devias fazer a minha felicidade, no entanto foste infiel, perjuraste! Pois bem, sê feliz com Isabel, a quem amas, que este bilhete. . . . Oh, este bilhete em que li teu crime, em que li teu

(1) Basilio da Gama, *O Uruguay*.

(2) Descolorido estava como a rosa
Que ha sido fuera de sazon cortada.

GRACILAZO DE LA VEGA.

(3) Camões, *Os Luziadas*.

perjurio, em que li minha desgraça, destruiu todas essas esperanças que me embalavam nos braços da ventura; envenenou esses dias que tam docemente escoavam-se; turbou esses sonhos encantadores de amor que eu sonhava adormecida juncto de ti, reclinada sobre teu peito, acarinhada por teus beijos, afaçada por tuas cantigas!

« Eil-o aqui esse terrivel escripto!

— Perdão, perdão! dice Isabel, cahindo de joelhos, com os olhos arrasados de pranto.

Momento solemne! Affonso, como estatua, contemplava esta scena sem poder comprehendel-a; sua admiração augmentava-se de instante á instante. Reinava o silencio dos tumulos por toda a choupana, apenas quebrado de quando em quando por um ou outro soluço de morte, por um ai de arrependimento; a candêa que presê a esbroado pilar ardia funebremente, soltando bagos clarões, parecia extinguir-se de momento em momento. Diniz arrebatou o bilhete das mãos de Marianna, approximou-se da candêa, leu-o, conheceu o enredo traçado pela perfida Isabel, e fel-o em pedaços. Marianna, forcejando, sentou-se, e arrimando a cabeça ao hombro do velho Gonçalves, olhos embaciados pelo halito da morte, gritou por Diniz, com voz tremula e moribunda: correu o moço para ella, cerrou-a nos seus braços, banhou-a com lagrimas ardentes; e ella lhe entregando o ultimo suspiro, tornou-se pallida e fria.

A candêa soltou seu ultimo clarão e apagou-se...

Affonso abriu a janella, e a lua enfiando por ella seus debeis raios, foi pallidejar sobre o cadaver de Marianna....

Diniz, com os cabellos alvoraçados, olhar scintillante de raiva, lançou mão de um punhal que lhe ficava a pouca distancia, e arremeçou-se desapiadado á Isabel.

— Morre, perfida! bradou elle pela voz do trovão.

— Perdão! . . . implorou ella, ajoelhando-se.

— Diniz! Meu filho!

— Em nome de Deus, perdão !.... repetiu Isabel.

— Morre ! Morre !....

— Ah ! não me mates !....

E um gemido, e para sempre a morte !

— Que horror, meu Deus, que horror ! exclamou o velho precipitando-se sobre o desesperado amante, a quem dominavam as fúrias da vingança. Diniz acabava de saccar o ferro do seio de sua victima, e ainda tincto de sangue, ainda tepido, ia a embebel-o no coração, quando arrebatou-lh'o e furioso bradou-lhe que se contivesse. Porém nada, nada absolutamente pôde oppôr barreiras á ira de seu peito.

Abriu precipitadamente a porta e seu pae o seguiu segurando-o pelo braço. De repente escapou-lhe, e como um relampago que se abre nas trevas, desappareceu a seus olhos para todo o sempre.

— Meu filho ! Meu desgraçado filho !... exclamou Affonso Gonçalves levantando as mãos para o ceo e cahindo de joelhos.

Ouviu-se ao longe :

— Marianna, eu ja te sigo ! Serei teu outra vez !

F. um gemido partiu do fundo das ondas.



V

CONCLUSÃO

Nunca mais os colonos de S. Francisco ousaram de passar pelas margens do grande e caudaloso rio durante a meia noite ; e fama foi ainda por muito tempo depois que um vulto correndo despenhava-se nas ondas a bradar :

— Marianna, eu ja te sigo ; serei teu outra vez !
E ao longe as ondas bramiam funebremente.

FIM DO ROMANCE.



TESTAMENTO FALSO

NOVELLA

BELISARIO.

**Sin hacienda, siendo rico !
Yo quiero vengar-me ya
Del pasado fraude y dolo !**

.....

LOAYSA.

**Pues primero
Quiero que me perdoneis.**

.....

BELISARIO.

**Mas tu tam poco tuviste
Culpa en el mal que causaste,
Pues cobro en esta contienda
Una esposa y una hacienda !**

AGUILAR, *Elmercador.*

I

NOVA FUNESTA

MELICIA

Gran secreto es el morir!

PAULA

Para mí bien declarado:

Mas secreto es el vivir,
Siendo cierto de partir
Nunca estar aparejado?
Cada qual es enganado
Y confiado

En qui tiene luenga via.

MELICIA.

Ainsi fué.....

Mal peccado!

GIL VICENTE.

Via-se no largo da Lapa, n'esse lindo, aprazivel e tam concorrido quarteirão do Rio de Janeiro, em uma noite de inverno, uma casa brilhantemente illuminada; ahi reinava a musica com todas as suas seducções e a dança com toda a sua *bella desordem*; —era um sarau em honra da senhora do dono da casa.

Anselmo Rodrigues estava satisfeitiſſimo no meio de seus convivas.

D. Maria Marcelina recebia mil parabens pelo seu feliz anniversario. Lisongeiros e aduladores vinham aos pares com estudadas finezas significar-lhe o seu prazer pelas boas disposições que, segundo elles, apresentava a illustre representante de meio seculo; e ella mais desejosa que disposta a viver outro tanto tempo, recebia essas congratulações com graça que não deixava tambem de ser estudada.

Bella e interessante como as meninas aos quatorze annos, Margarida captivava mais que sua mãe as atenções, e não era para menos por amor d'aquelles expressivos, negros, grandes e brilhantes olhos, por amor d'aquella tez amornada e corada á maneira do jambo, por amor d'aquelle andar cheio de movimentos seductores, por amor d'aquelle fallar meigo mais animoso, por amor d'aquelle rir cheio de suavidade. Não era em honra d'ella o sarau, mas as honras da noite lhe pertenciam.

Havia-se ja dansado, e muito, e ácerca d'ella se occupavam todos; ácerca d'ella, a um canto da casa, conversava seu pae com Manuel Luiz de Faria, negociante portuguez, estabelecido ha poucos annos no paiz, negreiro, contrabandista, ambicioso de riqueza e ávido de todas as honras creadas pela sociedade e por ella prostituidas aos sacerdotes de Pluto...

Sem ter perdido aquellas maneiras rusticas, os modos selvagens, seus ademans grutescos contrahidos desde o nascimento, procurava comtudo pollir-se conchegando-se áquelles cujas manciſas attractivas lhe serviam de estudo; era a bella Margarida o objecto de sua attenção, e gosto era vel-o dirigir-se á interessante menina, que o desdenhava, que o aborrecia de morte.

Queixava-se agora ao pac por jamais haver conseguido dansar com ella, porque sempre a achava premunida de par, de maneira que via-se obrigado a valer-se da autoridade paterna.

Ahi veio cahir a conversa depois de haver versado sobre a belleza da menina tam gabada por Manuel Luiz, ou sobre a educação planejada por Anselmo, quando este, sorrindo-se, acenou para um galante menino, sentado á alguma distancia.

Era seu filho, o ultimo com que o ceo abençoára a sua união ; fallou-lhe elle ao ouvido, e o pequeno foi direito á irmã que passeava pelo braço de Henrique, a quem muitos davam antecipadamente o titulo de douctor.

Margarida dirigiu-se immediatamente a seu pae ; Henrique acompanhou-a.

Manoel Luiz levantou-se, inclinou-se, arrastando os pes ; levantou a cadeira em que estava sentado ácima de todas as cabeças, atirou com ella, não sem estrondo, em frente da cadeira de Anselmo Rodrigues.

— Ora aqui está um assento, dice elle.

— Agradecida, respondeu Margarida escusando-se.

— Margarida, espero um favor de ti.

— Mandaes senhor, e não pedis.

— Hoje peço.

— E se eu jamais pude negar-vos um favor, meu pae, quanto mais hoje.

— Bom, bom ! accrescentou Faria esfregando as mãos, estou servido !

E poz-se a calçar umas luvas.

— Espero que danseis com o snr. Manoel Luiz.

Margarida calou-se e Henrique sorriu-se malignamente.

— O' diabo ! exclamou Luiz admirado que as luvas estivessem tam justas.

— E então ? dice o pae.

— Tenho par para contradansas sem conta, que, segundo penso, não se dansarão hoje.

— Agora com quem dansas ?

-- Com o sr. douctor, respondeu Margarida referindo-se a Henrique.

Henrique corou, titubiou, quiz fallar e nada dice. O velho deu mostras de impaciencia.

— Eu cedo, dice Henrique esforçando-se sobre si.

Margarida deu-lhe leve cotovelada.

Manuel Luiz inclinou-se batendo com as mãos nas côxas.

— E eu estou prompto.

E vendo que as luvas se tinham aberto, poz-se admirado a olhar para as mãos.

Margarida e Henrique pozeram-se a rir.

A orchestra deu signal para a walsa.

— Vamos, dice Manuel Luiz offerecendo o braço a Margarida.

— Ainda é cedo, respondeu Margarida, não ouvi o signal para a walsa?

E começou a musica.

Henrique tomou Margarida pela cintura, pegou-lhe da mão direita, e ao som animado da harmonia de Straus deslisaram-se unidos pelo salão; eram dous anjos balançando-se sobre as nuvens, e o pavimento todo coberto de oleado, colorido, parecia rebentar em flôres sob aquelles pés tam delicados, ligeiros e leves.

Manuel Luiz deixou-se cahir sobre uma cadeira; a raiva o dominava ao mesmo tempo que a admiração modificava-lhe a ira; achava-se mystificado, e para elle o negocio era mais que serio; e com tudo invejava a Henrique o poder que lhe dera a arte e a natureza.

Terminada a walsa, conduziu Henrique a interessante Margarida para bem distante de Manuel Luiz; offereceu-lhe um logar no divan, de bella sêda azul todo brocado de ouro, e sentou-se a seu lado. Ahi conversavam elles havia ja alguns minutos, quando a orchestra deu o signal para contradansa.

— Vão cantar? perguntou Faria a Rodrigues.

— E' o signal....

— Ah! é o signal, sim, eu não desgosto d'essa musica.

— Segue-se a contradansa, digo-vos eu, ajuntou Anselmo.

— Sim, em segundo logar a contradansa, accrescentou Manoel Luiz.

Anselmo riu-se e calou-se; Manuel Luiz, percebendo que iam dansar, levantou-se, dirigiu-se a Margarida e offereceu-lhe o braço, que ella aceitou sem pronunciar palavra, e sem que mesmo se dignasse de encaral-o.

Henrique, que ficára so, ergueu-se, e um amigo veio lhe bater no hombro.

— Então, vamos?

— Oh! é verdade, dice Henrique, eu não danço gora.

— E como hade ser isso?

— Mas dansarás com o senhor, e servir-lhe-has de *vis à-vis*.

— Sim, snr. dr. Silva, dice Manuel Luiz, sirva-me de *aviso*, que eu ca d'isso pesco muito pouco.

— Que diabo de lapuz é este, Henrique?

— Caluda! E' o noivo de... Henrique aproximou-se e fallou-lhe ao ouvido; ah! Margarida ouviu perfeitamente o seu nome e corou.

— Ora, temos conversado, dice o douctor, voltando-lhe as costas com o maior desprezo; e Manuel Luiz, mudo e em pe no meio da sala, olhava para todos os lados.

— O que vos falta, senhor? perguntou-lhe Henrique.

— O *aviso*.

— Aqui estou eu.

— Mas não tendes dama.

— Ser-me-ha facil achal-a; não ha senhora que não me queira para seu cavalheiro.

— Pois então *arranje-se*.

Henrique deixou-o, e Margarida guardou o maior silencio para com seu cavalheiro.

Tendo a contradansa começado, Henrique foi oc-

cupar o logar que lho competia, em frente de Margarida. Então um sussurro lavrou por todos os dansantes; todos os olhos se occupavam do par de Henrique, da bella escolha que elle fizera: era a sua dama uma horrenda velha, e Manuel Luiz mordia os beiços de raiva pelo excellente *aviso* que lhe dava o bom do moço.

— Então, senhor, dice Henrique passando por Margarida no *chaine anglaise*, não perdemos.

— Certamente, antes *vis-à-vis* que par.

— Mas o Manuel Luiz é que se está mordendo de raiva.

— Onde fostes desencavar essa bruxa, snr. doutor?

— E' uma noiva para elle.

— Diabo! murmurou Luiz, si eu soubesse não dansava.

E estendeu as mãos para Margarida; era um *tour de mains*.

— Que mãos de ferro tem esse homem, observou Margarida.

— Dansa com garbo, ajunctou Henrique offerecendo a mão esquerda a Margarida no *chaine de dame*; olhae como dá com aquelles cotovellos á modo de caixeiro de taverna que anda pelas ruas ás pressas.

— Senhora, dice Manuel Luiz, haveis de consentir que tire as luvas, que estão todas rotas.

— Ora, essa é boa, respondeu Margarida, pois não vêdes que os vossos calos rasgarão as minhas como ja rasgaram as vossas?

— Sois muito rispida, D. Margarida, mas para mim que para um certo sujeito....

— Pois sabeis d'isso?

— Sei que....

— Ora, dizei.

— Henrique....

— Acabae.

— Empregaes optimamente o vosso tempo.

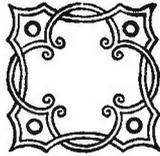
- E não faço bem ?
- Sim, porque ignoraes quem elle seja.
- Outro tanto diria elle de vós si eu vos amasse, não sei si com mais razão.
- Si eu vos amasse, repetiu elle entre os dentes.
- E para que essas rivalidades ?
- Si elle não fosse um intrigante, si
- *En avant deus*, snr. Manuel Luiz, bradou-lhe o mestre-sala vendo-o parado ; e Manuel Luiz poz-se em *avant deus* quando os outros ja atravessavam, e todos pozeram-se a rir.
- Manuel Luiz, murmurou-lhe Anselmo sacudindo-lhe a aba da casaca.
- O que ha la, que não me deixam hoje com os diabos ?
- Não sabeis ?
- O que é, estaes pallido ?
- Lourenço Pinto de Souza
- O que tem ?
- O que tem ? ajuntou tambem Henrique attrahido pelo nome de seu padrinho.
- Morreu agora mesmo !
- Morreu ! repetiram os pares que o rodeavam e a nova funesta derramou-se pelo salão.
- E sem reconciliar-se comigo, balbuciou Henrique cahindo sobre o divan.
- E sem ter feito talvez novo testamento ! bradou Luiz precipitando-se pelas escadas.
- O meu vidrinho de saes ! gritou Marcelina para suas mucamas, dirigindo-se a Henrique, porém ja la estava Margarida para chamal-o á vida com aquelles dous negros e scintillantes olhos.
- Henrique estava sucumbido por aquelle inesperado golpe.
- Que agouro, murmurou Maria Marcelina comigo, que agouro, logo n'esta occasião !
- Qual dos dous será o herdeiro ? Qual dos dous será tambem o marido de minha filha ! Tal foi o primeiro pensamento de Anselmo.

Pouco depois uma sege conduzia Henrique para o seu domicilio, e o silencio da noite veio por seu turno occupar o bulicio do sarau tam funestamente interrompido.

E tudo tornou-se trevas.

O somno e o descanso succederam ao movimento e aos prazeres ; so dous entes velavam, so dous entes — tam distantes ! — se occupavam com o mesmo objecto ; — o futuro !

So dous entes : — Margarida e Henrique !



II

QUERO PORQUE QUERO !

— Tudo perdi, desgraçado,
Exclama o moço ,
So n'esta alma o seu retrato
Dura com fogo gravado !

MOUSINHO.

Margarida tinha-se levantado tristonha de seu leito, e assim se conservára todo o dia ; sentou-se á noite ao piano e poz-se a cantar as mais tristes e funebres modinhas que possuía.

— Ha dias em que o coração parece que nos advinha algum mal, dice ella comsigo ; estou tam triste e não sei a causa !

Fechou o piano ; chegou á janella. Brilhava a lua e tudo era deserto. Notou no entanto um vulto que passava em frente da igreja e que se moveu dirigindo-se para o lado de sua casa.

Margarido recuou algum tanto para dentro, e ao mesmo tempo sentiu cahir na soleira da sacada, a seus pes, uma pedrinha.

Olhou e viu que o vulto tomava nova direcção ; abaixou-se e apanhou um papel atado a uma pedrinha.

Arremeçou a pedra á rua e escondeu o papel no seio ; no mesmo instante uma mão tocou-lhe de leve no hombro ; olhou sobresaltada, e era sua mãe.

— Margarida !

— Senhora.

— São horas de accommodar-nos ; Anselmo parece que faz tenção de se não recolher, nem é possível que o enterro deitasse para tam tarde.

— Elle não póde tardar, minha mãe, mas eu tambem não posso esperar que estou ó cahir de somno.

— Assim tambem estou eu ; hontem tam alegre e hoje tam triste ; aquella nova funesta me tem feito scismar, e bem.

— Tanto peor ; esquecei-a si não quereis que vos seja em tudo sinistra.

— Sim, sim, mas ahi é que está a dif. . . . fi. . . . cul. . . . da. . . . de. . . . dice Marcelina bocejando.

— Talvez que o somno

Margarida ia proseguir quando lembrou-se de pôr fim á conversação.

— Vou deitar-me, ajunctou ella, que não posso com tanto somno.

E beijando a mão de sua mãe, recolheu-se a seu quarto. Ahi, desenrolando o bilhetinho, leu com avidéz e curiosidade devorando as letras :

« Senhora.—Perdoae o meu atrevimento ; tinha-me imposto a mim mesmo o preceito de jamais fazer uso da penna para corresponder-me secretamente com senhora alguma ; obriga-me porém a necessidade a proceder de outra maneira ; si me não perdoardes, não me culpareis d'aqui em diante, porque espero que seja esta a primeira e a ultima vez.

« Estou pobre, desgraçado, que perdi tudo ! Chegava ao fim de meus estudos, ja no 6.^o anno de medicina, e via contente coroados os meus esforços por vossa mão, pagava-me bem d'elles com a posse d'ella,

quando a subita morte de meu padrinho, que me devia fazer feliz e ditoso constituindo-me herdeiro de immensa fortuna, me deixa para sempre desgraçado, sem um real de esmola, que toda essa immensa riqueza de seiscentos mil cruzados foi pouca para premiar a intriga de Manuel Luiz!

« Amava-vos elle, e ja vosso pae o estimava pelos seus haveres; si a avareza não apagou em seu coração o amor que vos tributava, sua victoria é certa; vossa mão ja não será para mim, homem sem futuro; exigir-vos-hão um *sim* sem a minima reflexão, e vós. . . . Margarida! o passado é sem esperança! As que tinhamos então repousavam no porvir. . . . como n'um sonho!

« Aos quatorze annos o coração da mulher somente sabe amar; aos quatorze annos a ambição repousa n'elle, como as fezes no fundo de um vaso antes da fermentação; mas la vem o tempo em que ellas se revolvem, tudo toldando até ganhar a superficie; mas eu, longe de appellar para elle—ainda tam bello e innocente!—appello para a vossa razão, que o futuro não seja para mim um remorso!

« Perdi, ainda no berço, minha mãe; e ainda em tenra idade, meu pae esterçado n'um ataúde parecia-me a mim que dormia; pobre, não fiquei sem amparo; perdi-o porêem agora; e assim vejo fugir a minha esperança! Resta-me a resignação, que esta a tenho eu, para affrontar os rigores da sorte; mas outro tanto não espero de vós; associar-vos á minha ventura era o meu pensamento de todos os instantes; associar-vos á minha desgraça. . . . Oh! nunca!

« Segui pois a vossa estrella; obedeci a vosso pae; amae o homem que vos póde fazer feliz, amai-o tanto como me amastes, e esquecei-me para todo o sempre, para que no meio da abundancia e dos prazeres não vos venha uma lagrima manchar as vossas bellas faces, lembrando-vos talvez que eu curto as mais pesadas necessidades da vida.

« Eu *sim*, não me esquecerei de vós; vossa ima-

gem, gravada na minha mente, será como a lembrança da bonança na tormenta !

« Ah! basta que haja um infeliz n'este mundo ; um so, e que esse seja eu !

« Sêde feliz ! A abençoção divina caia sobre vós ! Tornar-nos-hemos a ver e a amar ; — aonde ? Deus o sabe. Adeus !

HENRIQUE. »

Margarida tinha banhado as letras com suas lagrimas. Tornou a ler, e novas lagrimas cahiram sobre as paginas, como gotas de chuva sobre as folhas da taioba. Queria decoral-a lendo e relendo ainda muitas vezes, quando sentiu o ruido dos passos de seu pae subindo a escada e batendo de degrau em degrau com a bengala.

Correu Maria Marcelina ao encontro de seu velho esposo ; e Margarida, amarrotando a carta, escondeu-a ligeiramente sob o travesseiro.

Anselmo Rodrigues, á proporção que entrava, ia fechando as portas sobre si, até que recolheu-se a seu aposento, visinho ao de Margarida.

Franco por demais, não era muito para segredos ; havia pois por costume de muitos annos trazer sua esposa inteirada de tudo quanto tinha feito, fazia e tencionava fazer : poz-se pois a conversar com sua mulher.

Margarida ao ouvil-o como que pronunciar seu nome, correu para juncto da porta que communicava um quarto com outro, mas que não era de estylo abrir-se, e escutou.

— Ora, eu tinha ca meu receio que o homem ja não quizesse, pois que mudaram-se as circumstancias.

— Sim, Anselmo, mudaram-se as circumstancias, e é por isso que eu mudo tambem de parecer ; agora, sim, consinto eu que Margarida se case com Faria ; mas a duvida ja não é minha sinão d'ella? Quererá ?

— E que remedio terá sinão estar pelo que quizermos ? Por ventura tiveste tu querer quando te fui pedir a teu pae ?

— Eu recebi educação diferente, e bem te has de lembrar que a primeira vez que te vi foi na igreja, pois que pelos quicios das portas e orifícios das fechaduras mal te podia distinguir; os tempos são idos e hoje em dia....

— E hoje em dia os paes tem o mesmo direito que nos tempos de d'antes.

— Mas ella ama a Henrique, tem-lhe decidida inclinação; e quem sabe si elle....

— Ora, pelo amor de Deus, não me falles n'esse moço; ficou sem um vintem, e no entanto que Manuel Luiz está senhor de seis milhões! O padrinho que tal fez é certo que bem o conhecia; quando não, repartiria a herança por igual.

— E n'esse caso o que vemos? Que as intrigas de Manuel Luiz prevaleceram.

— Não tanto assim; ambos se guerrearam a mais não poder, ambos tinham suas dividas para com o velho Lourenço Pinto, porém o tal Henrique mais que o outro; Manuel Luiz sempre é homem estabelecido, negociante....

— Mas sem educação e completamente bruto, ignorante....

— Não importa, como tem dinheiro todo o mundo o hade atuar e até mesmo polil-o; e eu o que desejo é fazer o futuro de minha filha.

— E eu tambem.

— Pois bem, estamos concordes, e por todo este mez hade effectuar-se o casamento.

— Então é necessario cuidar no enxoval.

— Em nada; tudo será prompto; quem tem o seu condão em seis milhões, que mais necessita que acenar?

— Seis milhões!..., repetiu a mulher.

— Seis milhões! dice ainda Anselmo mettendo-se na cama.

Ah! Margarida estava traspasada pelas palavras que ouvira; traspasada como se fosse por agudas espadas!

Infelizmente para ella não era um sonho.

— Minha mãe, minha mãe ! dice ella arremessando-se no leito, e tambem vós !

Dormiu, mas que somno ! Todo elle agitado ; e e pela manha, ao beijar a mão paterna, foi inteirada por Anselmo de seus designios.

Consultada sobre o casamento, respondeu-lhe que não tinha vontade propria.

— Extranho sobremancira, lhe dice o pae, essa vossa resposta.

— Pois bem, respondeu Margarida, um *sim* ou um *não* não será o mesmo para quem está disposto a obrigar-me a casar, não com Henrique ou Manuel Luiz, mas com seis milhões ?

— E são para mim que os quero, minha filha ?

— Não, meu pae, são para mim ; o casamento está concluido : aqui está minha mão ! A venda está feita, aqui está a escrava !

— Margarida ! dice asperamente Marcelina, que tom é esse ? Não fallas com teu pae ?

— Se vos offendo, perdoae-me ; mas esse tom imperioso não o teria eu, tel-o-hieis vós, minha mãe, se ainda advogasseis a minha causa.

Marcelina calou-se ; Anselmo, prompto para sahir, bateu com a bengala de riço no pavimento, como que firmando sua vontade, o seu quero porque quero, a despeito dos bons desejos de sua filha, e desceu pausadamente a escada.

Então o pranto desatou-se d'aquelles olhos tam negros e bellos ; e abraçada com sua mãe viu, não sem consolação, que as lagrimas maternas tambem corriam.

Mas tudo em vão !

E no entanto quantas moças não lhe invejariam a sorte ?

Assim é tudo n'este vale de lagrimas !

III

O CASAMENTO

To mourn him?

PIERPONT.

Todo o largo da Lapa e ruas immediatas apresentavam o aspecto de um dia de festa ; as carruagens paradas á porta de Anselmo Rodrigues tinham attrahido a attenção da visinhança ; as janellas estavam guarnecidas de moças cheias de curiosidade e tambem de inveja.

Era o dia aprazado para o casamento do snr. commendador Manuel Luiz de Faria, cujas maneiras delicadas no tracto de cortezão haviam sido adquiridas na contagem de seiscentos mil cruzados !

Pomposa carruagem, tirada por uma quadriga de urcos, parou á porta de Anselmo ; pagem de rica libré azul com vivos dourados desceu pressuroso a abrir a portinhola, e um homem trazendo uma suberba e disforme commenda no peito da casaca, *sobre a algibeira da carteira*, saltou e subiu a escada.

— O snr. commendador ! . . . bradou Anselmo para dentro, correndo á escada para recebello com outras pessoas que se achavam em sua casa.

Manuel Luiz foi introduzido na sala com os maiores cumprimentos, sem duvida devidos ao signal caracteristico de sua casaca, emblema de suas riquezas.

— Então a menina ainda não está prompta? perguntou elle.

— Ella não tarda, snr. commendador! está bella como uma noiva, que noiva é.

— Pois vamos aviar que o sol não tarda a recolher-se, dice o commendador.

— Que terá o sol com o casamento? murmurou um dos convidados cujo negro bigode sobresahia á tez alva do rosto.

— Fallae mais baixo, que elle póde ouvir, Raphael.

— Sem duvida, ajunctou o dr. Silva, estou enganado; trata-se talvez de um baptisado.

— Isso é para mais tarde, respondeu Raphael; o snr. commendador espera um baronato, para o que....

— Para o que ja tem despendido algumas boas sommas....

— Si lhe derem....

— Ora, se lhe darão! pois ja não teve a commenda de Christo?

— E o que fez para isso?

— Ora o qua fez! Fez todo o possibile. Deu os passos precisos e alcançou-a.

Maria Marcelina appareceu na sala acompanhando a sua filha. O commendador correu a cumprimental-a, e Rodrigues deu o signal para a partida.

— Esperae, meu pae, dice Margarida; ha um dever a cumprir ainda: não sahirei sinão com uma condição.

— Minha filha! bradou Marcelina como que inquieta e indignada.

— Minha mãe, eu tenho direito a ser ouvida e muito mais attendida, e espero sel-o. Snr. commendador, accrescentou ella dirigindo-se para Manuel

Luiz, é de vossa bondade que espero me presteis toda a attenção.

— Eu vol-a prestarei, senhora ; podeis fallar com toda a liberdade.

Esta scena tinha tomado um character serio e attrahido todas as attensões ; nunca o commendador se havia sahido tam bem ; e Margarida, sem se perturbar, metteu a mão no seio e tirou de um papelinho.

— Ha um homem, dice ella, que deve de hoje em diante ser esquecido por mim ; não que seja de rigoroso dever para uma mulher deslembrar-se, so por casar-se, até d'aquelle que foi o primeiro a occupar um logar em seu coração, mas porque elle exige, para minha completa ventura, que me olvide d'elle. Desgraçado, teme que a lembrança de suas miserias venha turbar o brilho de meus prazeres ! Assim, eu quero que elle tambem esqueça-se de mim para sempre ; que quando sinta o punhal do infortunio enterrar-se-lhe pelo peito não exclame : « Ella náda na abundancia, e eu soffro ! »

— Pois bem, dice o commendador, dar-lhe-emos algumas mensalidades.

— Nem eu, nem vós, senhor ; que elle as receba sem que saiba de quem.

— Tanto melhor.

— Muito bem : ja que sois generoso, sabeí mais que pagaes generosidade por generosidade ; aqui tendes e vêde, senhor, como Margarida o amando vae entretanto ante o altar dar-vos a sua mão.

Margarida entregou a carta de Henrique a Manoel Luiz, que parecia devorar as letras com os olhos.

— Ella honra a Henrique, dice o commendador dobrando a carta ; tive um rival assaz generoso !

— E procedeu, ajunctou Margarida, como muitos não se haveriam em seu caso.

— Pois bem, dar-lhe-hei mensalmente mil cruzados para ajuda de seus estudos.

O espanto foi geral. O commendador metteu a carta na algibeira e todos os olhos o acompanharam ;

pensaram todos, talvez, que tanta prodigalidade era inspirada pelas boas e bem empregadas expressões de Henrique; nem mesmo Margarida o comprehendeu, apenas um homem alto e magro, com a cara amorenada e coberta de escaras que lhe deixaram as terríveis bexigas, penetrou-lhe no fundo do coração, e viu os efeitos da causa fatal que mais tarde também viria por seu turno pedir contas à sua nova vítima.

Esse homem estremeceu.

Manuel Luiz dirigiu-se a Raphael, murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido, e o moço fez signal affirmativo com a cabeça.

— Agora, dice Margarida, podemos partir.

Mettidos em seus carros, segundo o ceremonial observado n'essas occasiões, caminhon o brilhante prestito pela rua de Passeio e foi parar juncto á sacristia da igreja de S. José, que se erguia de novo sobre suas velhas ruinas.

O recinto da capellinha estava atopetado de curiosos, atraídos uns pelo ruido dos carros, outros pela fama da riqueza de Faria, cuja boa sorte a muitos maravilhava, pois ha um mez que o traficante de negros novos se elevava de tam humilde e desprezível estado ás mais altas condições da sociedade.

Manuel Luiz apeou-se rapidamente e veio offerecer a mão a Margarida, que saltou tremula e em extremo corada; abaixou os olhos e caminhou guiada por sua mãe, sem ousar olhar em torno de si.

Um murmúrio desprendeuse de todos os labios!

— Que pena, diceram uns, tam bella e ainda tam mocinha, para semelhante rustico!

— Que homem feliz, diceram outros, boa herança e boa moça!

— São duas fortunas que quasi sempre se ligam, observou um velho.

— Falta a terceira, que quasi sempre falta, que é o possuidor digno d'ellas, accrescentou um joven.

Chegou o sacerdote; vinha todo paramentado de

novas vestimentas, lembrança feliz que lhe inspirára a esperança de uma boa esportula.

A capellinha, illuminada, mostrava perfeitamente todos os olhos fixos em Margarida.

A's expressões claras e sonoras do vigario succedeu a sua voz tremula e sumida, que sem duvida se perderia si o maior silencio não lhe reinasse em torno.

— Sim, balbuciou ella, e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos.

— Chorará por elle? murmurou Faria consigo.

E um ai surdo e abafado como que lhe respondeu. Assim tambem sibila a viração, assim responde o éco por quebras do monte.

Terminada a cerimonia, seguiu Margarida conduzida pelo braço de seu marido; acompanhavamos as testemunhas e convidados. Passou por um joven que ali estava de joelhos, que lhe pegou na fimbria do vestido de branca seda e beijou-a furtivamente no meio da confusão.

Deixou-lhe ella um raminho de flôres de laranjas que levava no peito; emblema de castidade e pureza, como talvez penhor de seu amor platónico; e o joven não a comprehendeu, que murmurou consigo:

— Para mim as flôres, e para elle tudo! Maldicto Lourenço Pinto de Sousa!

E sahio.

— Coitado! dice um sujeito bem trajado, alto, de rosto trigueiro e coberto de escaras de bexigas, testemunha até então muda de todo este acto; tanto se amavam e eu fil-os para sempre desgraçados! A um a herança! A ambos o amor!

Era o escrevente de um tabellião.

Henrique entrou em casa de seu amigo o dr. Silva, cuja bolsa lhe havia sido aberta franca e generosamente desde que seu padrinho Pinto de Sousa lhe suspendêra a mensalidade que lhe dava, prohibindo-lhe a entrada em casa.

Sentou-se juncto de uma mesa em que costumava a escrever, afflicto e acabrunhado, e por acaso deparou

com a nota da carta que dirigira a Margarida ; quiz despedaçal-a ; conteve-se, porém, e começou a lel-a.

Recordando-se de seus protestos de resignação, acalmou-se, e não chegava ainda ao fim, quando sentiu baterem á escada.

— Entre quem é, dice elle largando a carta e dirigindo seus olhos para a porta de um escuro corredor.

Entrou um pagem negro de rica libré azul com vivos dourados.

— O snr. dr. Henrique?

— Sou esse.

O pagem entregou uma carta volumosa que tirou da algibeira, entregou-a, e sahiu immediatamente sem que elle dêsse por isso.

Abriu Henrique a carta, achou uma porção de notas, e leu com espanto :

« Douctor.

» Estude para completar a sua carreira ; ahi vae
« dinheiro para o que necessitar ; e igual remessa scr-
« lhe-ha feita mensal e pontualmente, sem que
« jamais se exija de v. s. outra paga que o proceder
« franco e leal de homem honrado. »

Henrique, absorto, contou as notas, e achou que prefaziam a quantia de quatrocentos mil réis.

Procurou pelo pagem e não teve mais noticia d'el-
le ; reuniu todos os dados para saber de que parte lhe
viria semelhante donativo, mas nem pelas feições ou
libré do pagem, nem pela letra ou estylo da carta, o
pôde saber ; todavia todas as suas presumpções ti-
nham seu grau de certeza.

— Nunca a fortuna me desamparou, dice elle a
rir-se tristemente ; é a estrella de Margarida que ain-
da luz para mim ! é a voz de Lourenço Pinto de Sou-
sa que ainda me soccorre do fundo do sepulchro !

E reanimou-se, mas Margarida ja não podia ser
sua !

Felicidade, ó sonho incompleto da vida ! não te
possue por certo quem ainda deseja !

IV

CINCOENTA CONTOS DE DOTE

Que quereis, senhor, que diga?...
pero dejadme topar con ella.

LOPE DE RUEDA.

Havia mais de anno que Margarida tinha-se ligado a Manuel Luiz ; levada a todos os divertimentos, nem por isso lhe era dado alegrar-se ; mortal melancolia se apoderára de seu coração desde a morte de sua mãe, que se finára balda de scismar com a nova funesta do dia de seus annos ; vivia pois triste e reconcentrada no fundo de seu coração.

Tambem Manuel Luiz por seu turno, não era o mesmo homem ; magro e abaçanado, adivinhava-se-lhe o proximo fim, e entretanto a ambição das honras e grandezas o accommettia desordenadamente. Preparava a sua casa para esplendido baile, afim de commemorar o seu baronato, graça que acabava de obter e que ainda lhe trazia as despesas do titulo de grandeza que ficára para occasião mais asada, sem duvida quando *provasse evidentemente* que a tinha.

Estava pois o snr. barão do *Engenho Queimado* todo preocupado com os preparativos e disposições do baile ; queria elle, para prova de seu mau gosto, que a casa fosse preparada como as nossas igrejas ou confeitarias pela semana sancta, e da alteração que teve com o armador, encolerisou-se bastante ; appareceu-lhe a tosse, e um escarro com seus lúvos de sangue veio patentear por mais esta vez o pouco tempo que mal tinha que gozar de sua immensa fortuna.

A snra. baroneza, que havia acodido aos gritos com que s. exc. queria convencer o armador de seu bom gosto, ordenou immediatamente que fosse um cabriolé buscar o dr. Silva, medico da casa.

Era Manuel Luiz um d'esses homens que não succumbe facilmente a idéa da morte ; no entanto ataques complicavam os cuidados que lhe prodigalisava a baroneza ; felizmente, porém, para ella, o doctor apeava-se poucos momentos depois á porta de sua casa, na bella e espaçosa rua de S. Joaquim.

— S. exc. não deve enfesar-se, dice o doctor, nem eu consinto que se inteire de seus negocios ; e demais, adjunctou elle olhando para Margarida, tem quem os dirija tam bem, que não deve ter motivos para amofinar-se.

Pegou depois da penna e receitou-lhe ; deixou-o repousado sobre um leito de palhinha, e retirava-se, quando a baroneza veio-lhe ao encontro :

— Então, snr. doctor, aquillo é cousa de cuidado ?

— Eu não faço, dice o doctor, mais que cumprir o meu dever receitando, porém o seu mal ja não tem cura ; é uma *phthysica* pulmonar que se agrava mais e mais, e que está prestes a despenhal-o no sepulchro.

— Porém tem caminhado tam rapidamente !

— Agora ainda mais, que vamos passar ao verão.

— Snra. baroneza, gritou o mordomo do barão, outro ataque !

A baroneza e o doudor se dirigiram para a camara do enfermo.

O doudor tomou-lhe o pulso, e a baroneza vendo que esse soccorro lhe era improficuo, chegou-lhe com um vidrinho de saes ao nariz, e pouco e pouco começou o snr. do Engenho Queimado a recuperar os sentidos, e o doudor declarou á baroneza que o seu doente corria grande perigo, que devia mudar de ares quanto antes; e a baroneza prometteu-lhe que passava a dar todas as ordens para que seu marido fosse transportado para as Laranjeiras, ja que tanto distava a sua fazenda do Engenho Queimado, mas que devendo o bailê ter logar n'essa noite, não o poderia effectuar sinão pela volta da madrugada do dia seguinte, pois que elle insistia em dar o baile.

O doudor retirou-se, e o mordomo, que era um antigo boleeiro captivo, homem pardo, circumspecto e honrado, e a quem Manuel Luiz promettia as honras da liberdade, annunciou a chegada do snr. dr. Henrique.

A surpresa desenhou-se nas feições empallidecidas de Margarida.

— Que entre, murmurou o barão com voz sumida.

Margarida, dissimulando, retirou-se para um gabinete visinho, d'onde, sem ser vista, podia a salvo saber o objecto da visita de Henrique.

O joven doudor entrou sem que visse Margarida, e tomou assento ao pe do leito em que repousava Manuel Luiz.

— Snr. barão

— Meu caro doudor.

— Então como ides? acho-vos bastante macilento, no entanto que tendes as faces coradas.

— Isto não está bom, dice o barão esforçando-se sobre si mesmo e sentando-se.

— Não tendes gozado de vossa fortuna, adoceastes logo, e

— Doudor, interrompeu o barão, deixemos isso,

vamos ao que serve ; taes recordações me penalizam, me ralam, me matam ainda mais que esta febre que me escalda e me vae miñando a existencia. Mandeí chamar-vos porque tenho que offerecer-vos uma proposta ; e graças a Deus, ninguem nos ouve, acrescentou elle olhando em torno de si.

— O que será ? foi o pensamento rapido de duas imaginações ardentes.

— Logo que cheguei ao Rio de Janeiro, proseguí o barão, travei-me de amores com uma linda menina

Margarida suspirou inquietando-se.

— Ella era linda, sim, bem linda . . . e eu despeñhei-a na sepultura ! Ainda agora ouço a voz terrivel que me amaldiçõa do fundo do sepulchro ! Enganei-a ; tirei-a de casa de seu pae que m'a recusára . . . sem duvida por ignorar o que eu ainda seria um dia . . . e quando a misera pensava que eu a conduia á igreja, eu a arrastava para o leito de minha concupiscencia !

Margarida estremeceu, como tocada pela chamma electrica.

— Cecilia foi o fructo d'esse amor desgraçado, herdeira do nome de sua infeliz mãe, e banhada com as lagrimas de seus olhos ; a quem fiz educar no recolhimento, e a quem, finalmente, acabo de dotar com 50:000U000 rs.

Margarida estava fria como um cadaver ; e Henrique, mergulhado no mais profundo silencio, esperava impassivel a proposta do barão.

— Sois joven e solteiro, dice o barão depois de tam longa pausa, e os bons casamentos hoje são raros, rarissimos. Uma insignificante rivalidade nascida entre nós, vos privando de parte da herança, me constituiu o unico herdeiro de Lourenço Pinto de Sousa ; prestes a deixar o mundo, eu quero conciliar-me com vosco e fazer-vos ditoso ; Henrique, fazei tambem ditosa a minha filha !

Henrique conservou-se mudo até nos gestos.

— Meditae bem, accrescentou o barão cravando-lhe os olhos como que para ler no fundo de seu coração.

— Mais do que tenho meditado? perguntou Henrique.

— Olhae que são 50:000U000 rs. e uma linda menina.

— Não importa, eu não me vendo a uma mulher, ou não a recebo com indemnisações; só me casarei com aquella a quem eu amar.

O barão mordeu os beiços e deixou cahir a cabeça, como quem pensava, e largo suspiro rompeu-lhe dos labios. No entanto que Margarida se animava e procurava não perder uma so palavra d'esta interessante entrevista.

— Tendes razão, dice o barão com voz firme e animada, vós deveis amal-a antes, e para amal-a é necessario que a vejaes; occorre-me uma idéa

E passou a mão pela testa.

— Occorre-me uma idéa, proseguiu elle; esta noite deverá ter logar em minha casa um sarau que solemnise o meu despacho; vireis a elle e aqui encontrareis Cecilia.

— Pois sim, respondeu Henrique, a quem um pensamento luminoso acabava de despertar, estou prompto.

— O snr. Anselmo Rodrigues, annunciou o mordomo.

— Meu pae, murmurou Margarida correndo-lhe ao encontro.

— Póde entrar, dice o barão, e estendendo a mão a Henrique pediu-lhe as suas ordens.

— Até amanha, snr. barão.

— Sem falta, dice elle.

— Sim, respondeu Henrique, e sahiu.

Anselmo e Margarida penetraram no aposento.

O barão ergueu-se e veio-lhes ao encontro movendo-se vagarosamente como um espectro que se levanta do sepulchro, e caminha, e caminha

— Então, barão, dico-lhe o sogro, não estás melhor?

— Não, respondeu elle, estou peor.

— Agoniou-se, meu pae, e o resultado foram dous ataques successivos.

— Mau, dice Anselmo consigo.

— Nada é; amanhã um baile, depois um casamento . . . e depois o testamento e a morte!

— Ora, barão, esquece-te d'isso.

— Ah! meu sogro, ella é certa.

— O mal não é sem cura; tens os melhores doutores do imperio, e cedo . . .

— A' sepultura!

— Como estás desanimado!

— Prouvera não; elle ja morreu! murmurou o barão sentando-se na poltrona e deixando cahir a cabeça sobre o peito.

A baroneza e Rodrigues depois de se olharem, arrastaram cadeiras e sentaram-se juncto a seu lado.

— Elle? enterrogou Rodrigues.

— Não vos lembraes, dice o barão (ainda não ha dez mezes que o viste) de um homem magro, alto, moreno, com a cara toda cheia de signaes de bexigas, e que todo vestido de preto nos acompanhou de nossa casa á igreja, na tarde do meu casamento?

— Tenho algumas reminiscencias.

— Apanhou um resfriado no mesmo dia que eu, na mesma occasião que eu, pelo mesmo motivo que eu; pois fomos a um enterro em Santo Antonio, e quando desciamos a ladeira, a chuva que cahia a cantaros . . .

— E depois?

— Elle tinha consumido tudo quanto era seu; e desamparado de todos, não teve outro recurso que a Sancta casa da Misericórdia! Meu Deus! tua justiça não é uma chimera, ajunctou elle escondendo a cabeça entre as mãos.

Anselmo julgou dever calar-se; Margarida, com os olhos fitos em seu marido, procurava penetrar a

mysteriosa causa de subitas exclamações, ou de horrendos pesadelos; e o nome de Cecilia, fixo em sua imaginação, parecia guial-a em suas pesquisas.

O velho interrogou a filha com um olhar expressivo.

— Proseguí, dice ella a seu marido, ávida de penetrar-lhe os segredos.

— Esta manhan, continuou elle, fui, segundo a minha devoção, á Sancta casa da Misericordia, por ser sabbado; ouvi missa, e depois visitei todas as enfermarias; corri todos os leitos um a um, consolando os pobres enfermos com minhas esmolas, ja que não lhes podia dar a saude, bem que so sabemos que vale quando ja não a podemos alcançar!

— E' verdade, ajunctou Rodrigues lembrando-se de suas dôres rheumaticas.

— E logo que entrei na enfermaria dos phthysicos, elle que se me apresenta! . . . Estendeu-me a mão, ja mal fallava; o capellão á sua cabeceira, esperava o seu ultimo instante. Immovel, com os olhos fitos em seus olhos, eu lia em sua alma, e meus joelhos se dobraram insensivelmente.

«— Um Padre-Nosso por sua alma, bradou o capellão.»

— Elle tinha espirado, e aquelles olhos voltados e ainda abertos para mim, e aquella boca, não fechada de toda, como que ainda me fallava. . . . Oh! que tudo isto me commoveu bastante!

— Mas quem era esse homem? em que se occupava elle que foi a morrer a um hospital? perguntou a baroneza.

— O fosso dos desgraçados o encerra para sempre; a terra da valla commum o cobre; e eu ainda o vejo, e eu ainda escuto a sua voz rouca e solemne a dradar-me la da eternidade:

«— E tambem tu, e tambem tu, Manuel Luiz!»

— Mas para que pensar n'essas cousas? dice o sogro.

— Sim, eu quero me distrahir; e é por isso que

insisto contra o parecer da snra. baroneza em dar o sa-
rau, e que elle seja hoje.

— Mas ha tantas outras distracções, adjunctou
Rodrigues.

— Ja agora, dice Margarida, deixae que elle sa-
tisfaça o seu gosto ; quer que haja baile, pois haverá ;
não tomará parte n'elle como eu não tomarei, mas
ao menos terá a satisfação de ver aqui reunidos todos
os seus amigos. Não é assim, sr. barão ?

— Sim, respondeu elle sem notar na subita mu-
dança da opinião de Margarida.

— Pois muito bem, accrescentou Margarida; ago-
ra que sei a causa de vosso mal, approvo as distrac-
ções ; ellas vos convêm ; não pouparei pois todos os
meios de procural-as ; é o moral e não o physico que
soffre !

— Agradecido, balbuciou friamente o barão re-
clinando a cabeça no espaldar da poltrona.

— Meu pai, elle quer dormir.

— Pois então deixemol-o socegar.

Soaram duas horas no relógio do salão.

— D'aqui a seis horas ! murmurou Margarida
comsigo.

E sahiram ambos.



V

VER E AMAR

— Este amor
De terna loucura,
So louca ternura
M'ó póde pagar.
— Pois bem, serei louco.....

JOÃO DE LEMOS.

Vasto salão, tapizado tal qual se a terra lhe rebentasse em flores; papel fingindo azulada seda achamotada, e claro tecto de estuque dourado e recamado de arabescos; portas e janellas guarnecidas de cortinas de ricas cambraias; magestosos tremós, bellas e soberbas cadeiras de polissandra, divans e poltronas de molas, e mil luzes em profusão pendentés do tecto e presas ás paredes; eis o recinto onde reinava o prazer e a alegria, a musica e a dança, a esperança e tambem o — remorso!

A orchestra parára; e após a primeira contradansa que tivera logar, seguiu-se essa confusão tam bella e interessante, em que grupos e grupos de cavalleiros e

damas se encontram em todos os sentidos, passeando pelo salão.

— Srna, baroneza, Deus vos salve ! dice um joven que trazia uma linda menina pelo braço.

— Deus vos salve, snr. douctor ! respondeu a baroneza.

— E tambem, ajunctou o douctor, a vosso marido.

— E tambem, accrescentou a baroneza, a vossa noiva.

Henrique proseguiu com a linda menina, cujas faces se enrubeceram como duas pétalas de rosa, e Margarida, conduzida pelo braço do barão de Italyba, penetrou por entre a confusão e foi procurar um assento ao lado de seu marido.

— Ja vos fiz a vontade, dice ella ; dansei, e não dansarei mais.

— Podesse eu ! exclamou o barão.

— Sr. barão, dice Margarida batendo-lhe de leve no hombro, ha aqui pessoas que não convidadas.

— São aggregadas aos convidados ; isso acontece nas grandes reuniões ; acodem ao cheiro da festança ; querem folgar e dansar, e como se lhes proporciona a occasião

— Sim, mas aquelles que vem para estar amuados e tristes a um canto da casa ?

— Gostam de ver !

— Oh ! antes ficar em casa Vêde aquella menina que nem siquer sabe dar uma palavra, e que está tam admirada de tudo quanto vê, que creio que tem contado todas as luzes.

— E' que nunca viu tanta gente, dice o barão dissimulando.

— Senhora, dice Henrique approximando-se da baroneza, si v. exc.^a ainda não tem par e si me dá a honra

— Não danço mais, respondeu Margarida abaixando os olhos e deixando-se trahir pelo colorido das faces.

— Como ainda ha pouco a vi

— Dansei para satisfazer a meu marido, o snr. barão.

— Douctor, dice o barão, a senhora não quer dansar ; mas não faltam pares : olhae, vêde aquella menina como está ali tam sozinha.

— Talvez não saiba dansar, dice Henrique.

Margarida ergueu os olhos e fitou-os em Henrique que sentando-se ao lado do barão, ficou entre elle e a baroneza.

— Sim, não saberá, respondeu o barão ; mas o que é a dansa para uma senhora tendo um bom cavalleiro ? Eu que nunca soube dansar, observava os pares marcantes, fazia o que via fazer, e ainda assim a dama me guiava, pois deixava-me ir como que distrahido.

— Pois bem ; vou explicar-lhe essa boa lição, e veremos como ella se sahe.

Henrique approximou-se da senhora, que não teria mais que quatorze annos, pallida, e cujos olhos grandes nada tinham de brilhantes e expressivos ; fallou-lhe, e ella, immediatamente abaixando os olhos, fez signal negativo com a cabeça.

O douctor sentou-se e continuou a fallar-lhe, e a pallida mocinha ergueu os olhos e os dirigiu para o lado do barão.

O barão, como que comprehendesse o que lhe estava a dizer o joven douctor, acenou-lhe com a cabeça affirmativamente.

Margarida não deixou escapar esse movimento.

— Não ha duvida, dice ella consigo, é Cecilia.

A orchestra deu o signal para a contradansa ; Henrique offereceu o braço á sua nova dama, e um sorriso de alegria derramou-se fugitivamente pelas faces do barão ; a baroneza que observava tudo attentamente ergueu-se, e caminhava, quando um joven bacharel lhe veio offerecer o braço.

— Onde quereis que vos conduza, exm.^a snr.^a ?

— Passearemos e sentar-me-hei depois juncto de D. Carolina, que segundo todas as apparencias . . .

— Acabae, dice o bacharel deixando-se conduzir pela baroneza e sem mais saber o que lhe devia dizer.

— Ella vos ama, dice Margarida affectando pouco interesse.

O bacharel calou-se, e Margarida lançou rapido olhar pelos pares postados em seus logares á espera que a orchestra começasse.

— Aqui, dice ella sentando-se n'uma cadeira e agradecendo ao bacharel o seu favor.

— Logo aqui, dice uma linda menina, de pé, á sua frente e ao lado de seu cavalleiro.

— Sim, D. Carolina, respondeu a baroneza ; não estou bem ? Talvez que vos incomode, não ?

— Em que, snra. baroneza ?

— Porque o vosso par ja não é o mesmo, e . . .

— Oh ! percebo ! si percebo ! Maliciosa !

— Tendes uma penetração . . .

— Melhor é a vossa ; ainda agora era eu noiva do douctor Henrique, e ja agora sou do meu cavalleiro, não ?

— Não.

— E então ?

— Eis-aqui a prova de que não tenho penetração ; e não me enganei ? Vêde o douctor com sua noiva, que estréa agora na dança e que tem cincoenta contos de dote, e entretanto que . . .

— Quem, aquella menina ?

— D. Cecilia.

— De que familia ?

— Veio do Recolhimento.

— E tem cincoenta contos de dote ?

— Si Henrique se casar com ella ; outro qualquer não.

— A contradansa começa, snra. baroneza, dice Carolina dirigindo-se ao encontro da outra dama, tam confusa porém, que levou a confusão aos seus vis-à-vis, que se recolheram aos seus logares sem saber o que dançavam. Rindo-se por dissimulação do mal

que causára, voltou a bella menina os olhos e buscou a baroneza que se havia retirado ; percorreu o salão e viu-a sentada por detrás de Henrique que conversava risonho com Cecilia.

— Ah ! ella o desfructa, e mofa de mim ao mesmo tempo !

— Sr. douctor, dice Margarida á Henrique, eu vos dou os parabens, sois um excellent mestre de dansa.

— São lições antes do vosso marido, o . . . o sr. barão, ajunctou Henrique, não sem malicia.

— Ai ! exclamou Cecilia pisando na fimbria de seu rico vestido de seda e rasgando-a, foi-se o meu vestido novo !

— Continuae, dice-lhe Henrique, não façaes caso, que ides muito bem.

— Ductor, dice a baroneza, logo que termine a contradansa, tende a bondade de conduzir a vossa dama ao toucador.

— Sim, respondeu Henrique, é necessario.

Margarida correu a esperal-a, e finda a contradansa, Carolina, conduzida pelo braço de seu cavalleiro, passou por juncto de Henrique.

— Deus salve a vossa noiva, dice ella ; não é a baroneza, sou eu que vol-o digo, snr. douctor !

Henrique empallideceu ; e offerecendo o braço a Cecilia conduziu-a até a porta do toucador.

— Ide depressa, sr. douctor, murmurou Margarida approximando-se da porta, que o bacharel Segismundo trata de vos roubar a bella Carolina, a menina dos olhos do sr. de Itahyba.

Henrique voltou ; trazia gravadas no pensamento as palavras com que Carolina saudára a sua noiva e as palavras da baroneza, e achou-se ja enredado n'essas intrigas sem conhecer-lhe o manejo ; Segismundo estava sentado ao lado da filha do sr. de Itahyba, rico negociante de carne secca, n'um *tête-à-tête*, e a baroneza, que ficára á espreita, retirou-se para dentro do toucador, certa de seu triumpho.

Dirigiu-se então Cecilia, á que estava a mirar-se n'um elegante e soberbo tremó ; imprimiu-lhe um beijo nas pallidas faces, tomou-a pela mão, e empurrando sobre si uma portinhia que á primeira vista mal se conhecia, forrada de papel como a parede, levou-a para um quarto escuro como a noite.

A baroneza carregou sobre a mola de um vaso, e luminosa chamma derramou a claridade do dia pelo pequeno aposento ; pegou de uma palmatoria e accendeu a vela na chamma, que cessou de brilhar, o que encheu de pasmo a Cecilia, e collocou depois a palmatoria sobre um *gueridon*.

— Sentemo nos, dice ella offerecendo-lhe um lugar n'uma conversadeira.

Cecilia lançou os olhos em torno de si e sentou-se, ficando face a face com a baroneza.

— Sabeis quem eu sou ? lhe perguntou ella.

— Não, senhora.

— Pois igual ignorancia é a minha a vosso respeito ; sou a dona d'esta casa, vós uma visita, e entretanto não nos conhecemos ! Com quem viestes ?

— Eu tive ordem para vir ; metteram-me n'uma sege e conduziram-me para aqui.

— D'onde viestes ?

— Do Recolhimento.

— Mas não vos diceram nada, não vos explicaram cousa alguma ?

— Diceram-me que era para ver um moço que deseja casar-se comigo.

— Quem é elle ?

— O dr. Henrique.

— Gostaes d'elle ?

— Não, senhora.

— Pois não é um moço elegante ?

— Muito.

— E então !

Cecilia calou-se.

— Amaes a alguém ? Dizei-o sem vexame.

Cecilia corou, e Margarida como que victoriosa respirou largamente.

— Amaes, eu sei : elle está aqui, não ?

— Está, respondeu ella abaixando os olhos e apertando as mãos.

— Como se chama ?

— Raphael.

— E vos ama ?

— Não.

— E então ?

— Mas . . .

— Pois bem, eu farei a vossa felicidade, D. Cecilia ; mas é necessario que falleis ao sr. barão como me fallaes ; se responderdes que amaes a Henrique, sereis mais desgraçada do que foi vossa mãe.

— Minha mãe ! repetiu Cecilia em seu coração, essa palavra tam magica !

Margarida pregou a barra do seu vestido com alguns alfinetes, e dice-lhe que podia sahir.

Um moço alto, de rosto claro, que contrastava com negro bigode e que passava, offereceu-se para conduzil-a.

— Dansareis comigo, D. Cecilia, dice elle.

— Sim, sr. Raphael, respondeu ella corando e abaixando os seus amortecidos olhos.

Margarida veio sentar-se juncto do barão.

Henrique approximou-se.

— Então, doctór ? interrogou o barão.

Henrique sentou-se a seu lado ; a baroneza, desviando os olhos, prestava todavia attenção á conversa que se ia travar.

— Nada sabe d'este mundo ; é simples, mas candida, e essa candidez . . .

— Estaes meio tentado ?

— Sim, meio tentado.

— Pelos cincoenta contos, murmurou o barão consigo.

— Pelo pouco que ja mereço de Carolina, dice tambem Henrique em seu pensamento.

— Pois é preciso, ajunctou o barão, que não haja demora ; quero tiral-a quanto antes d'aquella casa, a cujo regimen se tem sugitado lia tanto tempo sem queixar-se, e que não é la dos melhoeres.

— Sim, é preciso.

— E será a vós que deverei tamanho favor, douetor!

— Mas que não pagarei jamais os que mensalmente recebo de vós !

— De mim ? exclamou o barão, e retorceu-se na cadeira como se uma punhalada o tivesse ferido.

— Sim, vossa generosidade é grande para que possa se esconder, ella é como a luz do sol que se não occulta.

— Bem, dice o barão dissimulando a dor que sentia, pelas vossas expressões fico certo do vosso designio.

— Ficae.

— Então até amanhan.

— Até amanhan, excellentissimo.

Ergueu-se o barão vagarosamente e retirou-se para o seu aposento, seguido de Anselmo Rodrigues e do barão de Itahyba, e Margarida acompanhando-os tornou a voltar d'ahi a alguns instantes. Dansava-se ja pela ultima vez, e Cecilia era a dama de Raphael ; Margarida, conduzida pelo braço do bacharel, que outras honras não almejava durante essa noite, passou por juneto d'elle.

— Raphael, dice ella baixinho, eu te preciso fallar.

— Quando, senhora ?

— Hoje mesmo, depois de tudo concluido.

— Em que logar ?

— Aqui.

— Então

— Deixa-te ficar. A baroneza prosequiu.

— Senhora, dice o bacharel depois de longo estudo, sois muito perspicaz ; adivinhaes.

— Vejo, acudiu a baroneza.

— Ella me ama, e eu ainda não o sabia !

— Bom, murmurou consigo Margarida, e dirigindo-se a Segismundo, accrescentou :

— E vós, senhor ?

— Eu tambem amava-a, mas temia dar-lhe a saber isso mesmo.

— A' mulher a dissimulação, ao homem o attrevimento, sr. douctor.

— E' verdade.

— Pois casae-vos quantqantes ; é bella e rica . . . ora, filha d'um barão . . . e de nossa terra !

— E eu tambem tenho alguma cousa, ajunctou o bacharel.

— E podeis ser tambem barão, não é assim ?

— Ao menos ja tenho o habito da Rosa, dice o bacharel mostrando a fita rosada da casaca, é Margarida sorriu-se ligeiramente. Chegados de juncto a Henrique que se recostava sobre o divan, a baroneza agradeceu ao espirituoso bacharel, que se poz em procura de Carolina, e sentou-se ao pe do joven douctor.

— Ver e amar ! dice ella.

— Vi e amei-vos tambem, repetiu elle:

— Pedi a Deus que outro vol-a não roube.

— Como roubaram-me a outra para fazerem-na baroneza.

— Titulo vão, e bem vão ! repetiu ella suspirando e deixando cahir uma lagrima.

Henrique suspirou, mas ah ! . . . elle não a comprehendeu !



VI

RAPHAEL E CECILIA

N'ayons á deux qu'un espoir !

V. HUGO.

Ja todos os convidados se haviam retirado, e Raphael, em frente de Cecilia, aguardava a baroneza que havia acudido ao chamado do barão, que assaz se lastimava da indifferença com que havia sido tratado pela aristocracia, pois que apenas o sr. de Itahyba, barão sem grandeza, havia comparecido.

— Ja não fallo, dizia elle, dos aristocratas suberbos de o serem pelo seu nascimento ou pelos serviços prestados á patria no tempo da independencia ; porém esses que alcançaram o seu titulo como eu, oh ! é muito !

— Elles se chegarão, respondeu a baroneza, tam depressa juncteis ao titulo de barão as honras de grandeza.

— Eu não as quero mais ; ambicionamos, fazemos sacrificios por ellas, mas a final o que são essas honras, o que valem essas grandezas ? A sociedade

que sabe a maneira porque ellas se generalisam, tambem sabe dar-lhes o devido desconto. Meus habitos, minhas commendas, meu baronato, tudo isso dava eu de boa vontade pelo que elles não me podem outorgar: — a saúde !

— Essa virá pouco a pouco.

— A morte, sim, dice o barão deixando cahir a cabeça sobre o travesseiro do leito em que pousava.

— A apprehensão é que vos mata.

— Cecilia ainda está ahí ?

— Quem ? dice a baroneza dissimulando.

— Uma pobre menina do Recolhimento, de quem sou padrinho, e que fiz comparecer n'este baile para... para desinvolver-se.

— Ahí está.

— E' tarde para partir ; deve dormir comusco e ir amanha ; ja dei as minhas ordens ao nosso mordomo para que a sege esteja prompta.

— Nada mais quereis ?

— Não, baroneza, sinão que a tua melancolia se dissipe como esta noite Estavas tam animada, tam alegre !

— As distracções

— Nem sempre ellas triumpharam da mortal melancolia que te acompanhã, como hoje. Mas ainda bem que a esperanza te volta ; eu so tenho uma pagina no livro da minha vida, que so me resta ler o terrivel *fin* ! Vae ver Cecilia, e que não parta sem a minha benção.

— Não partirá mais.

— Como assim, Margarida ?

— Sympathisei com ella ; fiquei-lhe querendo tanto bem e demais, é tua afilhada Tenho ja o que tanto desejava :—uma companheira.

— Como quizeres ; mas n'esse caso convêm dar as providencias necessarias para que o consinta o mordomo da Sancta Casa.

— Raphael se entenderá com elle, amanha, da vossa parte.

— Muito bem.

A baroneza sahiu, chegou ao salão, tocou n'um timbre, e a sonora pancada se repercutiu pela casa : appareceu uma negra.

— Aprompta depressa uma cama no meu quarto de dormir para a sra. D. Cecilia, e dize a Isabel que me venha fallar.

Sentou-se a baroneza no divan assaz fatigada ; acenou para Cecilia, e fel-a sentar-se ao seu lado.

— Sr. Raphael, dice ella, amanha dirigir-vos-heis ao quarto do barão a receber as suas ordens a respeito da senhora. Sabe, Cecilia, dice ella com suavidade carregando n'este nome, Cecilia, pois que de hoje em diante serás minha filha, sabe que esta casa é tua, e que nunca mais sahirás d'aquí sinão para casar.

O semblante de Cecilia resplandeceu de alegria, mas duas lagrimas se deslisaram pelas suas pallidas faces.

— Sei, continuou a baroneza, que ser-te-ha dolorosa a lembrança de tuas amigas, mas a vida enfadonha que ali se passa far-te-ha com que d'ellas te esqueças por melhores amigas.

Isabel appareceu.

— Aquí está accrescentou ella, uma mucama para te servir ; amanha terás um aposento teu na nossa casa das Lorangeiras, onde encontrarás tudo ; mas eu espero de ti um favor em paga de tudo isto.

Margarida acenou para a escrava que se retirasse.

— Fallae, sra. baroneza, dice Cecilia.

--- Sim, dar-me-has esse tratamento ; és uma afilhada de meu marido, e podel-o-has dizer a todo o mundo ; e em tempo mais conveniente instruir-te-hei da historia do teu nascimento.

--- Ella o saberá por mim, murmurou Raphael comsigo.

--- Quer o sr. barão casar-te, mas contra a tua vontade ; amas a Raphael, e é Henrique que te destinam para esposo ; se lhe dices que não queres, é

uma declaração de guerra ; ver-te-has de novo encerrada entre as paredes do Recolhimento que nem uma emparedada ; se lhe dices que sim, esposarás o homem que não é da tua afeição, e deixarás Raphael, que te ama, privado de tua mão e para sempre !

— E n'esse caso o que cumpre fazer, sra. baroneza ? enterrogou Raphael.

— Ninguém melhor do que vós, sr. Raphael, que viveis em contacto com o barão, que sois o seu guarda-livros, sabeis o que é mais conveniente.

— Ganhar tempo ?

— Sois muito perspicaz, e até de mais ! Cumpro pois que sejas também em demasia prudente.

— Sei-o-lhei, exm.^a sra.

— Pois sim. Percebes, Cecilia ? dice ella voltando-se para a menina.

— Optimamente.

— Bem.

Margarida collocou o dedo sobre a mola do timbre, e o som argentino repercutiu-se pelo salão ; appareceu a mucama.

— Acompanha a senhora moça para o meu quarto.

Cecilia sahiu seguida da negra, comprimentando ligeiramente a baroneza e Raphael.

— Mordomo !

— Elle dorme ali no corredor sobre o banco.

— Pobre velho ! ajunctou Margarida ; fazei o favor de acordal-o, e dae ordem para que se apaguem estas luzes, e que a conducção esteja prompta amanhã ás dez horas, para nos levar á chacara.

Margarida sahiu, e Raphael acordou o velho parido, que veio ajudar-lhe a apagar as luzes, e deixando apenas uma, refirou-se com ella para o seu aposento, que ficava vizinho ao do barão ; o guarda-livros foi arrojar-se ao seu leito, todo preocupado de Cecilia.

— Para Henrique, dizia elle consigo, que não para mim, senhor de seu segredo, que pago por minha mão uma mensalidade pontualmente destinada para

ella ! Que procurei amal-a, que busquei ser visto por ella através das grades de uma janella, passando todas as tardes pelo recolhimento ! Para Henrique ! que nunca a viu, que nunca soube da existencia de semelhante creatura ! Que mysterioso envolve n'esse projectado casamento ! Henrique foi seu rival, e pres-tes a despenhar-se na sepultura, é quando o barão ainda se lembra d'elle para casal-o com sua filha ! Não contente com a pródiga mesada que dá para nutrir-lhe o ocio, para alimentar-lhe a mania pelo jogo, para sustentar-lhe os vicios, ainda a filha e cincoenta contos de dote, e talvez o reconhecimento, e depois metade de toda essa immensa fortuna !

Por outro lado desconfiava Raphael da protecção da baroneza, ella que havia amado Henrique ! Conjecturava e pouco depois pensava que o ciume ainda lhe abrasava o coração, e que o barão era igualmente affectado do mesmo mal.

Lembrava-se de uma conversa que tivera com Henrique ácerca de seu amor para com Carolina, e não podia comprehender a subita mudança sinão encarando o attractivo do dote e a idéa de uma herança ainda maior ; a esperanza de ver-se na posse das riquezas com que sonhára outr'ora.

E n'estas alternativas adormeceu.



VII

UM BAPTO

Asi, que fiandome yo de un hombre de tanta honra, me haya engañado tam malamente! Ah! don traidor. LOPE DE RUEDA.

Ha tres dias que o barão habitava na espaçosa casa das Lorangeiras ; ha dous dias porêem que o mal se lhe agravára de uma maneira espantosa : estava prostrado em seu leito, e ja se não levantava, e na razão que a enfermidade progredia, que o receio e o pavor da morte se lhe iam diminuindo, Margarida não se tirava de seu lado, e o barão tinha por mais de uma vez lhe pedido que fosse dispondo tudo para que se fizesse o seu testamento.

Sem filhos, ella temia que metade de sua fortuna cahisse nas mãos de Cecilia, pois que Manuel Luiz não tinha herdeiros, a menos que não quizesse lembrar-se de remotos parentes, cuja ausencia tam prolongada os tinha lançado em esquecimento ; e ajudada por seu pae, pretendia distrahir-o, dando-lhe esperanças de proximo restabelecimento.

Havia o dia amanhecido em extremo bello, e Mar-

garida distingiu pela janella do barão, a travez dos arbustos floridos do jardim, a figura elegante de Henrique, o qual entrou e foi conduzido ao quarto do barão; e comprimentando-o sentou-se juncto do leito do aristocratico enfermo.

— Como vos achaes?

— Não estou bom, dice o barão apontando para a escarradeira; n'este instante deitei algumas golpadas de sangue. E vós, doctor?

— Graças a Deus, vivo na melhor disposição possível.

O barão suspirou profundamente.

— Doctor, dice elle, isto está por um fio; seria bom ultimarmos o nosso negocio.

— Essa é a minha intenção.

— Sim, a duvida não é vossa, mas a menina....

— Não quer?

— Nem o deixa de querer, vaga n'uma alternativa completa; ainda não a comprehendí.

— Talvez que si eu lhe fallasse....

— Vou mandal-a chamar.

— Não: eu queria particularmente....

— Proporcionar-vos-hei occasião; jantareis conosco, e á tarde passeareis com ella pelo jardim.

— Pois bem.

Anselmo Rodrigues entrou com o seu estudado bom modo.

— O' meu excellente sogro!

— Meu barão!

Margarida ergueu-se para beijar-lhe a mão; Anselmo sentou-se, um pouco retirado, em um sofá de palhinha.

— Pensava em vós.

— E' porque estava a entrar em vossa casa,

— Não: é porque ia fallar de meu testamento.

— Ora, deixae isso para a velhice.

— Essa ja não me apanha ca.

— Não se perde nada, dice Henrique; é cousa que depois se reforma; eu sempre recommendo aos

meus doentes que se reconciliem com Deus e façam as suas disposições, porque ellas não matam e devemos estar sempre promptos para morrer.

— Amanhan, dice o barão, devo me confessar ; ja dei ordem para que Fr. José de Sancta Genoveva seja avisado.

— La isso, observou Anselmo, é caso differente.

— Mas seria bom que eu sempre fizesse o meu testamento, ponderou o barão : o dr. Silva que me dice que podia e era bom que me confessasse, tambem achou que o deveria fazer.

Raphael entrou depois de haver pedido licença, e dirigiu os seus cumprimentos.

— Deveis fazel-o, ajunctou Henrique, tanto mais que

— Que Raphael ama á Cecilia, dice a baroneza a Henrique em voz muito baixa, debruçando-se sobre a cabeceira do barão, fingindo endireitar-lhe os travesseiros que apoiavam-lhe a cabeça.

Henrique empallideceu.

O barão olhou para a baroneza com interrogação.

— Elles se amam, murmurou ella.

O barão fitou expressivo olhar em Raphael ; a baroneza sahiu ; e Anselmo seguiu os passos da filha.

Raphael como que fulminado por um raio, lia a cholera nos olhos do barão, e não podia comprehender o que se passava em torno de si.

— Snr. guarda-livros ! tendes abusado excellentemente da confiança que depositei em vossa mão. Senhor de meu segredo, amaes a minha filha, captaes-lhe o amor, talvez sonhando que metade de meus bens passarão a vosso poder.

— Snr. barão

— Eu não admitto a menor reflexão, interrompeu o barão mettendo a mão por baixo do travesseiro e tirando de uma chavinha.

Raphael estremecia de raiva.

— Fazei o favor de abrir aquella secretaria.

O moço tomou a chave e abriu-a.

— Bem, dice elle, n'essa primeira gavetinha do lado esquerdo tem uma carteira com dinheiro.

O guarda-livros entregou-lhe a carteira; o barão contou algumas notas do thesouso e entregou-lhe.

— Aqui tendes o vosso ordenado, snr. Raphael, que ainda se hade vencer no fim d'este mez.

— Então estou despedido? perguntou Raphael deixando cahir algumas lagrimas.

— Sim, respondeu o barão friamente, e Deus queira que vos aproveite a lição. Adeus!

Raphael sahio.

— Bom, dice a baroneza que nada tinha perdido d'esta scena, tudo caminha á medida de meus desejos; e tomando o desconsolado guarda-livros pela mão, conduziu-o para uma saleta, onde Anselmo a esperava.

Poucos momentos depois Henrique mettu-se em sua sege e partiu.

— Onde irá elle? dice a baroneza.

— Sem duvida vae buscar o tabellião e as testemunhas para o testamento.

— Meu pae, dice Margarida, aqui so ha um meio para salvar-nos.

— E qual? perguntou Anselmo.

— Não ha nem um, respondeu Raphael, porque v. exc. acaba de divulgar tudo.

— Salvei-vos, dice ella, perdendo-vos.

— Como assim, senhora?

— Chama-me o barão, dice a baroneza ouvindo o timbre e correndo para o quarto.

— Quero um caldo, estou muito abatido murmurou elle.

-- Bem

Margarida tocou a campainha, a que acudiu um pagem negro.

— Um caldo para o senhor.

O pagem sahio, e volton d'ahi ha pouco com o que se lhe pedira.

— Henrique? perguntou a baroneza.

— Foi buscar um tabellião; quero fazer minhas disposições.

O barão tocou de leve na chavena e largou-a.

— Não quero; tudo me enjôa, dice elle escarrando eretirando os olhos da escarradeira com afflicção.

— O que tendes?

— Sangue! Sempre sangue! murmurou elle, e calou-se por algum tempo; no entanto que Margarida ardia no desejo de voar ao encontro de Raphael e seu pae.

— Cecilia? interrogou o barão.

— Borda.

— Raphael?

— Creio que sahiu, e, se me não engano, ia chorando.

— E teu pae?

— Eu vou chamal-o.

Margarida precipitou-se na saleta onde Raphael e Anselmo a aguardavam na maior anciedade.

— Não tenho tempo que perder, dice ella; o tabellião não tarda, e o barão não me quer sinão a seu lado; e é preciso que adopteis uma resolução.

— Mas qual? interrogou Raphael. É demais, si Cecilia não se casar com Henrique, como me promettestes, que medo tendes do testamento?

Margarida estremeceu; seu olhar rapido e brilhante penetrou no fundo do coração de Raphael, e viu toda a sua immensa ambição.

— O barão, acudiu ella, com penetrada de uma idéa que lhe veio em soccorro, quer que o casamento se effectue depois do testamento; e hoje mesmo Henrique deve esposal-a; Cecilia, que ainda não sabe que é sua filha, não se hade recusar a isso quando elle lhe fizer saber que parte de tanta fortuna lhe deve pertencer; elle ja perguntou por ella, sem duvida porque a quer ter presente no acto do testamento para a consultar.

— Certamente, affirmou Anselmo, admirando mais e mais a habilidade de sua filha.

— Eu vos garanto cincoenta contos de dote, Raphael, dice Margarida ; mas é necessario que fujaes com Cecilia, e ja.

— Como ?

— Na sege de meu pae ; e deveis deposital-a em sua casa no largo do Lapa, onde elle vos irá encontrar d'aqui a instantes ; dareis todos os passos, e antes da noite deveis estar casados.

— Sim, dice Anselmo ainda mais admirado, é a unica resolução que temos que tomar.

— Ja agora eu me submetto a tudo, dice Raphael, mas cumpre que Cecilia queira. Quererá ?

Sou o timbre.

— Oh ! é verdade, dice Margarida : meu pae, o barão vos deseja fallar.

Anselmo chamou o seu boleeiro, murmurou-lhe em voz baixa algumas palavras, e dirigiu-se para o quarto do barão.

— Agora, dice Margarida a Raphael, vou fallar a Cecilia ; esperae aqui.

E pouco depois partia a todo o galope o carro de Anselmo, levando o tejadilho erguido e as cortinas cahidas.



VIII

QUERO FAZER TESTAMENTO !

Margarida entrou no aposento do barão e olhou para seu pae, que comprehendeu perfeitamente a expressão de seus olhos.

— Si eu pudesse dormir ! dice o barão.

— E porque não dormes ? perguntou Anselmo. Queres que feche a janella ? Talvez que a claridade

— Não, eu so desejo socego, mas elle me foge ; o ar me falta, não posso respirar.

— Não tendes tomado alimento algum ; estaes muito debilitado.

— Ah ! Margarida, o que heide eu tomar si tudo me sabe mal ! Dá-me agua com assucar.

Margarida apresentou-lhe o copo, e o barão sorveu algumas gottas e largou-o logo ; voltou-se para a parede e tranquillizou se algum tanto.

— Dorme ? perguntou Anselmo.

— Não, respondeu Margarida que estava debruçada á sua cabeceira, está mais tranquillo, porém não dorme.

O barão soluçou ; Margarida fitou os olhos em seu pae ; Anselmo, levando o dedo pollegar aos labios, fez um ligeiro signal ; e Margarida, aterrada, veio sentar-se a seu lado.

Havia ja uma hora que Henrique tinha partido, e a demora era apreciada por Margarida, quando ouviu-se o ruido de um carro que parava á porta.

Depois entrou Henrique com mais tres homens, que vinham como elle, vestidos todos de preto.

— Licença, sr. barão.

O barão voltou-se. Margarida procurou dissimular a sua perturbação.

— Oh! sr. Anselmo, ainda por aqui!

— Pois então, meu caro douctor, contaveis-me ja no numero dos ausentes? tornou-lhe Rodrigues com cerimonia.

— Não é porque vos não deseje aqui.

— Pois pensei . . .

— Mas sim porque encontrei o vosso carro perfeitamente fechado, e ainda mais, com toda a velocidade, levando caminho da cidade.

— Estaes enganado, dice Rodrigues, occultando a satanica alegria que se apoderava de seu coração.

— Qual enganado; e tanto assim é que me admiro de vos ver aqui, não estando á porta o vosso carro.

— Fallaes serio ou gracejaes?

— Pois averiguae o caso.

— Eu bem vos entendo, dice o velho mordendo os beiços, e sahiu.

— Esta é celebre! dice o barão.

Henrique sentou-se, e o mesmo fizeram aquelles que o acompanhavam.

— Cecilia? interrogou o barão.

— Vou mandar chamal-a, respondeu a baroneza occultando a sua perturbação.

Margarida poz o dedo sobre o timbre, que soou; chegou á porta e dice algumas palavras álguem que accudiu ao reclamo.

— Sr. barão, sr. barão, entrou gritando Anselmo, e que tal?

— O que houve?

— E' verdade, meu pae? interrogou a baroneza.

— Cousa celebre ! O carro foi-se ; e sabes com quem ? com Raphael e Cecilia !

— E Cecilia ! repetiu o barão fazendo grande esforço por sentar-se.

— E Cecilia ! repetiu tambem Henrique.

— Sra. baroneza, que contas me dareis de Cecilia ?

— Que contas ? perguntou Margarida em pé, apoiando-se por detraz de uma cadeira, que contas ?

— Não estava ella confiada á vossa guarda, sra. baroneza ?

— Sr. barão, vós bem podieis ver que, quando uma mãe mal guardou sua propria filha, porque vós a seduzistes, a enganastes, e promettendo conduzil-a ao altar, a arrastastes para o leito da vossa concupiscencia, menos eu poderia guardar a filha d'essa mulher, que foi victima da brutal paixão de vossa alma.

— Margarida ! bradou o barão desfallecendo sobre suas almofadas.

A baroneza voltou-se em seu soccorro ; e Henrique começou a empregar todos os esforços para chamal-o á vida.

— Empréstae-me o vosso carro, dice Anselmo para o douctor ; quero ver si ao menos posso remediar o mal.

— Ide, respondeu Henrique.

O barão deu ligeiros signaes de vida.

— Elle respira, bradou a baroneza.

— Tanto melhor, ajunctou Rodrigues precipitando-se pela porta fóra.

Henrique estava pallido e seus labios se contrahiam de raiva.

— Cecilia ! balbuciou o barão como que da eternidade onde quasi que o arrojára a syncope.

— Retirae-vos, dice Henrique para os assistentes, bom é que elle não tenha novos motivos para affligir-se.

— Eu fico, respondeu a baroneza com altivez.

— Não foi a vós que me dirigi, sra. baroneza, redarguiu Henrique com azedume.

Os assistentes sahiram, e o barão começou a recuperar os sentidos.

— Ainda não veio? foi a sua segunda palavra.

— Meu pae sahio em sua procura.

— Ha tempo ja?

— Sim.

— Tranquillisae-vos, snr. barão; não vos lembreis mais d'isso : ao depois, ao depois.

— Ao depois, quando ja não for tempo!

Calou-se o barão, e pareceu socegar algum tanto : estava prostrado de fraqueza, e Margarida á sua cabeceira, e Henrique, sentado em frente, no pequeno sofá de palhinha, o contemplavam pensativos.

Tinha volvido largo espaço no maior silencio, quando o velho pardo, a quem o barão dava o titulo de seu mordomo, pediu licença, entrou e entregou a Margarida uma carta.

— Quem trouxe?

— Um boleeiro do sr. Anselmo que acaba de apaar-se n'este instante.

Margarida rasgou a obrêa, e leu em silencio.

— Está bem, respondeu ella ao velho, que sahio.

— E' de vosso pae? perguntou-lhe o marido.

— Sim, sr. barão.

— E que noticia nos dá elle de Cecilia?

— Escutae.

E Margarida leu :

« Minha filha.

« Cecilia acha-se depositada em minha casa.... »

O barão respirou largamente ; Henrique deu mostras de curiosidade, e Margarida prosegiu :

« Raphael dá todos os passos necessarios para que seja hoje mesmo celebrado um casamento, que, comquanto não seja talvez do gôsto de vosso marido, é todavia dos noivos, que muito se amam. »

Henrique deixou cahir a cabeça sobre o peito.

— Prosegui, dice o barão tristemente.

Margarida leu ainda as seguintes linhas :

« Eu, lorde de me oppôr (o que seria uma sem-
« razão da minha parte), apresso-me em communi-
« car a meu amigo que darei todas as providencias
« afim de que se realise esse casamento, unica ma-
« neira de salvar as más apparencias d'esse rapto.

« Até á noite. »

— Pois bem, dice o barão, ninguém perdeu sinão elles. Meu Deus, que a tua vontade seja feita ! . . .

— Quereis tomar alguma cousa ? perguntou-lhe Henrique.

— O que hade ser, douctor ? Ide antes jantar com esses homens que vos acompanharam, e podeis certificar-lhes da minha parte que estou resolvido a morrer sem testamento.

Henrique retirou-se.

— Margarida, dice o barão, fostes bastante aspera para comigo ! Oh ! como soubestes de meu segredo ?

— Da vossa propria boca, de vossas exclamações, de vossos sonhos, de vossos pesadelos.

— Pois bem, perdoae-me ; vós me haveis de perpoar, não ?

Margarida calou-se.

— Nem respondes ! Cecilia é minha filha natural ; si eu a reconhecesse, parte d'essa immensa fortuna era para ella ; fôra isso porém premiar-lhe a desobediencia que praticou para comigo, e realisar os sonhos de Raphael, que tanto abusou da confiança que n'el-le depositei ; porém vós a dotareis com cincoenta contos de reis.

Margarida fez um signal affirmativo com a cabeça.

— Tenho ainda outra disposição que cumprireis : o meu mordomo ficará fôrro, que não quero que sirva a mais ninguém.

Margarida inclinou ainda a cabeça.

— Dareis esmolos aos pobres e aos enfermos da Misericordia, e ás orphãs e viuvas, segundo a vossa

generosidade; mandareis dizer missas por minha alma, e tudo o mais será vosso, tudo o mais, perto de seis milhões! Viuva aos quinze annos, bella, nobre e senhora de tanta fortuna, achareis mil pretendentes á vossa dextra, e fareis a felicidade de um homem que virá occupar o meu logar! Aos quarenta annos eu baixo á sepultura, tendo tanto para gozar o mundo e sem poder! Ah! . . . So Deus sabe o porque! . . .

Margarida, enternecida, levou o lenço aos olhos para limpar as lagrimas que lhe cahiam.

— Margarida, proseguiu o barão, vós choreas? Bem, é que vossa alma é boa e sensivel; é que sois generosa, e a prova me haveis de dar. Quero uma promessa, e uma promessa solemne! E' na hora da morte que vos peço, e aos moribundos se não falta! . . .

Margarida estremeceu.

— Não casareis . . . dice o barão, e interrompeu-se para encaral-a.

— Tremeis, baroneza! . . . dice elle com um accento terrivel. Ah! como nossas almas se comprehendem! Sempre d'elle! . . .

O barão tocou no timbre e appareceu um pagem.

— O sr. dr. Henrique? dice elle.

— Está á mesa, respondeu o pagem.

— Diz-lhe que mudei de tenção; quero fazer testamento.

O pagem sahiu e a baroneza, abrindo uma portinha que communicava o aposento do barão com o seu, retirou-se; e ganhando o corredor, deteve o pagem quando passava.

— Não digas nada, dice-lhe ella ao ouvido.

E veio sentar-se á porta do quarto onde estava o barão.

Pouco depois, Henrique, o tabellião e as testemunhas vieram-se despedir.

— Silencio, dice a baroneza, elle dorme.

E elles sahiram pisando sobre as pontas dos pés.



IX.

OS DOUS.

Arcades ambo!

O barão, estranhando a demora de Henrique, tocou o timbre; a baroneza que se havia pôstado de sentinella á porta de seu aposento, entrou trazendo um não sei que de confusão no olhar, que facilmente lhe trahia o coração.

— Um obzequio, sra. baroneza, dice elle para Margarida, tocae essa campainha.

A baroneza obedeceu; e o pagem que devia acudir áquelle reclamo, se lhe apresentou.

— O sr. Henrique?

— Ja sahiu.

— E os outros senhores que jantavam com elle?

— Tambem sahiram.

— Sahiram todos! Não lhe déste o meu recado?

O pagem conservou-se calado, e Margarida, dissimulando, deu alguns passos e postou-se á cabeceira do barão.

— Não lhe déste o meu recado? insistiu o barão com acrimonia.

Margarida fez um signal negativo para o seu escravo.

— Não, senhor.

— E porque? tornou o barão com aspereza.

Margarida fez segundo signal.

— *Ja* tinha sahido *ja*, sim, *senhor*, meu *senhor*, respondeu o pagem.

— E entretanto nada me vieste dizer! Quem viu um viu todos!... Canalha!... Chama-me ca o meu mordomo.

— Quereis alguma cousa? interrogou Margarida.

— Quero escrever.

Retirou-se o pagem e veio logo o mordomo; e o barão mandando approximar uma mesazinha pediu-lhe que lhe desse tudo quanto fosse necessario para escrever; e o velho pardo arrastando para o leito uma d'essas ligeiras mesas de pe de gallo, trouxe-lhe os aprestos precisos.

— Que irá elle escrever! murmurou Margarida consigo.

O barão forcejou, ajudado por sua esposa e pelo mordomo, para sentar-se, e começou a escrever. Tremia-lhe a mão, e os caracteres grandes e tremulos eram avidamente lidos pela baroneza.

O barão dobrou o papel e entregou-o a seu mordomo.

— E' a liberdade, ajuntou elle.

Daniel, banhado em lagrimas, atirou-se de joelhos a beijar-lhe as mãos.

— E' a recompensa de muitos annos de bons serviços; mas isto não quer dizer que te vás d'esta casa; ficarás até que eu morra... e isso será breve! Mas ao menos a mais uinguem servirás!

— Agradecido! agradecido! repetiu o mordomo.

— Meu bom amigo, continuou o barão, tu me serviste na vida como ninguem, e servir-me-has ainda na hora da morte.

Daniel so respondia com soluços.

— Ninguém tenho por mim senão tu, e se me deixares n'esta hora, morreréi. . . . Deus sabe como !

O barão voltou-se, e viu que a baroneza chorava.

— A mulher chora quando quer, dice elle consigo, misturando algumas lagrimas com as de Daniel, que lhe humedeciam as mãos ardentes, e calou-se.

Margarida comprehendeu que o barão necessitava fallar a sos com o seu mordomo, e retirou-se promptamente.

— Ninguém me ouviu ? perguntou o barão debruçando-se do leito.

O mordomo ergueu-se e dirigiu-se para a porta que Margarida tinha fechado sobre seus passos.

— Ninguém, dice elle.

O barão apontou para a porta do seu aposento que communicava com a da baroneza.

O mordomo encaminhou-se para ella.

Margarida afastou-se, escondendo-se por detrás das cortinas de seu leito.

— Ninguém, respondeu de novo o mordomo.

— Pois bem, senta-te aqui.

O velho sentou-se juncto do barão, que tornou a recostar-se nas suas almofadas.

— Hoje ou amanha, ou quando muito depois, dice o barão, tudo se terá concluido ; uma das catacumbas do convento da Lapa do Desterro, de que sou irmão-confrade, bastará para o palácio do teu barão ; tu ficas livre, e eu te dou essa secretaria com tudo o que n'ella houver ; a chave ser-te-ha entregue sem que ninguem ouse abril-a para examinal-a, ou que a examinem bem pouco se me dá. Ouves ?

O mordomo inclinou a cabeça levemente.

— Abre-a, ajunctou o barão dando-lhe uma chavinha.

O mordomo ergueu-se e abriu-a.

— De um lado e outro está cheia de gavetinhas ; puxa a ultima. O que tem ?

— Papeis, muitos papeis.

— De nada servem ; agora fecha com força.

— Senhor, ella tornou-se a abrir, e veio com ella....

— O que ?

— Outra gavetinha, dice o mordomo admirado.

— E' o segredo ; tem ahí um masso envolto n'um papel impresso atado por linhas.

— Sim, senhor.

— Pois põe tudo como estava.

O mordomo compelliu a primeira gavetinha sobre a segunda, que ganhou a sua mysteriosa collocação.

— Do outro lado ha o mesmo segredo, ajunctou o barão ; mas é necessasio carregar na gavetinha com mais força, porque a outra está cheia de barras de ouro, mas a mola que a empurra é assaz forte para deixar de obedecer á mão que souber do segredo.

— Tu o dizes, barão ! murmurou Margarida.

— Todo esse ouro é teu, que dou-t'ó eu ; aquelle masso de papel, porém, esse me pertence ; morto eu, elle deve acompanhar-me á sepultura, e tu o queimarás sem que ninguem o veja, nem jamais o saiba.

— Obedecerei.

— Bem ; agora tu irás n'um carro meu, sem que a sra. baroneza nem de leve o suspeite, á cidade, avisar o tabellião, que ja aqui esteve com o sr. dr. Henrique, que amanhañ heide fazer testamento.

Margarida deixou o seu aposento.

Ouviu-se o ruído de um carro que parou á porta, e pouco depois soou a campainha da cancella.

O mordomo correu a ver quem era, e voltando annunciou ao barão a chegada do sr. de Itahyba.

— E o unico que não me esquece, murmurou elle.

— Meu caro sr. barão de Itahyba, ha muito que não nos vemos.

— Não ha tanto assim, pois que não ha oito dias que tive o prazer de dansar com a sra. baroneza.

— E' verdade.

— E como vos achaes ? Eu tenho constantemente mandado saber da vossa saude.

- Eu vol-o agradeço ; a vela está a apagar-se.
 — Não fallemos n'isso, pelo que vejo estaes mais disposto...
 — Para a morte.
 — Peior !

O snr. do Engenho Queimado sorriu-se ligeiramente. O mordomo trazendo um candelabro com velas acesas, collocou-o sobre a mesinha dando as boas noites.

— Senhor, ajunctou elle, não ha conducção para que eu parta a cumprir as ordens que me destes.

— Como assim ? interrogou o barão.

— Um carro sahiu ás ordens da senhora, o outro está ahí

— E então ?

— Porém as bestas ao prenderem-se a elle, soltaram-se e lá vão desencabrestadas pela estrada fóra.

— O meu carro está ás vossas ordens, dice o barão de Itahyba.

— Obrigado, respondeu o doente ; ja agora farme-heis o obsequio de avisar ao tabellião, meu visinho na cidade, para vir amanha fazer o meu testamento.

— Bem, como quizerdes.

A baroneza entrou saudando o barão de Itahyba, e perguntando por sua familia sentou-se ; e o mordomo retirou-se.

— Sr. barão de Itahyba, dice a baroneza, falla-se muito n'um proximo casamento, no entanto que andaes tam reservado para comnosco

— Não sei, respondeu o barão, no que me fallaes.

— Dizem, proseguiu a baroneza, que a vossa filha D. Carolina estava pedida pelo bacharel Segismundo

— E'-me inteiramente estranho isso, senhora, e até é a primeira vez que tal ouço.

— Eu ouvi antes dizer, ajunctou o barão do Eu-

genho Queimado, que o dr. Henrique tinha suas pretenções.

— Sim, falla-se n'isso.

Margarida perturbou-se, mas dissimulando ajuntou :

— E era uma feliz aquisição.

— Pobre moço, dice o barão de Itahyba.

— Mas que tem excellentes qualidades, accrescentou o enfermo ; outr'ora fomos inimigos ; porê m graças a Deus, todas essas rivalidades pueris desvaneceram-se.

— Sim, mas nada tem de seu, replicou o barão de Itahyba referindo-se a Henrique.

— Porém pôde ter ; e si elles se amam, bom é fazer-lhes a felicidade ; quanto darieis á vossa filha de dote ?

— Eu ca sei, homem !

— Cincoenta contos de réis ?

— Va la.

— Pois eu dou outro tanto a Henrique para que elle se case com a vossa filha.

— Devéras, sr. barão !

— Sim, sr. barão.

— Ora, essa na verdade é que é grande e me faz maravilhar !

— Como assim ?

— Pois daes a um extranho tanto quanto eu dou a minha propria filha ?

— Eu vos explico ; ha um motivo pois que parte de toda esta minha herança devia pertencer a Henrique, a não serem nossas rivalidades, e eu por commiserção

— Ah ! ah ! agora sim vos comprehendo perfeitamente ; pois o negocio não é mau quanto ao presente, mas para o futuro a menua hade ter mais

— Tanto melhor ; e esses cem contos terão rendido alguma cousa.

— Pois va la ; casemos, eu a minha filha, e vós a vosso afilhado.

— O que quizerdes que seja ; então fallae-lhe n'isso.

— Pois logo eu ?

— Fallae-lhe da minha parte, e hoje mesmo.

— Talvez fosse melhor mandal-o chamar.

— Hoje ?

— Sim.

— Pois então ordenae.

O barão do Engenho Queimado tocou no timbre, e appareceu o promptissimo pagem.

— Manda vir o meu boleeiro, dice o sr. de Itahyba.

O pagem sahio, e Margarida abrindo a porta que dava para o seu aposento, sentou-se juncto de uma commodazinha, tomou um palito, e roçando-o pela parede, inflammou-se todo de azulada chamma, deixando como que um froco de lume na parede, que se esvaeceu ; accendeu uma vela e poz-se a escrever.

— Elle hade surprender-se, dice o barão de Itahyba.

— E' uma indemnisação dupla, tanto pela parte do casamento como pela do dinheiro, ajunctou o sr. do Engenho Queimado.

O sr. de Itahyba deu com os hombros, como mal percebendo o que dizia o seu collega ; e o boleeiro entrou batendo com as esporas pelo pavimento.

— Tira a besta da montaria do carro e vae a toda a pressa á casa do sr. dr. Henrique, e dize que o sr. barão do Engenho Queimado lhe deseja fallar, e que não deve passar de hoje.

O boleeiro ia sahindo, quando Margarida dobrando o papel ligeiramente em que tinha escripto, foi ao seu encontro.

Havia um corredor escuro onde ella o aguardava, e ella o presentiu pelo tinir das esporas.

— Mestre, dice a baroneza, sabes a casa do dr. Segismundo ?

-- Sim, excellentissima, respondeu o boleeiro reconhecendo a voz doce e harmoniosa de Margarida.

— Aqui tens um bilhete para elle, que deve ser entregue sem falta agora mesmo ; mas si queres a recompensa do teu trabalho, é preciso que faças ainda mais. . . .

— S. exc. ordene, respondeu elle em tom capadoçal.

— Vás á casa do sr. dr. Henrique, não ?

— Sim, sra. baroneza.

— Si elle não estiver em casa, darás o recado do sr. barão ; se estiver, dirás que é para amanhã, hein ?

— E si meu senhor. . . .

— Eu respondo por tudo, mest re ; avia-te ; adeus.

O boleiro desapareceu e Margarida recolheu-se a seu aposento.

— Talvez tudo perdido, murmurou ella consigo, e entretanto a victoria parecia ganha !



Margarida respirou ; e ambos os barões se olharam.
 --- Está bem, dice o sr. de Itahyba, o que não tem remédio remediado está.

O boleiro retirou-se e Margatida foi encontral-o.

— Então, mestre ?

— Tudo como v. exc. recommendou-me ; aqui está a resposta.

A baroneza recebeu um bilhete da mão do boleiro, retribuindo-lhe com uma nota.

— Obrigadissimo, respondeu o capadocio sem comprehender qual tinha sido a sua missão.

A baroneza dirigiu-se para o seu gabinete, e nhi leu :

« Exm.^a sr.^a »

« Hoje mesmo, n'este mesmissimo instante, vou
 « esperar o barão de Itahyba ; no entunto que corro,
 « nproveitando-me da sua ausencia, a informar a D.
 « Carolina do que se ha passado. Não ha palavras
 « com que eu possa agradecer-lhe tamanho favor.

« Beijo as mãos de v. exc.

« Vosso obrigadissimo creado,

« SEGISMUNDO. »

Guardou Margarida o bilhete na sua secretaria, e veio collocar-se ao lado de seu marido.

— Ja vejo, dice o barão de Itahyba, que por hoje nada podemos fazer ; amanha pela manhan procurarei o douctor, e lhe communicarei tudo da vossa parte.

— E' o melhor.

— E por hoje basta de visita ; estaes doente e assaz tenho abusado de vossa bondade.

— Não, sr. barão ; tenho passado mais dis tra hi do dice o barão do Engenho Queimado a bocejar.

— São horas ; até amanha.

A baroneza ergueu-se, conduziu o sr. de Itahyba até á porta, e voltou para o lado de seu esposo.

— Quereis alguma cousa ? perguntou-lhe ella.

— Nada, respondeu elle seccamente.

O barão guardou por muito tempo o mais profundo silencio ; a baroneza tomou um livro e poz-se a ler. Ouviram os tiros dos vasos de guerra surtos no porto : eram oito horas, e annunciou o velho mordomo a chegada do dr. Silva.

O medico entrou, e depois de tomar-lhe o pulso, passou a examinar a escarradeira.

— Não tenho cessado, dice o barão interrompendo o seu silencio, de escarrar sangue, que não sei como ainda o tenho ; mas o que a mim mais me incommoda é essa falta de somno que me atormenta, no entanto que ja me custa a estar deitado.

— Quereis dormir um pouco ?

— Si eu pudesse !

O douctor dirigiu-se para uma commoda coberta de vidros com tinturas e oleos e de vasos cheios de medicamentos ; tomou de uma chavena, e poz-se a preparar uma tisana.

— Bebei, dice o douctor, apresentando-lhe a chavena.

— E dormirei ?

— Alguma cousa.

O barão tomou até o meio e repugnou o resto.

— Bem, é bastante, dice o medico.

— Mordomo, balbuciou o barão.

— Daniel, bradou Margarida.

O mordomo appareceu, e o barão apontou-lhe para a cadeira, e Daniel sentou-se.

— Emquanto eu dormir tu velarás.

— Pois dormi, dice o douctor retirando-se e pondo a chavena sobre a commodasinha.

— Senhora, o chá está na mesa, dice o pagem.

— Ja sei, respondeu Margarida.

E approximou-se do barão.

— Está quasi a dormir, dice Daniel.

— Tanto melhor ; o que resta é que o enfermeiro não durma tambem.

— Não, senhora.

--- Queres o teu chá?

--- Se minha senhora faz o obzequio, quereirei antes uma chicara de café.

--- Pois eu t'o mandarei.

A baroneza sahiu; e ao passar pela comodazita levou consigo a chavena que ali deixára o douctor.

Pouco depois o pagem appareceu, voltando com uma chicara de café, que entregou a Daniel.

--- Hoje está pessimo, dice elle sorvendo a ultima gotta, que o tal cosinheiro sem duvida está de moafa.

A baroneza voltou e ja o barão dormiu, e o mordomo, recostado á cadeira com os braços cahidos, roncava em profundo somno.

Margarida metteu a mão com destreza por baixo dos travessciros do seu marido e tirou de uma chavinha.

--- E tambem tu!... e tambem tu, Manuel Luiz!... balbuciou o barão.

A baroneza, que se encaminhava para a secretaria, estremeceu e deteve-se.

--- O papel queimarás e as barras de ouro são para ti, murmurou o mordomo.

— Elles sonham, dice Margarida dirigindo-se para a secretaria.

Abriu-a, calcou sobre uma gavetinha, e esta, contida por sua mão, abriu-se brandamente por si, trazendo outra ao logar que deixava.

Abriu a segunda gavetinha, achou um masso de papel embrulhado n'um impresso e atado por uma linha, e metteu-o no bolso do vestido.

Compellindo da mesma maneira outra gavetinha abriu o outro segredo, que estava recheado de barras de ouro.

Margarida tirou-as uma por uma até cincoenta, e fechando a secretaria de novo, pegou da chavinha e foi collocal-a em seu logar; apagou a luz e dirigiu-se para o seu aposento, guiada pelo pallido clarão da lamparina, que la bruxuleava.

Depositou todo o ouro n'um segredo de sua secretaria, rasgou o papel que envolvia o masso que subtrahiu, e n'elle achou algumas folhas de papel cosidas outr'ora, lacradas e com linhas rotas presas ao lacre.

Abriu e leu com a maior surpresa, e a pallidez da morte pintou-se em seu rosto; dobrou de novo todas aquellas folhas e metteu-as entre o colchão e a cama, e poz-se a pensar.

— O mordomo, dice ella, responderá a seu amo por elle e pelo seu ouro: miseravel! confiava o segredo ao escravo, e temia-se da esposa; pois bem!...

O barão bradou pelo seu mordomo.

— Será sonho? dice Margarida.

Tornou a bradar.

A baroneza acudiu com a luz: o mordomo dormia.

— Adormeceu, dice a baroneza.

— Velho e cansado, ajunctou o barão.

— Mas eu, accrescentou a baroneza, nunca durmo, e no entanto não me quizestes hoje a vosso lado!

— Até agora ereis uma, agora sois outra.

— Emquanto não soube dos vossos segredos, não é assim?

O mordomo, esfregando os olhos, admirou-se da tenacidade do somno, que mal o queria desamparar; e o barão para evitar que a troca de palavras entre elle e sua esposa se azedasse, poz-se a mofar do velho pardo.

Bateram de rijo na porta.

--- Quem será? dice o barão.

--- Que horas são? interrogou-lhe o barão.

--- Dez horas.

--- Não é tarde.

--- O boleeiro do sr. barão de *Tahyba* deseja falar a meu senhor, dice uma voz á porta.

--- Que entre.

Entrou o boleeiro, e mettendo a mão na algibeira de sua comprida sobrecasaca de largos cabeções, tirou de uma carta que entregou ao barão.

— Está bem, dice elle depois de havel-a procurado ler por muito tempo ; assim havia de ser ! Henrique hade ser infeliz toda a sua vida ! Ma estrella presidiu o seu nascimento.

O boleeiro retirou-se marcando' cada passo com o tinir das desmarcadas esporas prateadas.

— Alguma desgraça ? perguntou a baroneza com dissimulação.

— Não havíamos tratado aqui ainda ha pouco de um casamento para Henrique ?

— Sim ; e então ?

— D'esta vez não teve por contendor a Raphael, mas sim a Segismundo ; o barão apressa-se em dar parte para que não va eu fallar a Henrique em cousa que ja não tem logar. Seria melhor que o mandasse desavisar do que ter tanta pressa em dar tal noticia.

— Pensou que fazia bem ; e si elle vier . . .

— Não hade vir ; manda-lhe dizer logo pela manhan que ja não necessito mais.

— Pois bem.

— Aquelle homem ! Vê como sua alma é mesquinha ! Achou um casamento com mais dinheiro, e lamenta-se então que a culpa é da filha, dizia o barão entregando a carta á baroneza.

Margarida devorou rapidamente as letras da mal orthographada carta do sr. de Itahyba, e exultou de prazer.

— Ja uma vez, dice ella, Segismundo teve prestimo n'esta vida !

— E como as cousas se combinam ! reflectiu o barão ; aqui a conversarmos sobre um objecto, e la Segismundo cuidando da mesma cousa, que nem que elle tivesse aviso ou adivinhado.

— E agora que fareis a Henrique ?

— Isso é o que me mata ; e vós, Margarida, não comprehendéis o meu coração, e eu leio no vosso. Tudo, tudo é á medida de vossos desejos, como si o céo . . .

O barão interrompeu-se.

— O que tendes ? perguntou Margarida vendo o seu olhar fixar-se no mordomo.

— Coitado ! dice o barão a rir-se ; tornou a dormir, e em pé !

— Foi sempre assim

— So o meu somno foi tam curto e agitado ; dormi para sonhar, e que sonhos !

— E o que sonhastes então ?

— Extravagancias , sonhos , puros sonhos . . . nada cousa nenhuma.

— Cousa nenhuma ! Sempre o remorso, repetiu a baroneza comsigo.

— São horas ; ide ver si dormis, que por agora nada quero de vós.

A baroneza chamou o pagem para substituir o mordomo, a quem mandou deitar-se, e pediu ao barão que á menor novidade a fizesse chamar.

— Graças a Deus ! murmurou ella, tudo não está perdido !



XI

MAL POR BEM

— Mordomo, dice a baroneza ao erguer-se do leito, o sr. barão passou a noite malissimamente.

— E eu, senhora, que dormi como nunca ; foi um somno pesado !

— E' quasi o teu costume .

— Sim senhora, durmo a todo o instante, mas tenho um somno muito leve.

— A todos quantos procurarem o sr. barão vir-me-has dar parte, visto que elle não póde receber visita alguma.

— Porém talvez que elle . . .

— Sempre tens observação para me fazer !

— Perdõe, minha senhora ; o sr. barão porém deseja saber quem entra e quem sahe, e era por isso que eu lhe ia dar parte da visita do sr. Henrique.

— Eu vou recebê-lo.

A baroneza entrou na sala de visita, onde Henrique, em pé, de costas para ella, examinava um bordado de tapeçaria.

— Que tal, sr. doctor ?

— Oh ! exm.^a sra. tendes muito bom gosto, si o

desenho é vosso ; e bordaes excellentemente em ponto de marca, si o bordado é de vossas mãos.

— São lembranças do tempo de solteira.

— Feliz tempo !

— Aqui estão estas pombinhas ; separam-se ambas levando no bico o extremo de uma fita que tem um laço no meio ; quanto mais se apartarem tanto mais apertarão o nó.

— E' bem ideado !

— Separam-se, continuou Margarida, mas o laço da união se aperta mais e mais.

— Falta o que quer que seja aqui, observou Henrique, para tornar o quadro fiel.

— Como assim ?

— Falta a causa d'esta separação.

— Tanto melhor, n'unctou Margarida.

— Ao menos sejam ellas ditosas, e jamais um cagador ou *qualquer laço que seja* lhes estorve a união que tam docemente gozam.

— Pelo que ? pois ha quem faça isto ?

— Pois não sabeis ? E quasi sempre o mal nos vem d'onde desejaríamos o bem.

— Tanto peor para se chorar ; porém ha males que vem para bem ; verdade é que nem todos reflectem no proverbio quando soffrem, que si reflectissem

— Mas nem todos, dice Henrique, querem estar por isso ; si Pope acredita n'elle, Voltaire sorri-se impiamente, que não vê a bondade na maldade dos acontecimentos.

— E vós ?

— Eu penso que quem nos faz mal não nos deseja nem um bem.

— Mudareis de opinião, e talvez mesmo agora, sabendo que Segismundo casa-se com D. Carolina.

— Ja o sabia.

— Ora eis ahi como sois levado de mystificação em mystificação ! Fui amada por vós, e Manuel Luiz obstou que nos casassemos ; pretendieis a mão de Ce-

cilia, e fostes indeferido por causa de Raphael ; agora Segismundo por sua vez vos rouba o coração de Carolina que parecia já vos pertencer.

— E não tendes concorrido para tudo isto ?

— E não tendes comprehendido tudo isso ?

— Como ?

— Desejaes fallar a meu marido ? Elle não vos póde fallar : pretendeis alguma cousa ? Dizei.

— Eu vinha saber o que pretendia de mim pelo recado que recebi hontem ; verdade é que hoje recebi contra-ordem, comtudo sou-lhe grato antes não fosse !

A baroneza deixou escapar um sorriso maligno.

— Surri-vos ?

— O barão, dice a baroneza, nada tem com vosco ; o que pretendia de vós já não deseja : tomae este quadro das pombinhas, levai-o para casa e reflecti bem n'elle ! Douctor, si o comprehenderdes, ponde aqui um raminho de violetas já murchas e umas flores de laranja, que não terão ainda desbotado !

— Que mysterio, dice Henrique, se encerra em vossas palavras !

Margarida calou-se.

— Senhora ! bradou o pagem, o sr. Raphael e a sra. D. Cecilia pedem licença.

Henrique empallideceu.

Douctor, dice a baroneza, escondi-vos n'esta saleta, e logo que elles tiverem passado, sahireis ; quereis não vos occultar d'elle ?

— Lêde no meu coração, sra. baroneza.

— E sei o que vos atormenta, o que desejaes e o que não alcançareis.

Henrique recolheu-se á saleta ; a baroneza fez signal ao pagem que abrisse a porta.

Cecilia, com as faces tintas de pudôr ; e Raphael, já sem aquelle negro bigode que tanta graça lhe dava, penetraram na sala.

Margarida, que veio ao seu encontro, os conduziu

para uma varanda que dava para um dos jardins lateraes da casa.

Henrique sahi ruminando as palavras da baroneza ; tinha ella a ousadia de dar a conhecer as suas mais intimas intenções, mas sabia igualmente confundil-as com phrases que não eram para ser comprehendidas facilmente, e muitas vezes só para destruirem o effeito de outras.

— Ella parece que me falla no futuro, dizia Henrique, porém não me dice ella : « Eu sei o que vos atormenta, o que desejaes, o que jamais alcançareis ? »

O joven douctor montou em seu fogoso cavallo, e seguiu a trote largo para a cidade, entregue a taes pensamentos.

Entretanto a baroneza sentada na varanda ao lado de Cecilia, oppunha-se fortemente a que ella fallasse ao barão.

— E' meu pae, dice Cecilia, e não ha forças que me privem de lhe fallar.

— Sr. Raphael, dice a baroneza, tenho bastante ouro para pagar o dote que vos prometti ; não é isso o que quereis ?

— Não ; vós sabeis que desejo muito conciliar-me com o sr. barão, e Cecilia deseja pela primeira vez a sua benção paternal.

— Mas não ha abi nada que me force a contrariar ordens mui positivas que dei ; o barão não recebe mais visitas, e, adjunctou Margarida com malicia, ja fez testamento.

— Não viemos ca por isso, respondeu Cecilia com enfado.

— Como vos acho interessante, minha menina ! Ja não sois a mesma, mudastes de botão para rosa aberta com incrível velocidade ! Pago-vos o dote promettido, e ja ; mas se insistis em adiar o seu recebimento com a mira n'uma herança que nem por sonhos vos póde pertencer, então o dito por não dito.

— Sois a senhora mais celebre que tenho visto,

ajunctou Raphael ; de protectora que ereis, temos em vós uma terrivel contraria, uma completa inimiga.

— Tambem o amor que tam puro despontava em vosso peito é hoje pura ambição ; bem vedes, sr. Raphael, que se protegi um, não posso me decidir por outro.

— Bem ; n'esse caso tomaremos o vosso exemplo por nosso guia ; protectora, nós vos respeitamos ; por contraria, não queremos senão antepor a nossa força á vossa injustiça.

— Fazei o que quizerdes ; o barão . . .

— O sr. barão vos deseja fallar, sra. baroneza.

Margarida correu á voz de seu esposo.

— Mordomo, direis ao barão que estamos aqui . . .

— O sr. barão não recebe visita de qualidade alguma.

— São ordens d'elle ?

— Não, senhor ; são da sra. baroneza.

— Ah ! está bem !

Daniel retirou-se.

— Vinde, dice Raphael para Cecilia seguindo os passos do mordomo ; elle é vosso pae, e sua porta se abrirá á vossa voz.

Raphael e Cecilia pararam á porta do quarto do barão.

Chegou o dr. Silva, que entrou.

— Dá licença, sr. barão ?

O barão fez signal que abrissem a porta.

A baroneza oppoz-se, e balbuciou algumas palavras ao ouvido do doctor.

— De maneira nenhuma, bradou o dr. Silva.

Cecilia, impellindo a porta, lançou-se aos pés do barão.

— Meu pae !

— Cecilia, dice elle esmorecido.

Raphael contemplava mudamente o que se passava em torno de si.

— Estas scenas de commoção são perigosas para o enfermo, observou o doctor.

Cecilia regava de lagrimas as mãos de seu pae, e Raphael deixava tambem cahir algumas lagrimas.

— Que quereis? dice o barão, esse pranto me atormenta; não martyriseis os meus ultimos instantes.

— E' o perdão que eu peço.

— E' a herança que elles ambicionam, murmurou Margarida.

O doctor aproximou-se do barão e sentou-se a seu lado.

— Perdoae-lhes, lhe dice elle, e acabae com isto tudo, que nos é doloroso.

— O tabellião! annunciou o mordomo.

A alegria satanica brilhou nas faces orvalhadas de pranto de Raphael.

A baroncza sentiu um tremor frio da cabeça aos pés, e sahiu.

— Sr. tabellião, dice ella com voz baixa e aproximando-se d'elle o mais que lhe foi possivel, o meu marido não póde fazer testamento.

O tabellião deixou cahir os hombros.

— Direis pois ao sr. barão que o não faça, isto é bastante; direis mais que não convém até para a salvação de sua alma.

O tabellião olhou espantado para Margarida sem comprehendel-a.

A baroneza pediu-lhe que a esperasse, e voltando rapidamente entregou-lhe uma nota.

O tabellião desenrolou o papel, e subita alegria brilhou-lhe pelas faces.

A baroneza entrou para o seu aposento, e passou-se para o quarto do barão onde penetrou o tabellião.

— Sáiam todos, dice o barão, que quero dictar minhas disposições.

— Vós, sr. barão, não podeis fazer testamento.

— Como assim? perguntou o barão esforçando-se e sentando-se com o arrimo de suas almofadas.

— Até, ajunctou o tabellião, para salvação de vossa alma.

— Para salvação de minha alma ! repetiu o barão. Meu Deus ! ajunctou elle apoiando a cabeça entre as mãos, este homem sabe de tudo!.. Dar-se-ha acaso ?.. Quem sabe !

— E porque não ? dice Raphael.

— Porque sim, respondeu o tabellião.

— Basta ! basta ! dice o barão, estou perdido ! Saiam todos e deixem-me com o meu fiel mordomo.

Retiraram-se todos, e o barão ordenou que cerrassem as portas.

— Estou, dice o barão, estou atraído ! Ninguém sinão tu sabia dos meus segredos ! Tu me trahiste.

— Eu, meu senhor !

— Pois bem, dice o barão, como é então que o tabellião sabe o que so tu poderias saber depois de minha morte se soubesses ler ? Abre aquella secretaria.

O mordomo abriu.

— Carrega nas gavetinhas de segredo.

O mordomo carregou.

O barão tornou-se livido e frio.

— Que é do papel ? que é do papel ?

— Ainda hontem aqui estava !

— Emquanto não sabias d'elle ! e agora que eu queria entregal-o ás chammas ! Daniel, tu és um ladrão !

— Meu senhor

— Abre a outra.

O mordomo carregou na mola, e a gavetinha secreta impelliu a outra e appareceu.

— Vaziá ! vaziá ! exclamou o barão com um sorriso de amarga ironia.

O mordomo estava ferido de morte.

— Daniel ! Daniel ! que dizes a isto ? Roubaste-me o ouro antes que eu me arrependesse ; e o papel, e o papel, que não sei eu para que o guardava, tambem desapareceu ! Perfido, que é da carta da liberdade que te dei ?

— Aqui está, dice o mordomo debulhado em lagrimas.

— Pois toma, dice o barão rasgando e lançando-lhe os pedaços, agora és livre ! escravo ! agora E as golfadas de sangue impediram-lhe o resto ; e o douctor acudindo aos gritos de Daniel, veio em socorro do barão, e com elle a baroneza.

¶ — Mandae vir o padre, o barão não chega a noite ; olhae, dice o douctor apontando para a escarradeira ; vêde, ajunctou elle descobrindo-lhe os pés que haviam inchado de uma maneira espantosa.

A baroneza lançou um rapido volver de olhos sobre a secretaria, e viu os segredos patentes, e retirou-se.

Poucos instantes depois o seu carro partia a todo o galope para a cidade.



XII

A MORA DA MORTE

..... Ali no leito
Jazia um moribundo ; em torno os olhos
Cheios de pasmo, de terror volvia,
Bebendo pelos soffregos ouvidos
Mal sentido rumor !....

G. DIAS.

O sol descambava no occidente por entre negras nuvens que ameavam. muita chuva, quando vieram bater na porta da cellula de Fr. José de Sancta Geneveva.

O bom do monge, apressando-se em abrir a porta, parou para ouvir o recado que um pagem lhe vinha trazer.

Era um negro, trajando uma rica sobrecasaca azul toda agaloadada de ouro, collete e calças brancas, e botas de montar por cima das calças.

— A sra. baroneza do Engenho Queimado, dice elle com essa voz de capadocio que tanto distingue os nossos boleeiros, manda pedir a Fr. José de Sancta

Genoveva o favor de ir confessar o sr. barão, que está em perigo de vida.

— Com que então não tem tido melhoras? interrogou Fr. Sancta Genoveva.

— Não, senhor; parece-me que não chega á noite, e o sr. douctor dice que era bom que se confessasse quanto antes.

— Está bem, ajunctou Fr. José sorvendo uma pitada de rapé, eu la vou sem demora.

— Tenho o carro ás ordens de meu senhor.

— Tanto melhor, dice Fr. José, chegarei la mais depressa; e, ajunctou elle fallando com seu habito, em tom de compaixão, não iremos com risco de grande mólho.

Cinco minutos depois sahia o gordo monge de seu convento do Carmo na Lapa do Desterro, não se esquecendo de sua bella caixa de tarturuga atopetada de louro rapé.

Entrou vagarosamente no carro, arregaçando o habito com tanto donaire e graça como a mais bella menina da nossa côrte faria ao seu vestido.

— Vamos la, bradou elle.

E o trote largo das bestas arrastou o carro pela rua da Gloria, com direcção ás Larangeiras.

Chovia ja, e os raios do sol se refrangindo n'esses chuviros, eram como uma chuva de ouro em po que cahisse sobre a terra.

As arvores aqui e ali verdejando pelo meio dos edificios á beira da estrada, se cobriam de um esmalte como da esmeralda, despindo-se do manto de poeira que ha tanto tempo as cobria.

Mas Fr. José não levava na imaginação sinão a dolorosa idéa da ultima hora de seu amigo, e por mais pitadas de tabaco que tomasse para distrahir-se, o instante do passamento se lhe apresentava á mente.

Parou o carro e apeou-se elle á porta da elegante casa das Larangeiras, adornada de um magnifico jardim á entrada; penetrou silenciosamente, tendo tido

o cuidado de tirar o seu pesado chapéo de largas e enroladas abas.

Tudo era silencio ; parou na sala, sentou-se, collocou o chapéo sobre uma cadeira e poz-se a pensar.

D'ahi ha poucos instantes veio a baroneza chamal-o, e conduziu-o para o quarto do barão, e deixando-o a sós com elle fechou a porta.

A baroneza trajava um lindo e justo roupão de seda rôxa e tinha um não sei que de triste na physionomia que assaz dizia com a simplicidade e côr de suas roupas.

Margarida sentou-se juncto da porta e parecia que aguardava a sahida de fr. José.

O frade demorava-se, e Margarida se impacientava.

Um quarto de hora seria bastante para uma confissão ; meio hora ja la havia decorrido.

Eram seis horas da tarde quando entrou o frade, e deram oito horas.

— Ha duas horas ! dice Margarida, e nada de novo !

E o frade fallou algum tanto alto ; ouviu-se perfectamente uma voz tremula e rouca, e era a voz do barão.

— E' uma confissão geral, dice Margarida, uma confissão de annos sancto.

O desejo de espiar pelo orificio da fechadura, de applicar o ouvido, a arrastava para a porta.

— E' impossivel que ainda se confesse, dice ella ; estão conversando.

O frade bateu e Margarida abriu-lhe a porta.

— Entrae, exm.^a baroneza, que muito necessitamos da vossa presença.

Margarida pediu luzes ; o pagem as veio collocar ante um crucifixo que ella tinha pôsto sobre um altar portatil.

— Mandae, dice fr. José, chamar o dr. Henrique a toda a pressa ; a sua presença tambem nos é necessaria.

Margarida tocou no timbre; appareceu o pagem, e suas ordens foram immediatamente executadas.

Então o monge voltando a chave para dentro fechou a porta sobre si.

O barão estava meio sentado sobre ricas almofadas de damasco orladas de ouro: seu aposento respirava uma sumptuosidade, que fez com que o frade suspirasse mais de uma vez.

— Margarida, dice o barão.

— Que desejaes?

— Escutae. fr. José de Sancta Genoveva vae falar-vos por mim, mas antes perdoae-me.

— O que, sr. barão?

— Chama-me Manoel, que é o meu nome. Ah! Margarida! nem da mulher com quem vivi sempre, nem do confessor a quem sempre narrei os meus peccados, confiei jamais o maior dos meus segredos. Sei que morro, ajunctou elle, e n'essa hora solemne não quero levar comigo á sepultura o segredo do meu crime, que em parte... aquelle mordomo... Daniel apressou-me o ultimo instante.

— O testamento falso! murmurou Margarida consigo.

— Fr. José, proseguiu elle, bom e amavel, acaba de aconselhar-me ácerca da marcha que devo seguir; resta porém que vós e elle o queiram,

— Fr. José de Sancta Genoveva, accrescentou o barão voltando-se para o monge, exponde-lhe tudo; ja me rouqueja a voz e me vae faltando de todo em todo; e além d'isso... a vergonha!... balbuciou elle.

Margarida estava aterrada; ja não havia duvida para ella.

Fr. José, sentado á cabeceira do doente, voltou-se para a baroneza que se apoiava n'uma cadeira de braços.

— Senhora, dice elle, tudo isto quanto aqui está, tudo quanto tendes logrado não vos pertence, todas estas riquezas foram usurpadas por vosso marido por meio de um testamento falso!

Margarida cravou os olhos em seu marido, como que para interrogá-lo:

Manoel sentiu um não sei que de terrível pesarelhe sobre o coração; deixou-se escorregar pela almofada, pegou do lençol e cobriu lentamente o rosto, voltando-se para a parede.

— Proseguí, dice Margarida para o monge, proseguí; a miséria me espera depois de tanta opulência, porém vós me ensinareis a soffrê-la com resignação....

— Escutae.

Fr. José sorveu longamente uma pitada de rapé que tinha entre os dedos, e continuou:

— Nada d'isso é vosso, tudo tem um dono que ignora, na melhor boa fé, que, senhor de tanta riqueza, viveu sempre, e ainda vive, sem fausto, á mercê das esmolas de vosso esposo!

— Meu Deos! vós me despedaçaeis o coração!

— Havia um homem n'esta nossa cidade do Rio de Janeiro, rico e sem filhos e herdeiros, e como fizesse tenção de constituir por seus herdeiros a dous de seus afillhados, aconteceu que o vosso marido promoveu os maiores enredos para se fazer unico dono de tantas riquezas!

« O outro afillhado procurou destruir suas intrigas, e por isso lançou mão de todos os recursos.

« O primeiro cuidado do nosso homem foi de empregar a um no commercio, e o outro mandou estudar na Academia de medicina; dando ao primeiro alguns contos de réis, que elle empregára em especulações.

« Viviam elles em casa do velho, que se tinha retirado do commercio, entregando suas casas a seus caixeiros e felicitando-os; mas elles aborreciam-se de morte, e no entanto mostravam viver na mais perfeita harmonia.

« Tinha Lourenço Pinto de Souza em sua casa uma órphan, uma moçazinha, a quem prodigalisava todos os carinhos, em falta de um filho que os rece-

besse, si é que não era sua filha! Requestavam-na ambos, e isso deu motivo a que o velho negociante os despedisse; fechou-lhes a sua porta, mas não a sua bolsa: continuou a prodigalisar-lhes favores, tendo tido o cuidado de evitar uma terrível desgraça.

« Pensou, mas não o conseguiu; a moça desapareceu, e Henrique fez recahir todas as suspeitas em seu companheiro.

« O velho Lourenço Pinto de Souza acreditou ao principio, porém tendo ouvido a Manoel Luiz, ficou meio abalado, e suspendeu o seu juizo até que o tempo descobrisse o verdadeiro auctor do rapto.

« No impeto da cholera, lembrando-se do que lhe dicara Henrique, rasgou o testamento em que constituia Manoel seu testamenteiro e herdeiro, bem como a Henrique, e constituiu sómente a este, privando aquelle de tudo.

« Tal foi o que elle declarou a Manoel no dia em que este lhe veio trazer falsos documentos de sua innocencia, apresentando-lhe um seu antigo caixeiro como auctor do rapto da bella órphan: pobre homem, que por dinheiro a isso se prestára!

« Lourenço voltou-se contra Henrique, e sendo a sua intenção fazer novo testamento no dia seguinte, foi subitamente accommettido de uma apoplexia fulminante.

« Correu Manoel Luiz á sua casa com a nova de sua morte; e entre os seus papeis achou o seu testamento; lembrou-se de seu infortunio, e quiz lançal-o ás chammas, mas pensando com isso fazer mal a outros que não tinham culpa alguma do que lhe acontecera, foi leval-o á autoridade competente.

« Alberto que foi o testamento, lastimou-se este do seu infortunio; porém o mal-lito de um serventuario lhe deu esperanças, lhe accendeu a cobiça arrastado pela avareza.

« — Tu o que farás, diz elle; regista-se o testamento tal qual, só com a troca de seu nome, que substituirá o de Henrique; a fortuna toda lhe pertence,

menos a elle; o senhor vae para casa, cuida do enterro, e depois declara e annuncia que perdeu o testamento, e pede outro por certidão, que lhe passarei.

« — Aceito o conselho, dice Manoel Luiz.

« Então o escrivão abriu a gaveta e apresentou-lhe algumas letras.

« Elle exigia vinte contos de réis.

« Vinte contos de réis lhe foram dados em letras por Manoel Luiz.

« Eis-aqui pois como essa fortuna nunca vos pertenceu. »

— E agora, fr. José, o que resta fazer?

— E' entregal-a a seu dono, que não tardará em vir tomar conta d'ella.

— Porém si Lourenço Pinto não succumbisse n'essa noite?

— Deos não o quiz. O homem põe e Elle dispõe.

— Fr. José, exclamou Margarida erguendo-se e olhando para seu marido ainda coberto pelo lençol, eu tenho um meio para sanar todas estas difficuldades. . .

-- E qual é, senhora?

Margarida chegou-se ao ouvido do frade e balbuciou algumas palavras.

— Elle vive, senhora, exclamou o padre apontando para o barão.

Margarida arregaçou o lençol levemente, e um cadaver livido e frio foi o espectaculo que lhe feriu os olhos.

— Morto! exclamou ella deixando-se cahir sobre a cadeira em que esteve sentado fr. José de Sancta Genoveva.

O monge sahiu desesperado, desembaraçando-se de Raphael e Cecilia que, parados á porta, perscrutavam tudo quanto se passava no aposento.

— Senhora, bradou um boleeiro á porta do quarto, o sr. dr. Henrique acaba de desapparecer; perdeu hontem ao sahir do theatro toda a sua fortuna n'uma casa de jogo.

—**Meu Deus!** bradou Margarida prostando-se ante a imagem do Crucificado que ali estava; e tambem Henrique! . . .

Raphael e Cecilia com os olhos ondeados de pranto penetraram no aposento.

Ouviram-se soluços de partir o coração de dôr.

Era Daniel, que não ousava de entrar.



XIII

JURAMENTO

N'um segundo andar de um predio da rua do Hospicio morava o dr. Silva, e em seu relógio acabavam de soar dez horas.

Ouviu que uma carruagem parava á porta, e depois sentiu bater.

O doutor, que repousava n'uma poltrona a ler, veio á escada saber quem o procurava, e conduziu um moço todo vestido de luto para o seu sofá.

—Pensei, dice elle, encontrar-vos no enterro; mas enganei-me, e por isso vim.

— Não costume enterrar, dice o doutor a rir-se, aquelles a quem mato.

— Para isso tendes licença.

—Creio que fostes bem succedido na missão de que vos encarregou a baroneza.

—A prova aqui está, respondeu o moço tirando de um maço de papeis que entregou ao doutor, despedindo-se.

— Então já, sr. Segismundo?

— Tenho pressa, respondeu elle.

O dr. Silva que o acompanhou até á escada, dirigiu-se pelo corredor para outra sala, espiou pelo orificio da fechadura de uma porta que estava fechada, viu luz e bateu.

— Quem é? interrogou uma voz doce, mas com accento assaz commovido.

— Abre, respondeu o doutor.

E ouviu-se o som aspero da chave rolando sobre as molas da fechadura, e a porta cedeu então ao impulso da mão de Silva, e tornou-se a fechar.

— Que diabo de melancolia é a tua? Queres enlouquecer com tanto scismar?

— Devo, devo, e devo muito, respondeu um moço bello e elegante, e que estava embugado n'um rico rob-de-chambre de setim carmesim bordado de fios de ouro.

— Manda todos esses jogadores para o chefe de policia, e que vão d'elle cobrar o que perdeste.

— Isso era bom si eu não tivesse assignado letras sobre a fatal mesa do maldito *monte!* Vinte mil cruzados em tam poucos instantes!...

— E quando se vencem essas letras?

— Ja te não dice que de oito em oito dias, segundo os prazos de cada uma d'ellas, tenho que dar um conto de réis até o final pagamento?

— Daqui a dous mezes terás pago tudo.

— Como? com que dinheiro?

— Eu te posso emprestar, dice o dr. Silva olhando para um quadro que pendia da parede.

— Eu não posso exigir de ti tanto sacrificio.

— Fallo-te com sinceridade, respondeu o doutor com os olhos fitos no quadro.

— Que estás ahí a mirar?

— Este quadro de tapeçaria, que é novo n'esta sala, e coroadado com flôres de laranjeira e violetas ja tam resequidas.

— Ah! bagatellas.

— Bagatellas! E entretanto dar-te-hia de boa vontade as tuas letras em troca d'ellas.

— Gracejas? Queres fazer-me rir quando tenho a dôr cravada no coração como se um punhal m'o dilacerasse!

— Fallo-te serio.

— Mudemos de conversa.

— Não ; sou um pouco teimoso, e muito, si não me cedem logo.

— Ora ! para que te havia de dar a mania !

— Queres ou não ? O negocio é serio.

— So para me ver livre de ti dar-te-hia o quadro.

— Pois então aceito-o.

O douctor, elevando-se sobre uma cadeira, desprende o quadro da parede.

— Tambem queres as flores ?

— Quero tudo.

O joven deixou cahir os hombros ; sentado em frente de uma mesa, cruzou sobre ella os braços e encostou a cabeça, olhando para o chão. O douctor depositou sobre a mesa um maçosinho de papeis, no qual escreveu algumas palavras, e abrindo a porta, sahiu.

O joven ergueu-se, fechou a porta, e ao voltar para o seu lugar, deu com o maço de papeis em que leu as corridas e ligeiras palavras :

« Ao sr. Henrique : preço de seu quadro. »

Abriu-o, e eram as suas letras !

Henrique estava pasmo ; pareceu-lhe um sonho quanto via, abriu a porta e dirigiu-se para a sala de seu amigo.

O douctor tinha guardado o quadro, e pozéra-se a ler.

— Ductor, dice elle, não me explicarás todo esse enigma ?

— E' facil ; obtive as tuas letras, e em trôco d'ellas o teu quadro !

— O meu quadro !

— E' muito symbolico, e pelo pincel conhece-se que so a mão de uma scnhora

— Entre nós não ha mysterios, dice Henrique sentando-se, e tu sabes que o obtive da baroneza

— E que o hei de restituir, não é assim ?

— Restituil-o ?...

— A' baroneza.

— Como assim ?

- Não m'ò vendestes, homem de Deus?
- Douctor, estás disposto a folgar á minha custu?
- Se o queres, dou-te ja; mas n'esse caso restituir-me-has as letras.
- Triste posição na verdade é a minha! respondeu Henrique rasgando entre os dedos as fataes letras.
- Bateram de rijo na porta, e Henrique estremeceu.
- Não estás salvo? perguntou-lhe o dr. Silva, e depois ajunctou:
- Entre quem é.
- O Senhor seja nesta casa!
- Um frade! murmuraram os dous amigos levantando-se com acatamento.
- Descjo fallar ao sr. Henrique.
- Sou esse.
- O mouge inclinou a respeitavel cabeça meia encanecida, e fitou os olhos em Silva.
- Podeis fallar, ajunctou Henrique, é meu amigo, um protector... para elle não tenho segredo de qualidade alguma.
- Então, dice o frade, sentar-nos-lemos.
- Dar-me-heis licença, dice o dr. Silva apontando para o livro que tinha postado na estante de sua poltrona, que continue?
- Como quizerdes, dice o frade conchegando-se para Henrique. Douctor, continuou elle tomando um accento solemne, sei que pretendieis suicidar-vos, e é por isso que ousei de vir bater á vossa porta.
- Henrique tornou-se pallido como as paredes que o rodeavam; Silva fechou o livro e concentrou toda a sua attenção nas palavras do monge.
- Depois das mais esplendidas, pomposas e douradas esperanças de opulencia, vistes-vos reduzido á miseria; porêm o vosso coração ainda era grande e nobre para succumbir, e o Senhor conheceu o vosso peso na balança de sua divina justiça pela vossa resignação; lembrou-se de vós, conheceu-vos na miseria e quiz pesar-vos, não na opulencia, mas na grandeza, que muito vos deu Elle; então mostrastes o que fariu

de vossa opulencia, se a tivesses herdado, e os divertimentos e distracções, a concupiscencia e os festins, e a final o jogo, a dissipação, a ruina, e depois—o suicidio!...

— Meu bom padre, dice Henrique, fallaes a pura verdade; a minha alma perdeu-se no caminho das flores; falho de experiencia....

— A experiencia não a dá so a pobreza; vivei, e accusareis ainda ao Senhor, porque diante de vossos desvairios jamais a collocará: ainda não chegastes ao abysmo a que vos leva o caminho de flores, e ja cahistes, e hei de ser eu que vos hei de dar a mão para vos ajudar a erguer, porêm para que retrocedaes, que não para proseguirdes. Dizei-me: tentastes com effeito pôr fim á vossa existencia?

— Hesitei por algumas horas, escondido, envergonhado dos homens.

— E não de Deus, meu filho!

— Meu padre!...

— Sois capaz de ser pobre, mas o vosso coração havia de desvairar-se no meio da opulencia; re-soariam nos vossos solões magnificos e sumptuosos os hymnos das orgias, e a lamuria do mendigo seria ouvida como uma importunação, e vêl-o-hieis com seus andrajos como uma nodoa no vosso solar de marmore e palissandra, de prata e ouro, de velludos e damasco, de crystaes e porcelanas, de tapetes e esteiras, e estender-vos-hia a mão para receber um vintem, e lh'o negarieis collocando sobre as cartas da fortuna o suor de vossos escravos, as lagrimas do infortunio de tantas familias, ou o captiveiro de tantos desgraçados! Jurarieis amar a uma so mulher, e ante a face do altar prometterieis amal-a como Christo amou a sua igreja, e as alcovas de vossas escandalosas concubinas, testemunhas de vossas lascivas torpezas, re-soariam com os protestos de vossos amores! Ao grande e opulento cederieis o passo, inclinariais a cerviz arrogante aos de maiores fortunas do que vós; mas vosso pé, pobre barro que sustenta um ventre

de ferro, um peito de prata, uma cabeça de ouro, esmagaria os pequenos que não obedecessem ao vosso aceno, que não se dobrassem ao vosso — quero e mando!

— Não! não!

— Que! ja a experiencia amestrou-vos! Deixareis jamais de jogar depois de vos haver deixado enlevar pela magia das cartas? Ah! que mais lucra a sociedade com o vosso suicidio do que perde; a moral porêem o obsta, que o perde ella; é mais um exemplo para que o homem se anime a esconder-se de seus semelhantes sem se lembrar que leva uma alma maculada de tamanho crime A'quelle que o creou. Mas, meu filho, ditoso de quem cêdo se arrepende, que para isso sempre é tempo. Hesitaveis?... E' que no fundo de vosso coração ainda ficou alguma cousa de san; elle não se corrompeu de todo. Emendar-vos-hcis, não é assim?

— Eu vol-o prometto, meu padre.

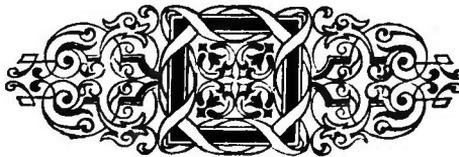
— Pois bem, bradou o monge erguendo-se, jurae-o sobre a *ultima vontade de um homem, em nome da Santissima Trindade!*

Henrique e Silva se levantaram.

O frade, apresentando um papel todo dobrado, cheio de linhas cortadas presas a lacre encarnado. Henrique prostrou-se com gravidade e deu solemne juramento com a sua mão direita sobre elle.

— Pois bem, Henrique, ajunctou o monge tomando o seu negro chapeo de largas e enroladas abas, e deixando-lhe o papel nas mãos, lembrae-vos de Margarida!

Olharam-se os dous amigos com espanto e admiração, e o monge inclinou a cabeça e sahiu.



XIV

GENEROSIDADE POR GENEROSIDADE

I am your wife, if you
will marry-me.

Tempest.

No dia seguinte, ao amanhecer, metteu-se Henrique n'um carro e foi apear-se nas Larangeiras, á porta do fallecido barão do Engenho Queimado.

Bateu, e o velho mordomo, todo vestido de luto, correu a abrir-lhe a porta.

— Morreu o sr. barão, heim ?

— Sim, senhor ; sepultou-se a tarde passada na igreja da Lapa do Desterro.

— E a sra. baroneza está em casa ?

— Sim senhor ; póde entrar.

Henrique, trajando pesado luto, mal entrou na sala destinada ás visitas, que deu com os olhos no quadro de tapeçaria que a baroneza lhe havia dado ; lembrou-se das fataes letras, e comprehendeu todo o enigma da reserva de seu amigo.

A baroneza, em rigoso luto, penetrou na sala, pallida e triste como uma rosa branca cortada e

perdida sobre a margem de um ribeiro, e Henrique commovido sentou-se juncto d'ella.

— Aqui tendes tudo, tomae posse, senhor, do que sempre vos pertenceu, e que no entanto . . .

— Ah! D. Margarida, dice Henrique enternecido pelas suas palavras, não venho para isso, e preserve-me Deus de tal; venho apenas para saber o mysterio de todo esse drama.

— Fr. José de Sancta Genoveva nada vos dice?

— Entregou-me o testamento de Lourenço Pinto de Souza em que me constituiu de ha muito unico herdeiro de todas as suas riquezas.

— Documento que salvei das chammas, e que, sem que fr. José soubesse que eu o tinha, lhe fiz entrega, ja por deliberação minha, ja por conselho de meu pae, para que fosse ter á vossa mão; e para salvar-o comprometti a innocencia de um pobre homem, fil-o até passar por Indrão, que não queria eu que o desaparecimento tam somente de um papel fizesse duvidar a sua culpabilidade, e so por amor d'elle exigiria de vós um pequeno premio.

— Sra. baroneza, tudo é vosso, haveis de dispôr de tudo como até aqui; eu nada mais quero que . . .

— Este traje diz-me muito bem, dice a baroneza interrompendo-o com lisongeiro sorriso sobre os labios e inclinando-se para um lado afim de ganhar o reflexo de um espelho.

— Ah! por certo que não!

— Espero pois, proseguiu ella, que esse premio seja a carta de liberdade que outorgareis a Daniel com cincoenta barras de ouro que acharei, na secretaria... que foi minha; e rogo-vos que torneis conta de vossa casa, pois que ja é tempo de retirar-me.

— Retirar-vos? e para onde?

— Para a casa de meu pae, na Lapa, d'onde me arrancou a opulencia de Manoel Luiz, e a que me restitue minha pobreza.

— E onde eu poderei ir buscar-vos, não é assim?

Margarida compôz o seu negro vestido de longa cauda.

Ouviu-se o rumor de um carro que parou á porta.

— Ah! é meu pae, bradou ella correndo para recebel-o.

Anselmo entrou; cumprimentou com indifferença ao douctor; e dando a beijar sua mão a Margarida, imprimiu-lhe um oseculo na testa.

— Vamos.

— Estou prompta.

Margarida subiu a uma cadeira, desprendeo o seu quadro, e depois, tomando de uma campainha, tocou-a por um instante.

Compareceram na sala todos os seus escravos e mucamas, que silenciosos aguardavam as suas ordens.

— Aqui tendes, dice ella, o vosso novo senhor; e ajunctou ella voltando-se para o douctor:—

— Aqui tendes a vossa casa.

E inclinando a cabeça, dispunha para se retirar, quando Henrique, aceuando para os escravos que se retirassem, embargou-lhe os passos.

— Excellentissima, dice elle, e não me restituireis o meu quadro, as minhas flores? Ja não vos lembraes que tudo isso me foi dado por vós?

— E esquecestes-vos que o resgatei a peso de ouro? ou pensaes que tendes direito a esse dinheiro por não saberdes que ainda tenho em poder de meu pae cento e vinte contos de réis da minha legitima materna?

— Pois bem, não terei direito a todas as usurpações que me fez Manoel Luiz, o barão?

Anselmo empallideceu.

— Tendes, senhor, respondeu Margarida com calma; exigis algumas indemnisações? Ahi tendes toda a nossa fortuna; talvez seja pouca, mas não podemos dar-vos mais, a menos que não queiraes tambem a nossa propria miseria; essa a sos nos ficará.

— Quero, sra. baroneza, quero a vossa mão que elle usurpou-me; mas não é o millionario quem

vol-a pede, nem o herdeiro de Lourenço Pinto ; é, adjunctou elle mettendo a mão na algibeira e tirando de um papel dobrado e cheio de linhas cortadas, mus presas ao lacre, e rasgando-o, é, Margarida, o pobre e desgraçado Henrique !

As lagrimas de Margarida reventaram em fio ; e Anselmo, tocado da generosidade e amor de Henrique, correu a apertal-o em seus braços.

— Sois um homem de bem, balbuciou elle entre soluços.

— Sois por demais generoso, sr. Henrique, eu vol-o agradeço ; não posso eu pagar generosidade com generosidade, mas uma mulher, aos quinze annos, na idade da ambição e da vaidade, tambem sacrifica o seu titulo ao vosso amor ! Deixarei de ser baroneza, mas serci a Margarida de Henrique, a quem amei sempre. Fiz-vos mal, estorvei-vos casamentos, urdi enredos contra vós, uns após outros ; mas ah ! que foi tudo levado pelo ciume de vos ver em braços de outra. Pois bem, agora esqueçamo-nos de tudo e vivamos um para o outro.

— Ouviremos a missa do setimo dia, e depois trataremos do nosso casamento.

— Sim, marcae o dia que vos parecer ; sois vós quem mandaes e não Margarida.

— Casar-nos-hemos no dia em que se casar D. Carolina ; quero provar-lhe que ganhei mais do que ella.

— E Cecilia assistirá tambem, para que vejacs que eu tinha razão.

— N'esse dia aconselhou Anselmo, faremos cousa mellior: cumpriremos nossa promessa, dar-lhe-hemos os cincoenta contos de reis de dote, não ?

— Sim, dice Margarida, para que Raphael se apazigue comigo, pois que, instruido pela narração de fr. José de Sancta Genoveva, quiz mal viu o barão expirar, que eu lhe cedesse parte do que a vós vos pertencia, ou quando não, que tudo vos seria divulgado.

— E que importava? Elle não pensou jamis encontrar um coração como o vosso.

— Nem uma alma como a de Henrique.

— E Daniel? interrogou Anselmo.

— Eu vou dar-lhe a liberdade, respondeu a baroneza, e bem assim as cincoentas barras de ouro que o barão lh'as havia dado, não, sr. Henrique?

— Sim, Margarida, que de tudo podeis dispor, menos, porêm

— De que, senhor?

— De meu quadro.

Margarida a sorrir-se, tanto quanto lhe podesse dizer com os seus negros trajos, restituiu-lhe o quadro e as flores, e pediu-lhe que todos os dias a viesse visitar.

Anselmo offereceu o carro ao futuro genro, e partiram ambos para a cidade.

— Ah! dice a baroneza vendo-o sahir, nunca me enganei! Elle foi e será sempre o eleito de meu coração! Agora, sim, possuo a felicidade completa, que nada mais desejo!



XV

O FESTIM

Ha oito dias que Henrique havia esposado a bella Margarida ; contente de sua sorte, tinha disposto tudo para um solemne festim que havia terminar com um faustoso banquete, e para isso convidou a quantos amigos tinha e a quantas pessoas conhecia.

No aprazivel arrabalde de Botafogo, n'uma chacara que alugára de proposito para tal, fez levantar um vasto avarandado em frente da casa, sustentado por cem elegantes columnas, cujos capiteis eram como cocares de palmeiras ; o tecto era composto de palmas verdes de coqueiro que formavam uma abobada de esmeralda, e da qual pendiam fructos de ouro ; da profusão de arandelas que cingiam as columnas, e dos lustres que cahiam do tecto reflectiam centenaes de luzes ; o chão era tapizado de vistosos tapetes, como se a terra se desabrochasse em flores ; de columna em columna prendiam-se gradis enastrados de flores, folhas e fructos naturaes colhidos nas chacaras ou nas florestas do Corcovado ; bellos divans de velludo verde entre pilastras e vasos simu-

lavam assentos de gramma ; ricas cadeiras de canas proprias de jardins, soberbos espelhos que occupavam o vão de uma a outra columna, davam á varanda do baile um aspecto de sumptuosidade, brilho e luxo de mistura com a pompa da natureza.

O toucador destinado para as senhoras dizia com o salão do baile : era como um caramanchão todo de canas tecidas e entrelaçadas de passiflora com suas folhas assetinadas, suas gavinhas de frôco, com seus maracujás de ouro, seus róxos *martyrios* de seda ; coberto de oleado imitando conchas, com assentos de velludo verde e illuminado por globos de cores. O toucador propriamente dito, era uma cascata toda formada de objectos de perfumaria que substituiam as conchinhas e mariscos com primor e graça ; fios de crystal que sahiam da urna de um velho que n'ella se recostava, e que vinham cahir sobre um espelho obliquamente engravado n'uma moldura como se fosse marmore, fingiam aguas, completavam o tanque.

Na sala do festim, que era sob uma alamêda de mangueiras, o tecto era como um docel de flores, d'onde pendiam de involta com globos coloridos e illuminados, os fructos que se deviam servir na cea e exquisitos doces que os imitavam.

Aos ramos das arvores que se cruzavam estavam ligadas por trancelins bonitas cestas de palhinha de taquaras cheias de pombinhas brancas, de cujos bicos ondulavam fitas com dourados disticos.

A mesa descansava sobre pilastras, das quaes sobejavam vasos de porcellana adornados com cardamomo, magnolias, dræcenias, pulcherrimas, e independencias de um effeito maravilhoso, e figuras como que de alabastro revestiam as cabeceiras. No meio um repuxo de marmore, de cujas aguas reflectiam, como que de crystal, as luzes das arandelas presas aos troncos das mangueiras.

No fundo, no logar da cabeceira da mesa, onde deviam sentar-se os noivos via-se um quadro fin-

gindo uma fonte; no outro extremo, um bosque espesso.

O coreto da musica occupava o centro de todo o campreste edificio, mas não era visivel a pessoa alguma.

A' hora aprazada começaram a chegar os convidados em carros ou cavallos, e eram recebidos por Cecilia e Raphael, pois que Henrique e Margarida deviam vir por mar com Carolina e Segismundo e o barão de Itahyba.

Brilhava a lua, e sua frouxa e débia luz se derramava como um manto vaporoso sobre a superficie das aguas da bahia de Botafogo, com seus montes de verdura e seus gigantes de granito.

Ouviu-se uma musica bella e longinqua, e pouco depois avistou-se o escaler de Henrique todo illuminado a espelhar-se na superficie dos aguas.

Tocou a orchestra, e os convidados vieram ao encontro dos ditos noivos.

Margarida, conduzida por Segismundo, Carolina por Henrique e Anselmo com seu filho, penetraram na elegante varanda, recebendo os parabens de toda a sociedade.

— O tal Manoel Luiz, dice o sr. de Itahyba para um conhecido seu, não tinha tanto gôsto!

— Quem? perguntou-lhe o moço.

— O defunto barão.

— Ah! pois bastava-lhe o ser isso!

O sr. de Itahyba abaixou-lhe os hombros e seguiu a examinar todos os adornos.

— Que diabo! murmurou elle, onde pozeram a sala do jogo que não lia saber d'ella?

Pouco depois começaram as contradansas, e a varanda tomou um aspecto esplêndido.

— Não esperaveis tanta sumptuosidade, sra. baroneza?

— Ah! sr. douctor, dice Margarida, chamae-me pelo meu nome.

— Ainda o mereceis ser, insistiu o dr. Silva ao passar por ella n'um *transversé*.

— Mas não o desejo.

— E que dizeis de tudo isso?

— Causou-me summa surpresa, porê m os convidados deviam estar á fantasia, trajando roupas de jardineiros e gentes de campo.

— Seria bello e até poetico.

Henrique estava satisfeito com o contentamento que lhe testemunhavam seus amigos, e para elle o tempo corria rapidamente.

O sr. de Itahyba apenas roncava meio mergulhado n'um macio assento de relva avelludado, abhorrecido de não dar com a sala de jogo.

A's tres horas os cavalheiros, conduzindo as senhoras para a sala do banquete, começou a cêa.

A' saude, dice Henrique entregando um papel a Margarida, da sra. baroneza do Engenho Restaurado!

— Oh! oh! oh! muitos parabens! bradou o unico representante que ali tinha a aristochracia, o barão de Itahyba, a erguer-se nas pontas dos pés.

— Hip! hip! hip! Hurrah! Repetiram todos.

— Vae á ingleza, murmurou Segismundo ao ouvido de sua noiva.

— E entretanto, redarguiu-lhe ella, que eu, filha de um barão, nada tive!

— Ao depois, com vagar, respondeu elle satyricamente; isso se arranja, é um despacho la para o futuro que depende do *presente* de cada um.

Estrondosas gargalhadas rebentaram do extremo da mesa.

— De que se riem elles? perguntou Henrique.

— E' de um pobre que brada ali por uma esmola a taes deshoras, respondeu um dos criados.

— Um pobre um pobre! . . . murmurou Henrique erguendo-se.

— Dê m-lhe la algum osso, e que se retire, dice Segismundo.

— Não ! não ! bradou o novo barão ; faze entrar esse pobre e traze-o até aqui.

O criado obedeceu.

Um velho, coberto de saccos e andrajos, com roto e amassado chapéo pardo n'uma mão, ja sem fórma, e um bordão na outra, chegou-se á Henrique e comprimintou-o.

— Aqui uma cadeira ; comerá a meu lado.

— Ao pé de minha senhora ? perguntou Segismundo.

— N'este caso, entre mim e a baroneza do Engenho Restaurado.

Margarida afastou a sua cadeira com affabilidade.

O mendigo agradeceu, e conservou-se de pé.

E o silencio era solemne e magestoso.

Henrique, servindo-o de vinho por suas proprias mãos, apresentou-lhe o copo.

— E' de *Lavrado*, velho e magnifico ; provae-o !

— A' saude, bradou o pobre, de quem é e será fiel ao seu juramento !

Os convidados chegaram seus calyces aos labios em silencio.

Henrique e Silva cravaram-lhe os olhos.

Então o velho mendigo levou a mão aos cabellos e arrancou a cabelleira.

— Um frade ! bradaram todos a um tempo.

— Fr. José de Sancta Genoveva ! dice Henrique abrindo-lhe os braços.

O frade desembaraçando-se de seus andrajos, abraçou o joven douctor e sentou-se entre Margarida e Henrique.

— Casei-vos, abençoei-vos, dice elle ; reparti milhares de esmolas que destinastes aos pobres, e quiz tambem por um instante assistir a vosso festim.

Henrique, agradecendo-lhe tanta bondade, bateu de leve no quadro que tinha por detrás de si e que representava uma fonte, e começou a tropejar.

Uma como chuva de gottas odorosas cahia das flores sobre os convivas.

De repente augmenta-se a trovoadá, chovem confeitos como granizo, e se transforma o quadro no retrato de Margarida todo illuminado e cercado de flores e luzes brillantissimas.

As pombinhas agitam as brancas azas em seus berços de vimes que se embalançam como que agitados pelo sôpro da viração; myriades de borboletas, trazendo em cada aza versos allusivos ao festim, adejam e cahem sobre os convidados como uma chuva de flores.

O panno do fundo, que representava um bosque, se arregaça, e apparece um jardim todo illuminado; sôa a musica, e meninos vestidos de jardineiros executam breves e ligeiras dansas.

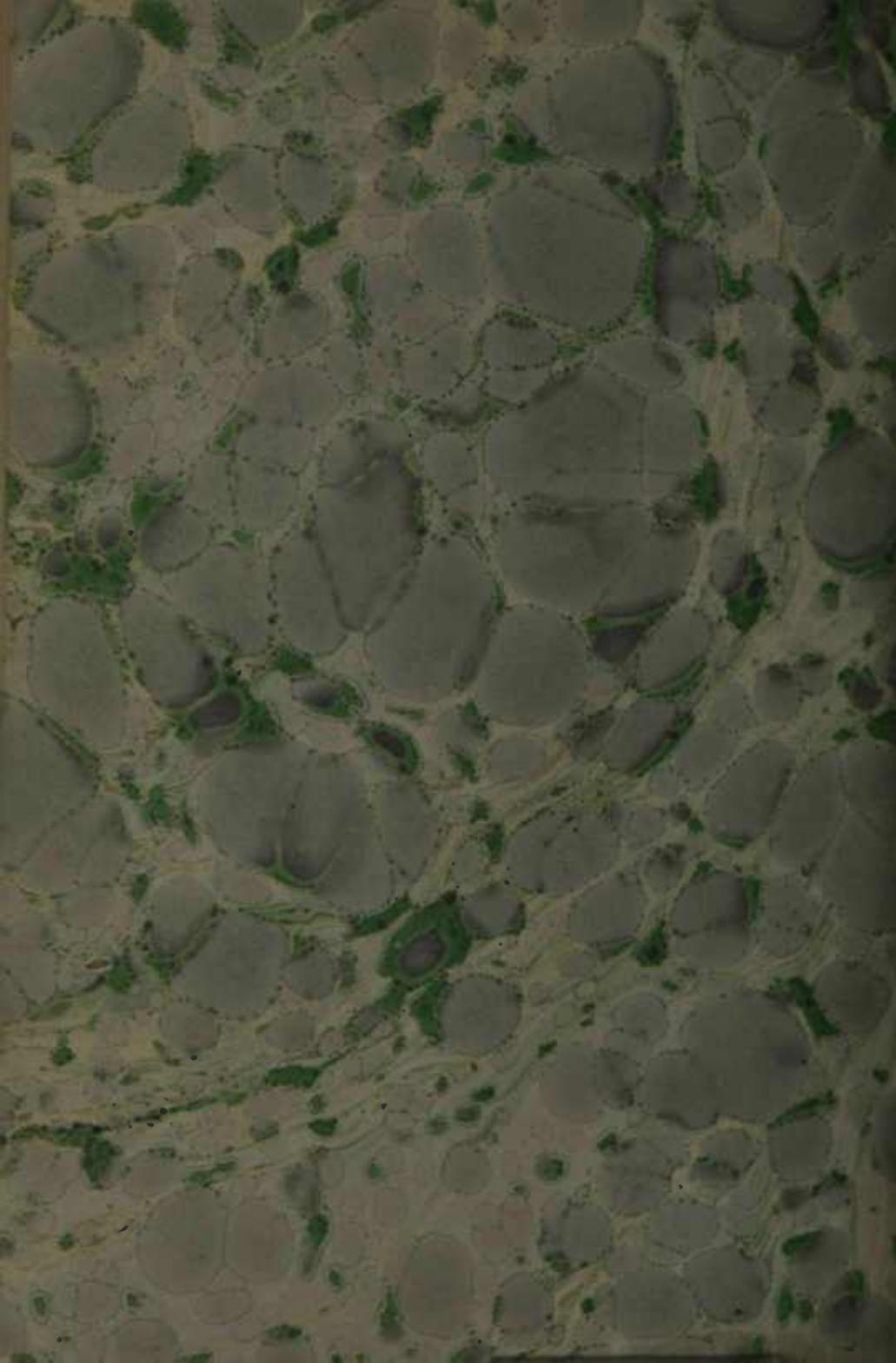
Os convidados se erguem e affluem para o encantado theatro, cujas dansas dão fim ao divertimento.

CONCLUSÃO

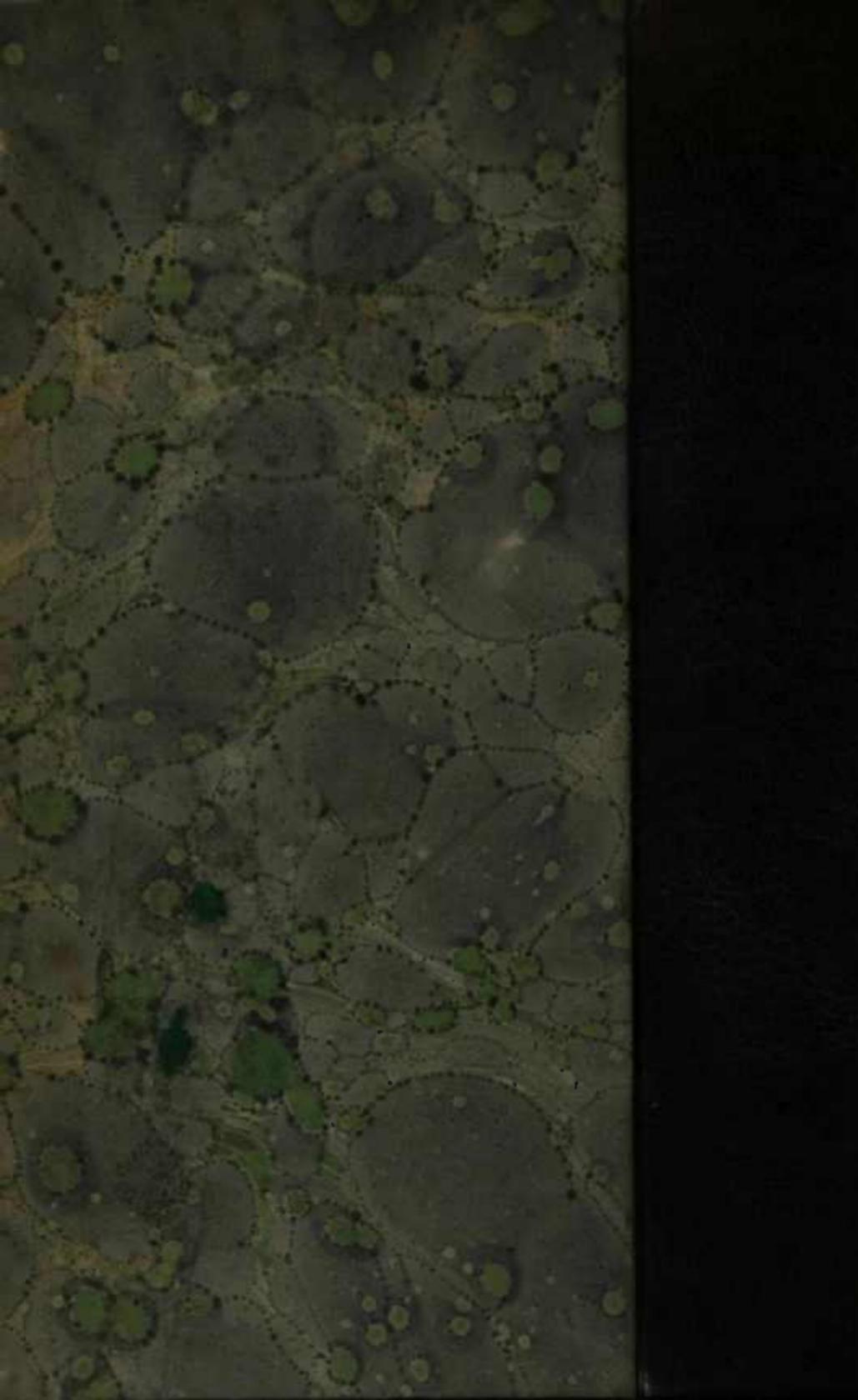
No dia seguinte o barão e a baroneza, acompanhados de Anselmo, embarcavam-se para a interessante e pittoresca Nictheroy e partiam para a sua fazenda do Engenho Restaurado, do rico municipio de Campos.

— Que elles sejam felizes e que Henrique jamais se esqueça de seu juramento! dice o velho monge recebendo a noticia de sua partida.

FIM.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).